

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA –
MESTRADO PROFISSIONAL**

DENISE RUARO RADAELLI

**“SE EU TIVESSE MAIS DEZ FILHOS, EU OS DARIA POR ESSA CAUSA”:
A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE JOÃO RUARO FILHO NA LUTA CONTRA A
DITADURA CIVIL-MILITAR**

**CAXIAS DO SUL
2017**

DENISE RUARO RADAELLI

**“SE EU TIVESSE MAIS DEZ FILHOS, EU OS DARIA POR ESSA CAUSA”:
A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE JOÃO RUARO FILHO NA LUTA CONTRA A
DITADURA CIVIL-MILITAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Caxias do Sul – Mestrado Profissional, área do conhecimento de Humanidades, como requisito para obtenção do título de Mestre em História

Orientadora: Professora Doutora Eliane Gasparini Xerri.

Co-orientadora: Professora Doutora Katani Maria Nascimento Monteiro.

Co-orientador do produto final: Professor Doutor Álvaro F. Moreira Benevenuto Jr.

**CAXIAS DO SUL
2017**

FICHA CATALOGRÁFICA

R124s RADAELLI, Denise Ruaro

Se eu tivesse mais dez filhos, eu os daria por essa causa : A trajetória política de João Ruaro Filho na luta contra a ditadura civil-militar / Denise Ruaro RADAELLI. – 2017.

174 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, 2017.

Orientação: Eliana Gasparini Xerri.

Coorientação: Katani Maria Nascimento Monteiro, Alvaro Fraga Moreira Benevenuto Jr.

1. História. 2. Biografia. 3. Ditadura Civil-Militar. 4. João Ruaro Filho. 5. VAR-Palmare. I. Xerri, Eliana Gasparini, orient. II. Monteiro, Katani Maria Nascimento, coorient. III. Benevenuto Jr, Alvaro Fraga Moreira, coorient. IV. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UCS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**“SE EU TIVESSE MAIS DEZ FILHOS, EU OS DARIA POR ESSA CAUSA”:
A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE JOÃO RUARO FILHO NA LUTA CONTRA A
DITADURA CIVIL-MILITAR**

Denise Ruaro Radaelli

Trabalho de Conclusão de Mestrado submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração: Ensino de História: Fontes e Linguagens. Linha de Pesquisa: Linguagens e Cultura no Ensino de História.

Caxias do Sul, 6 de dezembro de 2017.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Eliana Gasparini Xerri
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Álvaro Fraga Moreira Benevenuto Júnior
Universidade de Caxias do Sul

Prof^ª. Dr^ª. Katani Maria Nascimento Monteiro
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Roberto Radünz
Universidade de Caxias do Sul

Prof^ª. Dr^ª. Verena Alberti (FGV/RJ)
Participação por videoconferência

Dedico esta pesquisa ao meu pai
e a todos aqueles que acreditaram
e se doaram por um mundo melhor.
QUE NÃO SE ESQUEÇA!
QUE NUNCA MAIS ACONTEÇA!



Estúdio
Paula
Caxias

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à Espiritualidade que me ampara e fortalece desde sempre. Nas figuras de Iemanjá, Pai Tomé e El Morya, dedico meu amor e minha GRATIDÃO ao Plano Divino!

Agradeço aos professores e colaboradores do Programa de Pós-Graduação em História pela acolhida e pelo suporte sempre disponíveis. Às professoras Dr^a Eliana Gasparini Xerri e Dr^a Katani Maria Nascimento Monteiro, meu muito obrigada pela orientação sempre humana, paciente e profissional. Ao professor Dr. Álvaro Fraga Moreira Benevenuto Júnior, minha gratidão! Sem sua orientação o desafio da produção videográfica certamente não teria sido tão frutuoso e construtivo. Obrigada por tudo!

À Universidade de Caxias do Sul agradeço pela oportunidade de exercer atividade de monitora II junto às disciplinas EAD da graduação. Além de ser uma rica experiência acadêmica e profissional, a atividade contribuiu para a quitação de parte do mestrado. Da mesma forma, agradeço aos professores a quem prestei serviço de monitoria.

Agradeço também à equipe da Sala de Edição do CETEL, pela atenção e gentileza durante o trabalho de montagem e edição da videografia que compõe este trabalho.

Sou grata às equipes do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Arquivo Público do Estado de São Paulo e Arquivo Nacional, que sempre me atenderam com celeridade, permitindo o fácil acesso às fontes necessárias para esta pesquisa.

Minha gratidão à professora Dr^a Alessandra Gasparotto pela delicadeza com que soube trazer seus apontamentos construtivos na banca de qualificação desta pesquisa de mestrado. Com o mesmo sentimento agradeço à professora Dr^a Verena Alberti e ao professor Dr. Roberto Radünz por aceitarem o convite para a banca final.

Agradeço também a todos os colegas, em especial Aline Speroni, Cláudio da Costa, Daniel da Silva, Guilherme Griebler e Majô Schwingel pela linda amizade construída. Pelos medos, risos, piadas, momentos de estudos e pelos divertidos eventos gastronômicos vividos. Vocês pintaram esta jornada com as cores da alegria! Vida longa a esta amizade! À colega Lara Moncay Reginato, meu agradecimento pelo auxílio em minha iniciação à História Oral. Agradeço também à colega Franciele Becher pela amizade nascida no primeiro semestre da graduação e cultivada vida afora. Além da amizade, sou grata pela ajuda com seus conhecimentos preciosos da língua francesa, Fran! Valeu, pessoal!

Agradeço ao meu esposo, Marcelo, sempre presente e paciente quando eu mesma já estava ausente e impaciente. Estendo o agradecimento aos meus sogros Carmen e Paulo, que me apoiaram afetiva e financeiramente nesta caminhada acadêmica. Agradeço a meus demais amigos e familiares que me apoiaram, suportaram e empurraram para frente nos momentos de inércia e desânimo.

Aos entrevistados, minha sincera gratidão por terem aceitado compartilhar suas memórias para a elaboração desta pesquisa. Paulo de Tarso, Zélia, Mário e Monteiro... Obrigada! Sem suas contribuições esta pesquisa jamais teria tido o mesmo êxito.

Deixo para o final o agradecimento mais especial e mais emocionado: mãe e pai. Dizem que a Língua Portuguesa é um dos idiomas mais ricos. Talvez seja. Mas a pequenez de meu vocabulário desconhece palavras que possam expressar, ainda que aproximadamente, a grandeza do sentimento que nutro por vocês. Quis a Vida que eu não pudesse contar com a presença de vocês nesta caminhada agri-doce da pesquisa. Por vezes aquele abraço, aquele colo, fizeram falta. No entanto, nenhuma das conquistas, das vitórias, teria sido possível sem a base sólida que vocês representam em minha vida. Minha gratidão extrapola os limites das dimensões mais sutis e certamente os alcança, nos conectando em amor puro e sincero.

Mãe. Obrigada por me emprestar teu útero. Obrigada pelas noites que passaste acordada comigo, me ninando e me maternando com doçura desde minha chegada a este planeta. Sou grata por cada minuto, por cada experiência vivida contigo nos vinte e quatro anos em que estivemos juntas. Nosso jeito meio “dura” não nos dava liberdade para essas verbalizações de carinho, mas hoje eu escrevo: te amo para sempre.

Pai. Mais do que meu, este trabalho é teu. É do teu esforço, do teu desprendimento, do teu amor ao próximo que serve até hoje de referência a todos os amigos e familiares que tiveram o prazer de te conhecer. Teu processo de doença e desencarne no meio do curso de mestrado foi um golpe pesado. Mas o teu exemplo de força e doação me impelia a persistir dia após dia.

Busquei encontrar nesta pesquisa fontes que desabonassem a tua conduta e o teu caráter altruísta. Temia que o resultado de minha pesquisa parecesse um culto ao herói. Obviamente, não encontrei. Apesar disso, espero ter conseguido desenvolver um texto com a isenção necessária, sem idolatrias ou panegírico.

Te agradeço como filha, por teres sido o pai mais dedicado que eu poderia ter tido. Levaste para a paternidade uma herança guevarista: *!hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás!* Foste um exemplo de ternura, de firmeza e de compreensão. Te agradeço como cidadã brasileira, que hoje desfruta de uma democracia e de liberdades pelas quais lutaste tanto!

Nossa democracia é frágil e tem demonstrado debilidades perigosas. Para que tuas lutas e teus ideais, como de tantos outros, não tenham sido em vão, deixo aqui minha contribuição e meu agradecimento em forma de dissertação e videografia.

Obrigada, pai, por tudo e por sempre! Te amo!

“...não era isso que eu imaginava para você, naquele tempo.

Não era este país, não era esta falsa paz.

Eu nem conhecia sua mãe e já pensava em você,
e no mundo que eu queria lhe dar, naquele tempo.

Você não existia e já era minha causa.

A minha primeira causa”.

A Mancha

LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO

RESUMO

A pesquisa busca analisar a trajetória de João Ruaro Filho como membro da resistência à ditadura civil-militar brasileira a partir de 1969, até sua candidatura a vereador em Caxias do Sul, em 1982. Apesar de este tema de pesquisa já ter sido objeto de reportagens de jornal, não há ainda pesquisas científicas publicadas. Tangenciando o tema da ditadura civil-militar no Brasil, verifica-se que uma quantidade significativa de obras já foi publicada. No entanto, abordando o contexto específico da reabertura política em Caxias do Sul, a publicação de trabalhos acadêmicos é escassa. Este estudo toma a biografia como caminho de construção do conhecimento histórico. Assim, partindo do indivíduo em suas diversas experiências em tempos e espaços específicos, torna-se possível alcançar os traços marcantes de seu contexto. Frente ao recente (re)surgimento de manifestações pedindo o retorno das forças militares ao poder, este estudo torna-se pertinente uma vez que pretende analisar a resistência de mais um cidadão brasileiro na luta contra o autoritarismo estatal. Por fim, o estudo apresenta considerações sobre a inserção da pesquisa na perspectiva da História Política e História do Tempo Presente, bem como recurso pedagógico através da produção videográfica.

Palavras chave: Biografia. Ditadura civil-militar brasileira. João Ruaro Filho. Trajetória política. Ensino de História.

RÉSUMÉ

La recherche vise à analyser la trajectoire de João Ruaro Filho en tant que membre de la résistance à la dictature civile-militaire brésilienne à partir de 1969 jusqu'à sa candidature au poste de conseiller municipal à Caxias do Sul, en 1982. Bien que ce sujet de recherche ait déjà été l'objet des articles de presse, il n'y a pas encore des recherches scientifiques publiées. En se rapprochant du sujet de la dictature civile-militaire au Brésil, il se vérifie qu'une quantité significative d'œuvres a été déjà publiée. Cependant, en ce qui concerne le contexte spécifique de la réouverture politique à Caxias do Sul, la publication de travaux académiques reste faible. Cette étude comprend la biographie en tant que chemin de construction de la connaissance historique. De ce fait, en partant de l'individu dans ses diverses expériences dans le temps et des espaces spécifiques, Il devient possible d'atteindre les traces les plus marquants de son contexte. Face à la récente (ré)urgence de manifestations appelant le retour des forces militaires au pouvoir, cette étude devient pertinente une fois qu'il a l'intention d'analyser la résistance d'un autre citoyen brésilien dans la lutte contre l'autoritarisme étatique. Enfin, l'étude présente des considérations sur l'insertion de la recherche dans la perspective de l'Histoire Politique et de l'Histoire du Temps Présent, bien comme une ressource pédagogique à travers la production vidéo.

Mots-clés : Biographie. Dictature civile-militaire brésilienne. Enseignement d'Histoire. João Ruaro Filho. Trajectoire politique.

LISTA DE SIGLAS

AHMJSA	Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (Caxias do Sul)
AI-1	Ato-Institucional nº 1
AI-2	Ato-Institucional nº 2
AI-3	Ato-Institucional nº 3
AI-4	Ato-Institucional nº 4
AI-5	Ato-Institucional nº 5
AN	Arquivo Nacional
AP	Ação Popular
APERS	Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul
APESP	Arquivo Público do Estado de São Paulo
APJRF	Arquivo Particular João Ruaro Filho
Arena	Aliança Renovadora Nacional
BNM	Investigação Brasil: Nunca Mais
BNMDigital	Acervo digital da investigação Brasil: Nunca Mais
CEDIC	Centro de Documentação e Informação Científica
CETEL	Centro de Teledifusão Educativa de Caxias do Sul
CNV	Comissão Nacional da Verdade
COLINA	Comando de Libertação Nacional
FAB	Força Aérea Brasileira
FEBEM/RS	Fundação Estadual do Bem-estar do Menor do Rio Grande do Sul
DEOPS/SP	Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo
DOI-Codi	Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
HTP	História do Tempo Presente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
IPM	Inquérito Policial Militar

JOC	Juventude Operária Católica
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MNR	Movimento Nacionalista Revolucionário
MRT	Movimento Revolucionário Tiradentes
M3G	Mao, Marx, Marighella-Guevara
OBAN	Operação Bandeirante
OEA	Organização dos Estados Americanos
ONU	Organização das Nações Unidas
ORM-Polop	Organização Revolucionária Marxista – Política Operária
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PCBR	Partido Comunista Brasileiro Revolucionário
PCUS	Partido Comunista da União Soviética
PIB	Produto Interno Bruto
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RS	Rio Grande do Sul
SESME	Serviço Social do Menor
SNI	Serviço Nacional de Informações
SOPS	Secretaria de Ordem Política e Social
SP	São Paulo (estado)
UAB	União das Associações de Bairros (Caxias do Sul)
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UGES	União Gaúcha de Estudantes Secundaristas
UGETI	União Gaúcha de Estudantes Técnicos e Industriais
UGEEC	União Gaúcha de Estudantes do Ensino Comercial
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNIJUÍ	Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
VAR-PALMARES	Vanguarda Armada Revolucionária Palmares
VPR	Vanguarda Popular Revolucionária

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – João Ruaro Filho (E) e José Ruaro (D)	40
FIGURA 2 – Ruaro em entrevista ao Jornal Pioneiro em 2011	46
FIGURA 3 – Ruaro (D) em festa de casamento no ano de 1967	56
FIGURA 4 – Prédio onde se localizava o aparelho da VAR-Palmares em Caxias do Sul	62
FIGURA 5 – Imagem atual da rua onde se localizava o aparelho de Ruaro em Osasco	67
FIGURA 6 – Ruaro (E) na Jodeca	79
FIGURA 7 – Mobilização do Dia Internacional da Mulher em São Petersburgo, Rússia	88
FIGURA 8 – Lenin discursando para multidão	89
FIGURA 9 – Giovanni Ruaro (avô)	89
FIGURA 10 – João Ruaro (pai)	90
FIGURA 11 – João Ruaro Filho	90
FIGURA 12 – João Ruaro Filho (E) e José Ruaro (D)	91
FIGURA 13 – Maria Lydia de Andrade Ruaro	91
FIGURA 14 – Jornal Voz do Povo (1)	92
FIGURA 15 – Jornal Voz do Povo (2)	93
FIGURA 16 – Jornal Voz do Povo (3)	94
FIGURA 17 – Jornal Voz do Povo (4)	95
FIGURA 18 – Caxias do Sul (1)	96
FIGURA 19 – Certificado de Reservista de Ruaro	96
FIGURA 20 – Carteira Profissional de Ruaro (1)	97
FIGURA 21 – Ruaro e Paulo de Tarso Carneiro	98
FIGURA 22 – Festa de casamento de Mário e Sandra Benetti	99
FIGURA 23 – Família Ruaro (1)	99
FIGURA 24 – Família Ruaro (2)	100
FIGURA 25 – Família Ruaro (3)	100
FIGURA 26 – Família Ruaro (4)	101
FIGURA 27 – Colégio Estadual Dom João Becker	102
FIGURA 28 – Carteira de Estudante (1)	103
FIGURA 29 – Histórico Escolar	103
FIGURA 30 – Carteira de Sindicato	104
FIGURA 31 – Carteira Profissional de Ruaro (2)	104
FIGURA 32 – Porto Alegre (1)	104

FIGURA 33 – Porto Alegre (2)	105
FIGURA 34 – Voz Operária (1)	105
FIGURA 35 – Manifestação (1)	106
FIGURA 36 – Ruaro (2)	106
FIGURA 37 – Voz Operária (2)	109
FIGURA 38 – Luís Carlos Prestes	110
FIGURA 39 – XX Congresso do PCUS	110
FIGURA 40 – Manifestação (2)	111
FIGURA 41 – Movimento Estudantil (1)	111
FIGURA 42 – Movimento Estudantil (2)	112
FIGURA 43 – Jornal do Brasil	113
FIGURA 44 – Imprensa de resistência (1)	114
FIGURA 45 – Imprensa de resistência (2)	115
FIGURA 46 – Imprensa de resistência (3)	116
FIGURA 47 – Revolução Cubana	117
FIGURA 48 – VAR-Palmares - militantes	117
FIGURA 49 – Ruaro (3)	118
FIGURA 50 – Imprensa de resistência (4)	119
FIGURA 51 – Jornal Pioneiro (1)	120
FIGURA 52 – Caxias do Sul (2)	121
FIGURA 53 – Caxias do Sul (3)	121
FIGURA 54 – Movimento Estudantil (3)	122
FIGURA 55 – Processo AN (1)	123
FIGURA 56 – Organograma	124
FIGURA 57 – Processo AN (2)	124
FIGURA 58 – Imprensa de resistência (5)	125
FIGURA 59 – Repressão (1)	125
FIGURA 60 – Imprensa de resistência (6)	126
FIGURA 61 – Imprensa de resistência (7)	127
FIGURA 62 – Diário de Notícias	128
FIGURA 63 – Processo AN (3)	129
FIGURA 64 – Processo AN (4)	130
FIGURA 65 – Correio da Manhã	131
FIGURA 66 – Aparelho VAR-Palmares – Osasco/SP	132

FIGURA 67 – Processo APESP (1)	132
FIGURA 68 – Processo APESP (2)	133
FIGURA 69 – Dedicatória Pedro Ruaro	133
FIGURA 70 – Ruaro (4)	134
FIGURA 71 – General Amaury Krueel	135
FIGURA 72 – Presidente general Castelo Branco	136
FIGURA 73 – Processo APESP (3)	136
FIGURA 74 – Processo APESP (4)	137
FIGURA 75 – Processo APESP (5)	137
FIGURA 76 – Imprensa de resistência (8)	138
FIGURA 77 – Tortura (1)	138
FIGURA 78 – Tortura (2)	139
FIGURA 79 – Tortura (3)	139
FIGURA 80 – Tortura (4)	140
FIGURA 81 – Alexandre Vannucchi Leme	140
FIGURA 82 – Tortura (5)	141
FIGURA 83 – Imprensa de resistência (9)	141
FIGURA 84 – Imprensa de resistência (10)	142
FIGURA 85 – Imprensa de resistência (11)	143
FIGURA 86 – Imprensa de resistência (12)	143
FIGURA 87 – Imprensa de resistência (13)	144
FIGURA 88 – Repressão (2)	144
FIGURA 89 – Ruaro (5)	145
FIGURA 90 – Tortura (6)	145
FIGURA 91 – João Ruaro Filho e José Ruaro	146
FIGURA 92 – João Ruaro Filho e José Ruaro adultos	147
FIGURA 93 – Júlio Ruaro (1)	147
FIGURA 94 – Júlio Ruaro (2)	148
FIGURA 95 – Ismael Ruaro	148
FIGURA 96 – Jornal Pioneiro (2)	149
FIGURA 97 – Ruaro (6)	150
FIGURA 98 – José Ruaro	150
FIGURA 99 – Irmãos Ruaro	151
FIGURA 100 – Imprensa de resistência (14)	152

FIGURA 101 – Manifestação (3)	153
FIGURA 102 – Manifestação (4)	153
FIGURA 103 – Movimento Custo de Vida	154
FIGURA 104 – Repressão (3)	155
FIGURA 105 – Exilados	156
FIGURA 106 – Comissão Nacional da Verdade (1)	156
FIGURA 107 – Comissão Nacional da Verdade (1)	157
FIGURA 108 – Ruaro (7)	157
FIGURA 109 – Ruaro (8)	158
FIGURA 110 – Imprensa de resistência (15)	158
FIGURA 111 – Ficha Ruaro – DEOPS	159
FIGURA 112 – Ruaro (9)	159
FIGURA 113 – Ruaro (10)	160
FIGURA 114 – Panfleto Ruaro	160
FIGURA 115 – Ruaro (11)	161

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
1 “ONDE VOCÊ SUPRIMIR A LIBERDADE, NÃO HÁ REGIME QUE SIRVA PARA O SER HUMANO”	37
1.1 DAS ORIGENS SOCIAIS	37
1.2 PORTO ALEGRE: CONTATO COM O PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO, COM O SINDICATO E COM A LUTA ARMADA	41
2 “A PRISÃO SEMPRE FOI A UNIVERSIDADE DO REVOLUCIONÁRIO”	57
2.1 O SONHO DE CONSTRUIR UM EXÉRCITO POPULAR	57
2.2 A MILITÂNCIA EM SÃO PAULO	63
2.3 RUMO À LIBERDADE: NOVOS PROJETOS	74
3 PRODUTO SOCIAL: VIDEOGRAFIA	84
3.1 O PROCESSO E A METODOLOGIA DA PRODUÇÃO	86
3.1.1 Episódio 1: Meu nome é João, João Ruaro Filho	87
3.1.2 Episódio 2: O irmão, o amigo, o camarada	97
3.1.3 Episódio 3: O Militante	101
3.1.4 Episódio 4: VAR-Palmares	107
3.1.5 Episódio 5: A Prisão	122
3.1.6 Episódio 6: A Tortura	134
3.1.7 Episódio 7: Uma família comunista	146
3.1.8 Episódio 8: 40 anos depois	151
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
REFERÊNCIAS	165
ANEXOS	170

INTRODUÇÃO

*“A luta da liberdade contra a tirania
é a luta da memória contra o esquecimento”.*
Milan Kundera

Quando iniciei minha graduação em História, nos idos de 2004, uma certa expectativa brotou no seio da família e entre alguns amigos: as pessoas cobravam que eu escrevesse a história de meu pai, João Ruaro Filho. Já no primeiro semestre, na disciplina de Introdução ao Estudo da História, essa ideia começou a tomar forma, embora ainda de maneira muito incipiente e sem a menor noção do que seria de fato uma biografia histórica. Tratava-se apenas de um pequeno exercício de escrita biográfica. A expectativa dos familiares e amigos pela biografia de meu pai se dava em função de sua trajetória política como membro da resistência à ditadura civil-militar entre as décadas de 1960 e 1970. Já na década de 1980, foi vereador em Caxias do Sul.

Após um tempo afastada do curso de História, novamente a ideia de investigar a trajetória política de Ruaro surgiu como projeto de pesquisa na disciplina de Teoria e Metodologia da História II. Este projeto criou corpo e resolvi ingressar no Programa de Pós-graduação em História da UCS para desenvolver a pesquisa como trabalho de conclusão do mestrado profissional. O momento escolhido talvez não fosse também o mais propício. Quando ingressei no mestrado meu pai já estava bastante debilitado, adoentado e internado em uma clínica especializada para cuidados geriátricos. A dor da perda iminente era latente, mas não podia me impedir de seguir com os estudos. Perdi meu pai em 14 de abril de 2016, seis meses antes do exame de qualificação, em plena escrita deste texto.

Um traço marcante da personalidade de meu pai era o amor à leitura. Lia de tudo. Literatura brasileira e internacional, filosofia, psicologia, história, ciências sociais, literatura espírita, entre tantos outros assuntos. Quando não tinha nenhum livro para ler, lia um dicionário da língua portuguesa. Seu acúmulo de leituras possibilitou a construção de saberes sobre muitos temas, e seu especial interesse por história e política o aproximou das Ciências Humanas. Eu, quando criança, brincava com seus livros, o acompanhava às bibliotecas e ouvia suas histórias.

Algumas destas histórias, por longo período, significaram para mim apenas memórias tristes e que remetiam a muita dor. Tratavam-se das histórias de meu pai sob o regime civil-

militar e as agruras sofridas por ele e outros membros da resistência. O incômodo que estas memórias me traziam fizeram com que eu buscasse uma rota de fuga. E fugi pela negação! Neguei até os próprios livros, pois sentia vontade de eliminar fisicamente as coisas que me remetessem à História e, especialmente, à História do Brasil no século XX. Tranquei a faculdade de História. Selecionei diversos materiais em minha casa e, com a incrível¹ autorização do meu pai para queimar uma vasta quantidade de livros, correspondências, material de campanha eleitoral de sua candidatura a vereador (1982) e a deputado estadual (1989), dei cabo do material na minha “Fogueira Santa”! Uma ponta de sentimento de vingança e revanche invadia meu coração enquanto o fogo ardia.

Queimei livros cujo título não me recordo, mas algumas memórias rotas me remetem a autores com nomes russos, títulos que falavam sobre assuntos relacionados ao socialismo, marxismo, revoluções russa e cubana, cartas trocadas com companheiros de ideologia, documentação do período de vereança em Caxias do Sul na década de 1980. Enfim, certamente foram queimadas ricas fontes históricas que poderiam acrescentar informações valiosas a esta pesquisa. E, por que não, até dar rumos diferentes e levar a conclusões diversas.

A família e os amigos continuam aguardando pela biografia do ente querido, mas temo que suas expectativas talvez não sejam atendidas. A maioria deles espera por um verdadeiro culto ao herói, ao Ruaro que venceu a repressão, que venceu as eleições de 1982, que venceu uma vida de dificuldades e de lutas. No entanto, sabe-se que este tipo de estrutura não condiz com uma biografia histórica de modelo renovada. A interpretação dada às fontes nesta pesquisa talvez apresente um Ruaro não tão linear, tão progressivo e nem tão heroico assim.

Inicialmente, cabe lembrar que a história da América Latina foi maculada por golpes civis e/ou militares nas décadas de 1960 e 1970, responsáveis pela implantação de governos autoritários e violentos. Conforme Padrós (2009a), desde meados da década de 1950 alguns países latino-americanos viam seus cenários sociopolíticos se desestabilizando², de forma que a partir da década de 1960, a deflagração dos golpes de governo se tornou possível, instaurando ditaduras em países do Cone Sul.

¹ A essa altura, meu pai já estava recolhido ao descanso da vida privada. Suas últimas atuações no meio político foram a campanha eleitoral para presidente de 2002, em que fez campanha para o então candidato Luís Inácio Lula da Silva. Após esta eleição, meu pai optou por evitar envolvimento direto com a política. Sua autorização para a queima dos livros e materiais diversos se deu no momento em que preparávamos nossa mudança de residência, momento propício para desapegar-se de objetos em desuso.

² Padrós aponta casos como o fim da Revolução Boliviana (1952); a intervenção norteamericana na Guatemala (1954); a morte de Getúlio Vargas (1954) e o fim do governo de Juan D. Perón, na Argentina (1955) como sinais de uma tendência histórica latino-americana de “intervenções militares saneadoras, sínteses do autoritarismo latente dos setores dominantes e da profunda assimetria na concentração de riqueza”. (PADRÓS, 2009a, p. 50).

O medo de novas revoluções, como o exemplo cubano, e o auge da Guerra Fria criavam uma atmosfera de perigo comunista constante. Os regimes autoritários de governo instaurados nos países do Cone Sul tinham apoio financeiro e intelectual dos Estados Unidos³, que possuíam interesses no total desmantelamento dos avanços de grupos defensores de ideologias de esquerda. Os interesses americanos estavam fundamentados em sua Doutrina de Segurança Nacional, que foi idealizada para conter os avanços do comunismo especialmente nos países do Terceiro Mundo.

Na prática, poderiam ser considerados avanços comunistas todo e qualquer ato que ferisse as ambições político-econômicas americanas. Fernandes (2013) aponta que uma das ideias centrais da Doutrina de Segurança Nacional era a de *inimigo interno*, compreendido como os movimentos sociais ou os militantes simpáticos ao comunismo. Fernandes atenta ainda para o fato de os próprios golpes dados nos países do Cone Sul serem justificados como medida preventiva contra o avanço ou a instalação do comunismo nestas terras.

A defesa contra o inimigo interno deu origem aos sistemas de repressão por parte dos governos, sem a necessidade de “diferenciação entre violência preventiva e violência repressiva”. (FERNANDES, 2013, p. 180). Travavam-se verdadeiras guerras contra o perigo comunista. O inimigo poderia estar tanto dentro do território nacional quanto no exterior, na condição de exilado ou fugitivo.

Além disso, os inimigos internos de outros países também deveriam ser combatidos. Comblin (1978, p. 55) afirma que “a segurança nacional talvez não saiba muito bem o que está defendendo, mas sabe muito bem *contra* quem: o comunismo”. Assim, Comblin demonstra que toda e qualquer manifestação que ferisse os interesses dos Estados Unidos poderia ser identificada *a priori* como “comunista”. Por extensão, pode-se aferir que no caso brasileiro, todas as manifestações contrárias aos interesses da ditadura, daqueles que mantinham o poder político e econômico, poderiam ser consideradas como ameaças comunistas.

Fernandes (2013) aponta outra característica marcante da Doutrina de Segurança Nacional, que consiste na ideia de “fronteiras ideológicas”, o que justificava intervenções estrangeiras como a dos Estados Unidos no Cone Sul. Complementando a ideia da autora,

³ Sobre a influência dos Estados Unidos da América na ditadura civil-militar brasileira existem várias fontes, entre elas: Fico (2008) que, em *O grande irmão da Operação Brother Sam aos anos de chumbo: o governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira*, apresenta extensa pesquisa sobre o assunto. O historiador analisa vasto acervo de fontes que abordam a campanha americana de desestabilização do governo Jango, além de documentos que comprovam o suporte massivo estadunidense à instauração e manutenção da ditadura civil-militar no Brasil. Ainda sobre o mesmo assunto, ver também o documentário *O dia que durou 21 anos*, de Camilo Tavares. (2012). O documentário revela os bastidores da participação dos Estados Unidos no golpe civil-militar brasileiro.

Padrós (2009a, p. 49) argumenta que as ditaduras do Cone Sul criaram a Operação Condor para atuar como mecanismo repressivo além-fronteiras no combate aos exilados políticos de esquerda em toda a região.

No caso brasileiro, o golpe de Estado deu-se no dia 31 de março de 1964, como resposta da direita contra o perigo comunista. A partir de então, diversos presidentes sucederam-se no Brasil, dando sequência a mais de 20 anos de interdição da democracia, desrespeito aos direitos constitucionais, violação dos direitos humanos: mortes, desaparecimentos, torturas.

Para uma contextualização do ponto de vista demográfico, o recenseamento de 1960 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1962) contabilizava um total 70.967.185 habitantes. Já a população do Rio Grande do Sul contava 5.448.823 pessoas, sendo que 641.173 viviam em Porto Alegre. Em Caxias do Sul, o recenseamento indicava 102.702 habitantes. É em meio a este cenário que ocorre a participação política do cidadão caxiense, João Ruaro Filho. Nascido em 1938, descendente de imigrantes italianos por parte de pai e de família materna brasileira, Ruaro revela em uma de suas entrevistas⁴, que teve em sua infância a influência política do pai e do avô paterno, que apesar de pouca escolaridade, possuíam consciência política, tomando partido de ideais de esquerda.

Após viver quase toda a infância e adolescência no interior de São Francisco de Paula, município situado nos Campos de Cima da Serra do Rio Grande do Sul, Ruaro relata que se transferiu para Porto Alegre para cumprir as obrigações militares. Depois de servir ao quartel, permaneceu na capital gaúcha para dar continuidade aos estudos e trabalhar. Ali, entrou para o Partido Comunista Brasileiro (PCB) ainda enquanto cursava o curso ginasial, no início da década de 1960, e engajou-se nos movimentos de resistência à ditadura.

A militância política de Ruaro abriu caminho para que participasse da VAR-Palmares⁵ e culminou com sua prisão, tortura, e condenação a doze meses de reclusão por crime de

⁴ Entrevista concedida por Ruaro ao Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, de Caxias do Sul (AHMISA), no ano de 2004.

⁵ Vanguarda Armada Revolucionária Palmares. Organização política armada de extrema esquerda no Brasil, com forte atuação contra a Ditadura Civil-Militar nas décadas de 1960 e 1970. Sobre a VAR-Palmares, ver Reis Filho e Sá. (2006). Já sobre a atuação da VAR-Palmares no Rio Grande do Sul, ver Dias. (2014).

subversão⁶ e terrorismo⁷, entre 1970 e 1971. Após o cumprimento da pena, João afirma em entrevista ter regressado à uma vida de trabalhador sem atuação política muito intensa, embora continuasse atuante no movimento sindical. Uma década mais tarde, em 1982, é eleito vereador em Caxias do Sul pelo PMDB, pois o PCB permanecia na ilegalidade. Sua vereança foi marcada pela defesa de propostas em prol dos Direitos Humanos, haja vista que Ruaro foi o proponente do projeto que criou a Comissão de Direitos Humanos da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul, em 1984.

Mas, afinal, quem foi João Ruaro Filho? Quais suas origens sociais? Que circunstâncias e que recursos⁸ possuía que permitiram seu ingresso no campo político? De que forma se deu sua militância, quais foram suas ações? Quais as continuidades e as descontinuidades de sua trajetória política? Por que biografá-lo?

Para dar conta dos questionamentos acima, foram analisadas fontes referentes aos dois períodos da trajetória política de Ruaro: a resistência à ditadura e a época que antecedeu sua candidatura para vereador. O acervo particular de documentos de Ruaro, composto por documentos particulares de identificação, comprovante de escolaridade, carteiras de identificação de sindicatos e órgãos estudantis, reportagens de jornais com depoimentos de Ruaro, correspondência privada e fotografias foi denominado para esta pesquisa como Acervo Particular João Ruaro Filho (APJRF).

Além dos documentos do APJRF, foram buscadas cópias fotográficas dos processos abertos por Ruaro e seus irmãos José e Júlio Ruaro⁹, requerendo indenização do estado do Rio

⁶ A pesquisa *Brasil: Nunca Mais* demonstrou que o entendimento sobre atos de “subversão” era bastante elástico por parte dos órgãos de repressão da ditadura civil-militar. Poderiam ser enquadrados como crime de subversão uma série de atos, como “doutrinação comunista”, “incitação à luta de classes”, “pregação do ódio entre as classes”, “atos de guerra psicológica adversa”. Em suma, compreendia-se que “subverter é tentar transformar o que hoje existe; como o regime atual representa a vontade da Nação, tentar mudá-lo é, pois, delito. E todo delito merece punição”. (ARQUIDIOCESE, 2014, p. 158).

⁷ Padrós (2005), em sua tese de doutoramento, explica que são caracterizados como terrorismo atos violentos, normalmente de cunho político de extrema direita ou extrema esquerda, que visem causar terror, pânico a uma determinada população ou grupo, com o intuito de pressionar um governo ou a população civil na busca de objetivos políticos ou sociais. No caso do Brasil, que adotara as políticas da Doutrina de Segurança Nacional durante a ditadura civil-militar, o conceito de terrorismo podia assumir o lugar de sinônimo de comunismo e revolução.

⁸ O conceito de recurso está associado às ideias de Bourdieu, que o aplica para explicar os conhecimentos acumulados por um sujeito, que o colocam em situação de destaque entre os demais. (BOURDIEU, 2001, p. 187-188).

⁹ José Ruaro e Júlio Ruaro também foram presos e torturados pelos órgãos de repressão da ditadura, acusados de crimes contra a segurança nacional. José, aos 32 anos, foi mantido preso em Porto Alegre por quase sete meses (de 23/04/1970 à 19/11/1970). Por sua vez, Júlio, aos 24 anos, foi preso em 08/04/1970, permanecendo detido por alguns dias. As fontes consultadas não especificam a quantidades de dias que Júlio permaneceu na prisão. Os processos estão arquivados no APERS com numeração 1340-1200.98-3, 1394-1200.98-3 e 3580-1200.98-1.

Grande do Sul pelos danos causados pelas perseguições e prisões na ditadura civil-militar.¹⁰ Estes três processos originais encontram-se sob a guarda do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS).

Junto ao Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP), na seção do acervo do extinto Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS/SP), foram encontrados os documentos que compõem parte do processo judicial que resultou na prisão e condenação de Ruaro a um ano de reclusão em São Paulo em 1970. Após contatos e solicitação via correio eletrônico, recebi cópias autenticadas de toda a documentação disponível. O fato de a solicitante ser parente em primeiro grau de Ruaro facilitou o acesso às cópias¹¹.

Partes de um quarto processo judicial utilizado como fonte, foram localizadas junto ao Arquivo Nacional (AN)¹². O material estava todo digitalizado e foi disponibilizado eletronicamente. Este processo se refere a uma tentativa de sabotagem de um avião da Força Aérea Brasileira (FAB) no Aeroporto Salgado Filho de Porto Alegre, em 1965. Ruaro foi acusado terrorismo em função de sua provável participação neste caso.

Outra categoria de documentos de suma importância para esta pesquisa são as fontes orais. Foram analisadas entrevistas concedidas por Ruaro e outros militantes ao Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, de Caxias do Sul (AHMJSA): Domingos Lori dos Santos e Paulo de Tarso Carneiro. Além disso, foram realizadas entrevistas com familiares e amigos de Ruaro, gravadas em vídeo. Todas as demais fontes documentais acima mencionadas serviram de apoio para a análise das fontes orais. Conforme Alberti (2004, p. 30), “se o emprego da história oral significa voltar a atenção para as versões dos entrevistados, isso não quer dizer que se possa prescindir de consultar às fontes já existentes sobre o tema escolhido”. A autora ressalta a importância da história oral, bem como de suas técnicas de produção de entrevistas, no sentido de estudar um determinado acontecimento, período histórico, grupo, instituição ou movimento através das falas de indivíduos que os vivenciaram em alguma medida. Todas as entrevistas utilizadas para esta pesquisa estão listadas no quadro a seguir.

¹⁰ Ruaro também requereu reparação financeira da União, tendo sido indenizado. Optou-se por não buscar este processo pelo fato de a documentação produzida para ele era a mesma do processo estadual.

¹¹ Os documentos estão arquivados no APESP sob os códigos BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNF002307, BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFICONSJ000936, DEOPSSPJ007610. Alguns documentos consultados não tiveram seus códigos de referência informados pelo APESP, sendo que as cópias físicas foram recebidas pelo correio.

¹² BR RJANRIO TT.0.MCP, PRO 68.

Quadro 1 – Relação de entrevistas

Entrevistado	Idade	Profissão	Local	Data	Duração	Entrevistador
João Ruaro Filho	65	Aposentado	Caxias do Sul. AHMJSA.	16/07/2003	82 minutos	Sônia Storchi Fries e Verônica Feldkircher
	66			10/08/2004	149 minutos	Antônio Leite e Sônia Storchi Fries
Paulo de Tarso Carneiro	71	Advogado	Caxias do Sul. AHMJSA.	13/12/2013	108 minutos	Sônia Storchi Fries e Orlando Michelli
	74		Porto Alegre. Casa da cônjuge do entrevistado.	19/06/2016	81 minutos	Denise Ruaro Radaelli e Lara Moncay Reginatto
Domingos Lori dos Santos	71	Aposentado	Caxias do Sul. AHMJSA.	04/03/2009	168 minutos	Sônia Storchi Fries e Édio Elói Frizzo
Zélia Vanda Ruaro Xavier	64	Do lar	Caxias do Sul. Casa da entrevistada.	08/08/2016	45 minutos	Denise Ruaro Radaelli
Mário Luiz Benetti	60	Empresário	Caxias do Sul. Casa do entrevistado.	07/08/2016	61 minutos	Denise Ruaro Radaelli
José Carlos Monteiro	62	Professor	Universidade de Caxias do Sul.	24/03/2017	43 minutos	Denise Ruaro Radaelli

As duas entrevistas de Ruaro foram concedidas ao AHMJSA para integrarem o Banco de Memória. A primeira conta com a temática “Política – Partido Comunista Brasileiro”, enquanto a segunda integra a temática “Guerra e Revoluções – Revolução de 1964 – prisioneiros políticos”. A gravação foi realizada apenas em áudio, havendo interferências das ondas da Rádio Atlântida, que torna alguns trechos inaudíveis.

A primeira entrevista de Carneiro, realizada em 2013, também integra o Banco de Memória do AHMJSA, com a temática “Política: Regime Militar de 1964 – prisões, torturas” e foi gravada somente em áudio. Entretanto, foi utilizada apenas a versão transcrita da entrevista. Sua contribuição para esta pesquisa foi especialmente a respeito da compreensão dos movimentos de resistência no Rio Grande do Sul. Já a segunda entrevista de Carneiro foi realizada especialmente para esta pesquisa, na residência de sua companheira, dois meses depois do falecimento de Ruaro. Conheci Carneiro em um evento acadêmico na Universidade de Caxias do Sul em 2015. A entrevista se justificou pelo fato de Carneiro ter militado junto com Ruaro na VAR-Palmares. Suas falas foram relevantes para o estudo da trajetória de Ruaro junto a esse grupo e ao PCB, além de possibilitar uma abordagem sobre a resistência e a repressão da ditadura na Serra Gaúcha.

A entrevista de Domingos Lori dos Santos, concedida ao AHMJSA para compor o Banco de Memória, com a temática “Política – Partido Comunista Brasileiro”, trouxe para esta

pesquisa informações acerca da granja Jodeca¹³ (propriedade rural que servia como aparelho do PCB no final da década de 1970 e 1980) e de sua utilização para reuniões políticas.

A quarta entrevistada do quadro, Zélia Vanda Ruaro Xavier, é irmã de Ruaro e concedeu seu depoimento especialmente para esta pesquisa. A entrevista foi realizada quatro meses depois do falecimento de Ruaro. A fala de Zélia foi relevante em aspectos como as origens e relações familiares de Ruaro, ideais de esquerda na família e militância política de Ruaro. A entrevista sofreu breves interrupções em sua gravação em função de ruídos advindos de uma reforma na residência de um vizinho de Zélia.

A entrevista de Mário Luiz Benetti também foi concedida especificamente para esta pesquisa. Benetti e Ruaro se conheceram no final da década de 1970, militando no PCB e no movimento sindical. Ruaro e sua esposa, Juraci, eram amigos de Benetti e padrinhos de seu filho primogênito, nascido em 19 de novembro de 1987). A principal contribuição dos relatos de Benetti foi para a análise da trajetória política de Ruaro na década de 1980 e da Jodeca.

A última entrevista, concedida por José Carlos Monteiro, e contribuiu especialmente para a análise da trajetória política de Ruaro na década de 1980, sua campanha para vereador em 1982, seu período de vereança bem como para a compreensão do papel da Jodeca. Monteiro e Ruaro tornaram-se amigos quando ele trabalhou como seu assessor parlamentar na Câmara de Vereadores de Caxias do Sul.

Além das contribuições citadas acima, todas as entrevistas mencionadas trouxeram contribuições relevantes e diversificadas sobre o contexto do objeto desta pesquisa. Com o intuito de responder às perguntas centrais desta pesquisa, a trajetória política de Ruaro foi analisada no contexto da ditadura civil-militar brasileira e da reabertura política, como já foi dito, em forma de estudo biográfico. De imediato, é importante destacar que, conforme observa Schmidt,

a biografia histórica é história, portanto, precisa se pautar pelos procedimentos de pesquisa e pelas formas narrativas próprias a essa disciplina que se propõe a explicar e/ou a compreender o passado. Assim, a prática do gênero, pelo menos em âmbito acadêmico, deve estar subordinada às regras do métier, entre as quais se destacam a necessidade de se ter como guia de investigação um problema de pesquisa histórico formulado a partir de referências conceituais e de fontes documentais apropriadas, e a de se expor os resultados do trabalho em um texto que remeta ‘para fora’ do texto, ou seja, que indique os procedimentos analíticos utilizados e os materiais empíricos que subsidiaram a investigação. (SCHMIDT, 2012, p. 195).

¹³ Sobre a Jodeca, ver maiores explicações no capítulo 2.

Referindo-se à necessidade de garantir as “marcas de historicidade” que caracterizam o trabalho do historiador, Schmidt alerta, ainda, que a aposta no gênero biográfico pelo historiador requer uma atitude ética, pois, “para o historiador biógrafo em particular, não existem fatos importantes em si, que precisam ser revelados ‘do a quem doer’; além disso, o que lhes interessa não é o inusitado por ele mesmo”. A aposta biográfica deve considerar, sobretudo, o “respeito pelo personagem biografado – no sentido de compreendê-lo em sua historicidade e não como celebridade a ser desnudada – e respeito pelas regras, historicamente construídas, do ofício de historiador”. (SCHMIDT, 2014, p. 142).

No caso específico da biografia de Ruaro, dada a relação familiar entre objeto e sujeito de análise, a questão da subjetividade e proximidade torna-se ainda mais latente. Neste sentido, François Bédarida (2005, p. 223) afirma que “não se pode mencionar um objeto sem mencionar ao mesmo tempo quem o apreende e como ele o apreende. Donde a impossibilidade de separar o objeto do sujeito”¹⁴. Bédarida pondera ainda que, apesar do discernimento e rigor científico do historiador, este não pode ser neutro, uma vez que isto não seria possível pela sua condição de consciência humana. Ao escolher um determinado tema/objeto de pesquisa, ao envolver-se com tal tema no decorrer da pesquisa, o próprio historiador já entra em uma relação subjetiva de escolhas, de afinidades e de interpretações.

Algumas reflexões de ordem teórico-metodológica têm norteado esse estudo. Neste sentido, a pesquisa se aproxima de estudos de Pierre Bourdieu (2005), quando este discorre sobre os perigos da *ilusão biográfica*, aludindo que as histórias de vida tendem a ser compreendidas de forma linear, cronológica, com uma razão de ser. Além disso, o autor adverte que os relatos autobiográficos normalmente partem da

preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário. (BOURDIEU, 2005, p. 75).

Bourdieu está chamando atenção para o fato de que uma vida só pode ser entendida se levarmos em consideração “os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou”, ou seja, compreender uma trajetória requer a construção do “conjunto de relações objetivas que

¹⁴ Não foi possível identificar a origem de todas as imagens utilizadas. Portanto, a ausência das informações sobre a captação das imagens (quem as produziu, em que contexto foram produzidas), embora importantes para a contextualização de sua produção, não significou prejuízo a este trabalho, tendo em vista que não era o objeto de estudo.

vincularam o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes do campo – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e que se defrontam no mesmo espaço de possíveis”. (Bourdieu, 2005, p. 82). Em síntese, Bourdieu alerta para as construções de narrativas que concebem o indivíduo num deslocamento coerente “linear, unidirecional”, uma trajetória sem tensões ou contradições. A ilusão biográfica seria, então, uma “criação artificial de sentido” já que, para este autor, procurar

“entender uma vida como uma série única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos, [...] é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações. Os acontecimentos biográficos definem-se antes como alocações e como deslocamentos no espaço social”. (BOURDIEU, 2005, p. 81).

Outra ideia de Bourdieu (2001) importante para esta pesquisa é o conceito de capital (ou recurso). O autor desenvolve este conceito para explicar os diversos conjuntos de elementos ou conhecimentos dominados por um determinado indivíduo, que o fazem se destacar entre os demais, especialmente no campo político:

“O capital político é uma forma de capital simbólico, crédito firmado na crença e no reconhecimento ou, mais precisamente, nas inúmeras operações de crédito pelas quais os agentes conferem a uma pessoa – ou a um objeto – os próprios poderes que eles lhes reconhecem”. (BOURDIEU, 2001, p. 187-188).

A noção de capital político é aplicada nesta pesquisa para compreender a liderança exercida por Ruaro entre seus pares militantes e/ou operários.

Em biografias, é comum a intenção de inserir o personagem biografado em seu “contexto”, como se este último fosse a paisagem de fundo onde a vida transcorre. Aparentemente, esta paisagem ou cenário precede o próprio indivíduo, “desconsiderando que o contexto não é algo homogêneo e estático, mas sim composto por múltiplas e dinâmicas relações sociais entabuladas por indivíduos, inclusive aqueles que se escolheu para biografar”. (SCHMIDT, 2012, p. 196).

No mesmo sentido, Velho parte da ideia de que o projeto é a “conduta organizada para atingir finalidades específicas”. (VELHO, 2003, p. 101). O antropólogo postula que os *projetos individuais* estão em constante interação com demais projetos de outras pessoas, alterando-se e adaptando-se, inseridos em *campos de possibilidades*. Agem não de forma independente, mas de acordo com características culturais compartilhadas dentro dos campos. Tal definição permite que os indivíduos possuam diversos projetos em sua vida, de acordo com os fins a serem atingidos, inclusive contraditórios uns aos outros. A importância e validade de cada

projeto deve ser analisada isoladamente, em conformidade com o contexto. Com Velho, pode-se concluir que os projetos e as pessoas mudam e se adaptam num processo dialético, numa transformação individual que ocorre no decorrer do tempo e contextualmente. (VELHO, 2003).

Os referenciais teóricos discutidos acima possibilitam algumas análises, especialmente quando permitem o entendimento de que a trajetória de Ruaro nem sempre foi linear. Nas entrevistas, ele afirma que, pouco tempo antes de ser preso em São Paulo pela Operação Bandeirantes, aos 32 anos, já não possuía tanta certeza se deveria continuar na resistência como membro da VAR-Palmares, tendo referido a vontade de abandonar o movimento. Relata que quando chegou em São Paulo, deparou-se com uma VAR-Palmares desorganizada, repleta de estudantes sonhadores. Ao perceber tal situação, o projeto que Ruaro havia construído de uma atuação revolucionária estava sendo preterido em função do contexto interno em que se encontrava a organização naquele local, ou seja, o seu projeto se deparou com outros, e ele se viu relutante, indeciso, numa encruzilhada. No entanto, seus planos de retornar para Caxias do Sul foram tolhidos pelos órgãos de repressão¹⁵ com sua prisão em janeiro de 1970.

Em concordância com Velho (2003), Schmidt (2012) observa que alguns autores britânicos marxistas¹⁶ recorreram ao gênero biográfico no intento de resgatar o papel do indivíduo na História, questionando assim o determinismo do marxismo estruturalista. Desta forma, os historiadores buscam tecer a relação dialética entre micro e macro (indivíduo e sociedade). Neste sentido, a biografia de Ruaro busca fazer esse exercício de analisar as relações entre o micro, o próprio Ruaro, e o macro, entendido como o contexto da ditadura civil-militar brasileira e, posteriormente, a reabertura política em Caxias do Sul.

Retomando Bourdieu, o mesmo afirma que a história de vida “conduz à construção da noção de trajetória como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”. (BOURDIEU, 2005, p. 81). As experiências de Ruaro enquanto agente em diferentes esferas do campo político contribuíram para a conformação de sua trajetória.

¹⁵ Os órgãos de repressão consistiam em uma rede de instituições e/ou serviços governamentais, criados ou adaptados para a investigação e repressão a todo e qualquer movimento contrário ao governo ditatorial e suas políticas. Entre esses órgãos, pode-se citar os DOI-Codis (Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna); a OBAN (Operação Bandeirantes), os DOPS (Departamento de Ordem Política e Social).

¹⁶ Schmidt cita os autores E. P. Thompson, que escreveu sobre artistas e literatos, e Christopher Hill, que biografou o líder da Revolução Inglesa do século XVII, Oliver Cromwell. Schmidt chama a atenção para o interesse de ambos em “estabelecer uma relação dialética entre os indivíduos e sociedade”. (SCHMIDT, 2012, p. 194).

Percebe-se nesta citação que a noção de trajetória de Bourdieu vai perfeitamente ao encontro de sua crítica à biografia: uma história de vida ininterrupta, constante, unidirecional não passa de um absurdo ou, na melhor das hipóteses, de um conto de fadas. No mesmo sentido, Levi (2005, p. 173) afirma que “a própria complexidade da identidade, sua formação progressiva e não-linear e suas contradições se tornaram os protagonistas dos problemas biográficos com que se deparam os historiadores”.

De igual importância para o desenvolvimento da biografia de Ruaro, o conceito de *política* merece atenção. Dentre os muitos significados que esta palavra adquiriu desde a antiguidade, deve-se ter em mente para esta pesquisa o sentido de

[...] ordenar ou proibir alguma coisa com efeitos vinculadores para todos os membros de um determinado grupo social, o exercício de um domínio exclusivo sobre um determinado território, o legislar através de normas válidas *erga omnes*, o tirar e transferir recursos de um setor da sociedade para outros, etc.; outras vezes ela é objeto, quando são referidas à esfera da política ações como a conquista, a manutenção, a defesa, a ampliação, o robustecimento, a derrubada, a destruição do poder estatal [...]. (BOBBIO, 2007, p. 954).

O conceito de política exposto acima abre caminho para pensar a pesquisa em questão dentro dos quadros historiográficos da História Política. O renomado historiador francês René Remond (2003) se dedicou, entre outros temas, a teorizar sobre este campo do saber histórico. O autor define História Política como disciplina dedicada ao estudo dos Estados e das nações, concentrando suas obras na “formação dos Estados nacionais, às lutas por sua unidade ou emancipação, às revoluções políticas, ao advento da democracia, às lutas partidárias, aos confrontos entre as ideologias políticas”. (REMOND, 2003, p. 15). Assim, percebe-se a possibilidade de enquadramento da biografia de Ruaro dentro das prerrogativas deste campo da história, tanto no âmbito de sua participação no movimento de resistência ao regime civil-militar, quanto em seu momento de militância na defesa pela redemocratização.

Esta pesquisa também se insere na perspectiva da História do Tempo Presente (HTP), que é permeada ainda por discussões acerca de sua pertinência, temporalidade, teoria e metodologia. Estas questões estão relacionadas a reflexões referentes à subjetividade e à proximidade que envolve o historiador e seu objeto de pesquisa. Levando-se em consideração que a HTP é normalmente datada de meados do século XX (ou final da 2ª Guerra Mundial) até os dias atuais, muitos atores sociais ainda estão vivos. Além disso, os próprios historiadores vivenciaram inúmeros fatos históricos ocorridos neste recorte temporal.

Neste sentido, Cuesta (apud PADRÓS, 2009b) contribui com a ideia de coetaneidade, que consiste na coexistência concreta entre historiador e seu objeto de pesquisa. Segundo Padrós, a autora defende que a coetaneidade se configura como um dos aspectos mais marcantes da metodologia da História do Tempo Presente, estando longe de ser um problema ou defeito deste campo da História. Pela proximidade e relação intrínseca entre pesquisador e objeto, Padrós postula que é com o uso de “instrumental teórico-metodológico, de conceitos pertinentes e de abordagens ancoradas em marcos teóricos rigorosos que se pode superar ou limitar o impacto produzido pela pressão da carga subjetiva imanente a todo analista”. (PADRÓS, 2009b, p. 34).

Assim, este cenário inaugura uma nova relação entre historiador e objeto, da mesma forma como possibilita refletir sobre a necessidade de ancoragem teórica, uma vez que é Tempo Presente. Não cabe nessa dissertação o intuito de responder de forma objetiva sobre essa reflexão, mas sim o de apenas lançar o questionamento.

A biografia no campo do conhecimento histórico tem, há muito tempo, merecido atenção e constitui um quadro bastante denso de produções, envolvendo diferentes personagens, contextos e problemáticas. Tratando inicialmente de escritas biográficas onde há relação de parentesco entre sujeito e objeto, destaco o historiador Dante Guimarães Guazzelli (2011), que trabalhou com a história de vida de seu avô, Eloar Guazzelli, em sua dissertação de mestrado em História. Outra aproximação entre a pesquisa que desenvolvo e a de Guazzelli é referente ao contexto em que ambas se ambientam: ditadura civil-militar brasileira. Eloar Guazzelli foi um advogado dedicado à defesa de presos e perseguidos políticos durante o regime civil-militar brasileiro.

Guazzelli busca reconstituir o cotidiano do avô advogado, evidenciando as relações estabelecidas entre advogado e clientes (presos militares), bem como entre advogado e Justiça Militar. Os argumentos utilizados pelo advogado em seus processos também foram objeto de estudo. Guazzelli introduz seu trabalho com uma breve apresentação de seu histórico familiar em relação ao objeto de estudo, narrando o caminho percorrido como neto e como historiador até desenvolver seu problema de pesquisa. Neste momento, fica exposta claramente a consciência da subjetividade do autor envolvida na pesquisa. O historiador lança mão da noção de *projeto*, elaborada por Gilberto Velho (2003) para entender as desilusões e mudanças de pontos de vista políticos e partidários de seu avô.

Na discussão sobre a questão da subjetividade e proximidade entre historiador e objeto, o autor evidencia que estas são características inerentes à História do Tempo Presente. Guazzelli pondera que não há produção historiográfica em que não haja subjetividade, embora a HTP e a

biografia histórica proponham reflexões mais aprofundadas sobre isso. Afirma ainda que a subjetividade é o que conduz a pesquisa, nas escolhas do pesquisador, nas problematizações elaboradas, na interpretação de fontes e na elaboração do resultado final.

Uma segunda obra de destaque que envolve a questão subjetiva de parentesco direto entre historiador e objeto de pesquisa é a dissertação de mestrado em História de Yuri Rosa de Carvalho (2014), defendida na Universidade Federal de Santa Maria. O historiador desenvolve sua pesquisa em torno da trajetória política de seu avô nas décadas de 1960 e 1970. Devanir José de Carvalho era operário e atuou ativamente na resistência contra a ditadura, tendo sido um dos membros fundadores do Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT). Sua trajetória política foi encerrada com seu assassinato pelas forças repressivas. O autor busca demonstrar a participação da classe operária na resistência à ditadura civil-militar, que permanecia majoritariamente silenciada pela historiografia. Neste sentido, Carvalho dá destaque ao MRT, composto em sua maioria por trabalhadores, e que teve como uma de suas principais lideranças Devanir J. de Carvalho.

Continuando a caminhada de revisão bibliográfica, destaco a tese de doutoramento em História de Eder da Silva Silveira (2013), que aborda a trajetória política de Manoel Jover Teles e sua relação com o comunismo no Brasil do século XX. O personagem biografado foi sindicalista, membro do PC do B e do PCB e poeta. Acusado de traição no final da década de 1970, caiu sobre suas costas a suspeita de ter colaborado com os órgãos de repressão no episódio que ficou conhecido como Chacina da Lapa, ocorrido em 1976, em que membros do PC do B foram sumariamente executados. Jover Teles morreu em 2007, e viveu seus últimos vinte anos em Florianópolis, dedicado aos seus escritos poéticos. Para dar conta da pesquisa sobre a trajetória de Jover Teles, Silveira relata em sua tese uma vasta caminhada percorrida durante sua formação no sentido de esmiuçar os aportes teóricos sobre a escrita de biografias históricas. O autor revela ainda as mudanças ocorridas no próprio projeto de pesquisa, que acabaram por traçar um novo norte para a biografia de Jover Teles, a partir de novas compreensões sobre escritas biográficas. O historiador afirma que, para a execução da pesquisa, buscou “um método biográfico que, partindo da história de vida de um indivíduo, aborda questões mais gerais relacionadas à época em que ele viveu, articulando a ‘história-narrativa’ com a ‘história-problema’”. (SILVEIRA, 2013, p. 20).

Outro estudo de trajetória política que permeia o mesmo contexto político desta pesquisa é apresentado no artigo *A perseguição ao militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) João Carlos Bona Garcia no Brasil e no Chile: o terror sem fronteiras*, de Cristiane M. A. Dias (2012). Bona Garcia, como o título já sugere, foi membro militante da VPR, preso e

torturado pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) de Porto Alegre. Em 1971, foi posto em liberdade junto com mais 69 presos, em troca do embaixador suíço Giovanni E. Bucher (sequestrado pela VPR). Após conquistar a liberdade, Bona Garcia se exila no Chile, onde chega a participar do governo de Salvador Allende. A autora traça um histórico acerca da formação e atuação da VPR no Brasil. A partir desse histórico, Dias esmiúça a trajetória de Bona Garcia, utilizando-se de seu livro de memórias e de outras fontes da época, como documentos produzidos pela SOPS e publicações de periódicos.

Ainda sobre trajetórias políticas durante a ditadura, Gustavo Falcón (2007) apresenta em sua tese de doutoramento em História a trajetória de Mário Alves, dirigente comunista, que foi preso, torturado e assassinado pela ditadura. Jornalista, formado em Ciências Sociais, com especialização na Escola de Leninismo do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), membro do PCB com destaque entre seus dirigentes e fundador do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), Mário Alves chegou a ser considerado um dos “mais perigosos subversivos do país”. (FALCÓN, 2007, p. 5).

Da mesma forma que a maioria das demais biografias aqui citadas, Falcón lança mão de um conjunto diverso de fontes históricas. O autor utiliza fontes orais e outras como cartas, produção intelectual de cunho jornalístico e político do biografado, documentos oficiais garimpados em vários arquivos.

Jacob Gorender também teve sua trajetória política analisada na dissertação de mestrado em História Social de Carlos Fernando de Quadros (2015). O recorte temporal analisado pelo autor compreende desde 1923, ano do nascimento de Gorender, até 1970, data de sua prisão. A partir do estudo de sua trajetória política, a pesquisa busca entender os caminhos percorridos pelo marxismo no Brasil em seu processo de desenvolvimento. Da mesma forma que na biografia de Ruaro, Quadros opta por recuar temporalmente o início de sua análise a algumas décadas antes do nascimento do seu biografado, para poder tecer algumas considerações sobre suas origens sociais e sobre a carga política de sua família, que contribuiriam para a formação política de Gorender.

Além do tema da ditadura civil-militar e seus movimentos de resistência, mas retomando a questão subjetiva de parentesco entre objeto e historiador, a arquiteta e urbanista Simone Soares Delanoy (2012) trabalha com a biografia de seu avô em sua dissertação de mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural. O biografado, Julio Delanoy, foi um arquiteto francês que contribuiu com a construção civil em Pelotas (RS). A autora parte da formação acadêmica de seu avô, abordando a questão da imigração para o Brasil e culminando com seu estabelecimento na sociedade pelotense como renomado arquiteto. Grande parte do referencial

teórico utilizado pela pesquisadora também foi consultado para a biografia de Ruaro, com autores como Benito Schmidt, Giovanni Levi, Vavy Pacheco e Pierre Bourdieu.

Ainda na linha de biografias escritas por familiares, a historiadora Vavy Pacheco Borges (2009) publicou *Em busca de Gabrielle*. Neste livro, a autora biografava uma tia-avó de seu esposo. Embora a pesquisadora não tenha conhecido pessoalmente a “tia Gabrielle”, ela mesma deixa claro nas primeiras páginas que havia uma relação familiar *in memoriam*. Esta relação se estabelece por tantas histórias ouvidas sobre esta tia-avó de seu esposo, personagem pintada pela família com traços fortes, aparência um tanto insana, rica, fora dos padrões de comportamento feminino de seu tempo. Um verdadeiro mito na família. Da mesma forma que Guazzelli (2011), Borges inicia seu texto apresentando sua relação com a personagem biografada, inicialmente em âmbito familiar, para depois explicar como a historiadora envolveu-se com o objeto e desenvolveu seus problemas de pesquisa para a escrita da biografia.

Ainda na primeira parte de seu livro, Borges apresenta também um histórico das origens familiares de Gabrielle, desde seus avós, passando por seus pais, até chegar ao contexto próprio da personagem biografada. Tal esforço não está presente na dissertação de Guazzelli, que já parte direto da história do avô, sem apresentar suas origens. Borges, ao tratar da questão da subjetividade em sua pesquisa, relata episódios importantes de seu envolvimento com a personagem biografada. Esta retomada se dá para viabilizar ponderações feitas pela autora acerca das características psicológicas de Gabrielle. A imagem da biografada foi pintada pela família através dos anos com as cores da loucura, a “tia doida varrida”. A autora analisa a construção desta representação de Gabrielle, buscando levantar indícios dos motivos que levaram Gabrielle a receber o título de “louca”.

Por fim, a respeito das permanências e heranças da ditadura civil-militar hodiernamente percebidas no Brasil, Teles e Safatle (2010) compilaram uma série de artigos resultantes de um seminário ocorrido na Universidade de São Paulo em 2008, com a temática “o que resta da ditadura”. Os artigos tratam de questões como a herança violenta, o negacionismo, a ausência de justiça de transição, o legado político, os entraves ao direito de memória e a deslegitimação do direito de violência contra o Estado autoritário e ilegal.

Para dar conta dos objetivos a que esta pesquisa se propõe, o texto está dividido em três capítulos. O primeiro analisa origens sociais de Ruaro, trazendo informações sobre sua família, infância e adolescência, culminando no seu engajamento nas lutas políticas. O tema central do capítulo trata das experiências de Ruaro enquanto sindicalista e membro do PCB e da luta armada.

Já o segundo capítulo versa sobre a trajetória política envolvendo a prisão, a defesa da liberdade e os novos projetos.

O terceiro e último capítulo consiste na elaboração de um produto social, nos moldes de um vídeo historiográfico, passível de utilização no ensino de História em nível superior, do ponto de vista da utilização de biografias em sala de aula.

Do ponto de vista da utilização de biografias no ensino de História, cabe citar as considerações de Silva (2013), que defende que a biografia configura-se num gênero literário popular, no sentido de conquistar o gosto de muitos leitores. Outra vantagem desse tipo de escrita da História, é o fato de que “fornece nomes e faces aos processos históricos”. (SILVA, 2013, p. 17). Isto é, a biografia proporciona o resgate histórico dos sujeitos, personaliza os processos e contextos macro, colaborando para despertar o interesse dos alunos sobre os assuntos a serem estudados. No caso de Ruaro, sua biografia tira do silêncio este cidadão caxiense que, como tantas outras trajetórias de militantes, poderiam cair no esquecimento. O estudo de trajetórias políticas como de Ruaro contribui para a compreensão de seu papel como sujeito histórico, e pode colaborar para o estudo da ditadura civil-militar brasileira, tanto no contexto de Caxias do Sul, quanto do estado do Rio Grande do Sul, bem como a nível nacional.

Não é pretensão desta pesquisa esgotar as possibilidades de uso da biografia no ensino e História, mas potencializar novas investigações que assegurem olhares sobre os indivíduos nas coletividades.

1 “ONDE VOCÊ SUPRIMIR A LIBERDADE, NÃO HÁ REGIME QUE SIRVA PARA O SER HUMANO”

[...] não há regime especial, por melhor que seja a condição econômica do ser humano, quando ele não tem liberdade. Bota um macaco na gaiola, dê a melhor comida possível, dá todo o carinho que se possa imaginar, mas abre a gaiola, vê se ele não foge pro mato! O ser humano é assim, o ser humano precisa de liberdade. Se o macaco que é macaco não abre mão de sua liberdade, por que o ser humano abre? Quer dizer, onde você suprimir a liberdade, não há regime que sirva para o ser humano, tá.¹⁷

João Ruaro Filho

1.1 Das origens sociais

Entre fins do século XIX e início do século XX, as campanhas brasileiras da imigração em solo italiano eram tentadoras. Angela Fancon, viúva, e seus três filhos, Giovanni, Bortolo e Giacomo, decidem embarcar no navio na Itália e atravessar o Atlântico. A sorte não sorriu para a família e Angela adoeceu na viagem. Morreu e foi jogada ao mar. Os filhos, todos adultos, seguiram viagem e conseguiram fixar residência na Serra Gaúcha. Um dos filhos desta família de imigrantes, Giovanni Ruaro¹⁸, trazia nas malas e baús da pátria italiana o sonho de um mundo melhor, mais igualitário e sem tanta miséria e sofrimento, alicerçado em ideais socialistas. Apesar de ter pouca instrução escolar, Giovanni possuía alguma consciência política. Ruaro faz referência a esta consciência política de seu avô ao afirmar que ele acreditava que o Brasil se transformaria em uma pátria comunista. Ruaro relata ainda que o avô seguia um comunismo “a moda dele”, fazendo referência ao pouco conhecimento teórico sobre o assunto:

Acontece que meu avô, quando em 1917, deu a Revolução, a Socialista na União [Soviética]..., na Rússia, já os comunistas criaram um jornalzinho aqui, que chegou a circular aqui nas colônias, ah, de Farroupilha e Caxias do Sul. Então o meu avô lia aquele jornal, lia ainda em italiano. Ele lia aquele jornal e explicava o que era comunismo para os filhos, que ainda eram mocinhos nessa época. E..., o meu pai devia ter uns doze, treze anos, quatorze, então, ele já contava naquela época, como mesmo chegaria, em pouco tempo isso aqui seria uma pátria comunista. E o comunismo dele era a moda dele. Ele não..., teoricamente, ele não tinha muito quase conhecimento. E..., mas afinal ele lia os jornais e sonhava com uma vida melhor, com uma sociedade

¹⁷ Trecho de entrevista concedida por Ruaro ao AHMJSa em 16 de julho de 2003.

¹⁸ Ruaro explica em sua entrevista que o nome de seu avô, Giovanni, foi aportuguesado para João na chegada ao Brasil. Nesta dissertação optamos por continuar chamando-o de “Giovanni” para evitar confusões com os nomes de seu filho João Ruaro Filho (doravante identificado neste texto como “João”), e o neto João Ruaro Filho (personagem biografado nesta pesquisa), homônimo ao pai. Para simplificar o entendimento, o biografado será referido apenas como “Ruaro”.

mais evoluída, enfim, com o socialismo. E, aquilo o meu pai nos contou quando nós éramos crianças.

Ruaro conta que aproximadamente em 1912 ou 1915 o avô já havia constituído família e vivia no município de Farroupilha. Esta informação encontra sustentação nas fontes, tendo em vista que as certidões de nascimento de seus filhos João e Italino datam de 1909 e 1919, respectivamente, ambas registrando os nascimentos no distrito farroupilhense de Linha Palmira.

Ruaro conta ainda que, com o advento da Revolução Russa em 1917, os comunistas já haviam se articulado na Serra Gaúcha e editavam um jornal que chegou a circular em Caxias do Sul e Farroupilha. Sem referenciar o nome do jornal, Ruaro comenta que o avô “lia aquele jornal e explicava o que era comunismo para os filhos, que ainda eram mocinhos nessa época”. Segundo Ruaro, Giovanni lia e entendia o socialismo como uma possibilidade de “sociedade mais evoluída”, sonhando com uma vida melhor. Esta prática de leituras de cunho político permaneceu na família na geração seguinte. Em entrevista concedida pela irmã de Ruaro, Zélia¹⁹, ela afirma que o avô Giovanni possuía fluência na leitura, sendo que havia trabalhado como professor em escolas na Itália, antes de emigrar para o Brasil. No entanto, sua certidão de casamento com Virgínia Macetti registra que sua profissão era lavrador.

Ruaro refere também que seu pai, apesar de não possuir instrução escolar formal, incentivava os filhos a buscar conhecimentos políticos sobre o sonhado comunismo. Quando João²⁰ e sua família se mudam para São Francisco de Paula a fim de trabalhar na olaria Indústria do Barro Ltda, em meados da década de 1940, durante a ditadura do Estado Novo, Ruaro lembra que as histórias sobre comunismo contadas pelo pai animavam os filhos:

Nós achava bonito aquilo. Quando nós chegamos em São Francisco [de Paula], aí então existia a imprensa do Partido, existia lá uma organização, uma base do Partido, elementos, o Partido já era organizado em São Francisco de Paula e, então tinha a venda regular, a venda semanal dos jornais do Partido. Nós começamos a ler e nos entusiasmos muito com aquilo; gostamos muito da filosofia do socialismo. E foi aí a nossa entrada na, na política propriamente dita.

O período em que a família de Ruaro viveu em São Francisco de Paula foi também marcado pelo trabalho pesado, tanto do pai quanto das crianças, na fabricação de tijolos e telhas na olaria. Um documento do extinto Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), datado

¹⁹ Entrevista concedida à autora por Zélia Vanda Ruaro Xavier. Caxias do Sul, 8 de agosto de 2016. Zélia é irmã de Ruaro, fruto do segundo casamento de seu pai com Ilda Bossle.

²⁰ João era curtumeiro, mas trabalhou por um período como oleiro em São Francisco de Paula.

de 1986²¹, registra que Ruaro trabalhou na olaria Indústria do Barro Ltda de 4 de dezembro de 1951 até 19 de setembro 1957, nos subúrbios de São Francisco de Paula. O documento apresenta inclusive uma descrição em pormenores dos serviços executados por Ruaro naquela empresa no cargo de auxiliar de oleiro, relatando tarefas de trabalho pesado, sob péssimas condições de saúde, especialmente para trabalhadores tão jovens:

A extração foi exercida sempre em banhados, através da utilização de pás e picaretas. Humidade permanente.

Nos fornos o calor era intenso. Havia instalações precárias, ficava exposto ao tempo (frio, calor, humidade). Uma ou duas vezes por semana, de dia ou a noite, fazia plantão para cuidar do forno.

Na produção, alimentava a amassadeira de barro manual, com o auxílio de pás, corte e transporte de tijolos.

O serviço era executado “ao ar livre, ora debaixo de chuva e/ou sol escaldante”.

Muitos anos depois, as lembranças de Ruaro sobre sua infância faziam parte das rodas de conversa da família. Eu, como ouvinte atenta, recordo que ele costumava comentar que começara a trabalhar na olaria aos oito anos de idade, junto com seu irmão gêmeo, para auxiliar o pai. Afirmava inclusive que era costume do pai ingressar seus filhos meninos no mundo do trabalho ao completarem oito anos. Entretanto, esta informação não se confirma no documento do INPS, que aponta que Ruaro iniciou as atividades na empresa aos treze anos de idade.

Poucas fontes foram encontradas sobre a infância e juventude de Ruaro que permitissem maiores problematizações. Sobre sua mãe, Maria Lydia de Andrade, recordo que Ruaro tecia comentários sobre seus dotes culinários e sobre sua fluência na leitura. Maria Lydia teria sido alfabetizada pelo seu pai, Ismael da Silva Andrade, que Ruaro afirmava ser professor. Uma característica que Ruaro enaltecia na mãe, era o fato de ela possuir um livro sobre homeopatia. Na ausência de médicos, ela teria ficado conhecida pela vizinhança por auxiliar os enfermos a encontrar tratamentos homeopáticos através de consultas a seu livro. Como característica negativa, Ruaro contava que sua mãe não poupava os filhos²² de castigos físicos. Às peraltices das crianças, ela respondia com surras e safanões. Apesar disso, afirmava lembrar de uma mãe amorosa e dedicada. Maria Lydia faleceu com cerca de trinta e oito anos, aproximadamente em 1948, grávida do sétimo filho.

²¹ Documento expedido pelo INPS para fins de comprovação previdenciária para obtenção de aposentadoria por tempo de trabalho.

²² Maria Lydia e João tiveram seis filhos: João Ruaro e José (gêmeos), Julieta, Ismael, Júlio e Zélia, esta última morta antes de completar um ano de vida, vítima de meningite.

Figura 1 – João Ruaro Filho (E) e José Ruaro (D).



Fonte: APJRF.

De acordo com Zélia, após a viuvez João contou com a ajuda de uma mulher para cuidar de seus cinco filhos. Esta mulher trabalhava como babá e prestava auxílio com as lides domésticas. O envolvimento, que inicialmente seria apenas profissional, desencadeou um relacionamento, do qual foram gerados mais dois filhos, chamados Jones e Breno.

Zélia lembra que durante a infância e juventude, não tiveram muito contato com estes dois irmãos pois eles foram embora com a mãe para Caxias do Sul, enquanto a família Ruaro permaneceu em São Francisco de Paula. Ela comenta que somente depois de adultos os irmãos Breno e Jones procuraram o pai e o restante dos irmãos. Desde então, permaneceram mantendo contato com a família. Zélia conta que ela e seus irmãos foram ensinados pelo pai que, apesar de não serem todos filhos da mesma mãe, todos eram irmãos na mesma medida, e que este ensinamento permanece na família. Atualmente, os descendentes de Jones e Breno mantêm contato com os primos e tios de forma fraterna, sem haver diferenças pelo fato de descenderem de um relacionamento não oficial.

Cerca de dois anos após a morte da mãe, o pai de Ruaro casou-se novamente²³ com Ilda de Andrade Bossle, com quem viveu até o final da vida e teve mais seis filhos: Amélia Joana, Benta Ivone, Cecília, Paulo, Pedro e Zélia Vanda (por ordem alfabética). Sobre o relacionamento de Ruaro e seus demais irmãos maternos com a nova madrasta, Zélia conta que

²³ A certidão de casamento registra 9 de novembro de 1949 como data do matrimônio, realizado na Vila Cazuza Ferreira, distrito de São Francisco de Paula/RS.

costumavam tratá-la como a uma mãe, e a recíproca era verdadeira. Relata ainda que Ruaro, que era o irmão mais velho junto com seu gêmeo José, era uma referência positiva para os demais irmãos. Ela conta que ele os incentivava e cobrava que estudassem. No entanto, essas cobranças eram feitas de forma doce e firme, sem ferir ou humilhar os mais novos. Segundo a irmã, Ruaro possuía uma forma carinhosa de chamar os irmãos ou sobrinhos quando precisava ter uma conversa mais séria, para chamar a atenção por algum motivo:

Tem uma palavra que ele sempre usou para nós, os irmãozinhos dele, no caso... Ele não chamava pelo nome nem pelo apelido, que todo mundo tinha. Quando ele chegava pra falar uma coisa contigo, carinhosamente, ele chamava: “mosquitinho...” E com os sobrinhos né, mosquitinho, mosquitinho, quando ele chegava pra falar com as crianças, que tinha uma coisa pra conversar, ele chegava e: “mosquitinho”! E daí conversava com as crianças. Isso é uma coisa que nenhum sobrinho esquece, né...

Em São Francisco de Paula, além de trabalharem, Ruaro e seus irmãos estudavam. Ruaro refere em sua entrevista ter completado o curso primário nesta localidade. Ao completar dezenove anos partiu para Porto Alegre para cumprir suas obrigações militares junto à Força Aérea Brasileira. Seu Certificado de Reservista de 1ª Categoria, emitido pela Base Aérea de Canoas em 16 de março de 1972 (2ª via), registra a data de incorporação a 20 de junho de 1958 e a data de licenciamento a 5 de junho de 1959, contabilizando onze meses e quinze dias de serviço militar. O certificado apresenta ainda a profissão de Ruaro, como sendo metalúrgico, e seu endereço em Caxias do Sul.

1.2 Porto Alegre: contato com o Partido Comunista Brasileiro, com o sindicato e com a luta armada

Depois de servir à Força Aérea Brasileira, Ruaro permaneceu em Porto Alegre para trabalhar e dar sequência aos estudos, morando na casa de familiares. Estudou no Colégio Estadual Dom João Becker, onde refere ter tido seu primeiro contato direto com o PCB durante o curso ginásial²⁴, em meados da década de 1960. O Certificado de Conclusão do Curso Ginásial, expedido pela referida escola em 29 de março de 1973 (2ª via), atesta que Ruaro cursou o ginásial entre 1960 e 1963. Além da aprovação do aluno e de seus rendimentos parciais, está registrado no certificado que “nada consta em desabono a conduta do referido

²⁴ Apesar disso, Ruaro conta que seus primeiros contatos com as ideias do Partido Comunista foram ainda em família, através de seu pai e seu avô. No entanto, relata que só iniciou sua militância no partido a partir do contato no meio estudantil.

aluno”. Assim, não se percebe evidências de problemas escolares dignos de nota relativos à sua atividade política nesta escola.

À guisa de contextualização, cabe que o período em que Ruaro cursou o ginásio em Porto Alegre (1960 a 1963) foi marcado pela instabilidade política. Em 1960 a presidência da república era ocupada por Juscelino Kubitschek, que governou de 1956 até 1961, passando a faixa presidencial para Jânio Quadros. Este, por sua vez, manteve-se no poder por apenas sete meses, renunciando ao cargo em agosto de 1961, deixando o país sob forte tensão. Seu vice, o gaúcho João Goulart, o Jango, assume a presidência sob regime parlamentarista. Somente em janeiro de 1963 os poderes presidenciais seriam restabelecidos. Jango permanece no cargo até ser deposto pelo golpe militar de 31 de março de 1964.

O historiador Daniel Aarão Reis (2014) afirma que no início da década de 1960 o Brasil encontrava-se dividido entre o projeto reformista e os setores conservadores, temerosos com o perigo reformista. O contexto internacional assistia as tensões entre Estados Unidos e URSS na Guerra Fria, além de reflexos da Revolução Cubana (1959) e movimentos de libertação nacional em países africanos e asiáticos. A deflagração do golpe civil-militar no Brasil (1964) foi a vitória do conservadorismo.

Na entrevista datada de 2004, Ruaro conta que “[...] eu entrei mesmo para o Partido Comunista foi através dos estudantes. Nós tínhamos uma turma organizada lá no Colégio Dom João Becker, e eu fazia, cursava o ginásio de noite e fiz amizade com aquela turma lá e através deles eu cheguei ao partido”. Percebe-se, neste momento, a importância das redes de relações ou, conforme Bourdieu (2001), o capital das relações sociais, para a efetivação de determinadas alocações e deslocamentos dos indivíduos, as quais, segundo o autor, são imprescindíveis para se compreender uma trajetória de vida. Das relações estabelecidas na escola, Ruaro inicia seu investimento e trajetória no campo político.

Gorender (1999) explica que o PCB foi o partido pioneiro na América Latina a representar a esquerda comunista, bem como o primeiro a pegar em armas e dar início à luta armada na década de 1930. Representou, entre as décadas de 1940 e 1960, a principal força política marxista do país, com sólidas ramificações no meio operário, camponês e estudantil. Percebe-se que Ruaro encaixava-se em duas frentes: a dos operários e a dos estudantes. Apesar de seu histórico de luta armada, desde o início da década de 1950 o PCB já havia optado por formas não violentas de resistência e revolução.

Dando sustentação ao relato de Ruaro, sua carteira profissional registra que cerca de um mês após ser dispensado pela aeronáutica, em 8 de julho de 1959, ingressou no quadro de funcionários da empresa portoalegrense A. J. Renner S.A. Indústria do Vestuário, onde

trabalhava na área de confecção de calçados. Nesta empresa, trabalharia por mais sete anos. Através de seu vínculo com a empresa calçadista, Ruaro associou-se ao Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Calçados de Porto Alegre, referindo ter assumido os postos de presidente e de tesoureiro. A carteira de sócio de Ruaro registra seu ingresso no sindicato em 28 de março de 1960.

Estas fontes vão ao encontro dos relatos de Mário Luiz Benetti²⁵, amigo de Ruaro. Benetti afirma que Ruaro possuía vasta experiência sindical, talvez, referindo-se a uma participação ativa e com ganhos simbólicos²⁶, no sentido de um prestígio conquistado nesse lugar. Zélia também corrobora essa ideia, fazendo diversas referências à trajetória sindical de Ruaro em seus relatos. Ela comenta que quando Ruaro foi trabalhar na Metalúrgica Abramo Eberle S/A (em Caxias do Sul), em 1978, ele encontrou facilidades para fazer um trabalho de conscientização política junto aos operários da fábrica: “lá era o chão dele, porque lá era um lugar grande, onde tinha bastante trabalhador, onde ele podia falar com todo mundo, né, e aí incentivava todo mundo a ir para o sindicato... quando tinha as reuniões do sindicato iam todo mundo pra lá”.

Além dos documentos e depoimentos sobre a trajetória sindical e partidária de Ruaro, o APJRF conta com quatro carteirinhas de identificação do mesmo emitidas por órgãos estudantis, como a União Gaúcha dos Estudantes Secundários (UGES), União Gaúcha de Estudantes Técnicos e Industriais (UGETI) e União Gaúcha dos Estudantes do Ensino Comercial (UGEEC), todas emitidas entre as décadas de 1960 e 1970. Apesar da existência destes documentos, não foram localizadas outras referências acerca da participação de Ruaro no movimento estudantil. Ainda assim, o cruzamento destas fontes com os demais documentos e entrevistas sobre a trajetória política de Ruaro sugerem que ele provavelmente teve alguma participação, dentro do movimento estudantil em Caxias do Sul e em Porto Alegre. Sindicalista, estudante engajado, assim Ruaro vai construindo as bases para sua ascensão política.

Conforme já foi dito anteriormente, foi através de contatos estudantis que Ruaro ingressou no PCB, em Porto Alegre. A partir de sua militância no partido, Ruaro afirma ter se afinado com outros militantes de posicionamento mais radical, sob liderança de Carlos Lima

²⁵ Entrevista concedida à autora por Mário Luiz Benetti. Caxias do Sul, 7 de agosto de 2016.

²⁶ Recordo que, com conversas cotidianas, questioneei Ruaro a sua forma de falar, que oscilava conforme o assunto e o público a quem se dirigia. Ou seja, em momentos informais utilizava uma linguagem sem concordâncias, enquanto em situações formais ou por escrito fazia uso da linguagem formal, utilizando o seu vocabulário enriquecido por suas leituras. Ruaro justificava que o hábito de utilizar uma linguagem mais informal estava associado à sua atuação junto aos operários de fábrica, auxiliando na aproximação e na conscientização política dos mesmos.

Aveline²⁷, que defendiam a luta armada. Cabe ressaltar que, neste período, o PCB estava na ilegalidade, e seus partidários militavam de forma clandestina. Para tanto, Ruaro adotara o codinome de “Borges”. Este grupo, de acordo com Ruaro, discordava do posicionamento do PCB, que defendia uma resistência pacífica por meio de conscientização política do povo. Para Aveline e seus simpatizantes, dentre eles, Ruaro, a diplomacia dificilmente teria condições de vencer a ditadura. Seria necessário então partir para a luta armada para poder colocar em prática os planos de revolução socialista no Brasil. De acordo com Angelo (2011, p. 59), “praticamente todas as organizações que aderiram à luta armada tiveram origem no PCB”, fosse por rachas anteriores à deposição de João Goulart, ou mesmo por cisões posteriores ao golpe de 31 de março de 1964. Mais tarde, em 1969, um desses grupos dissidentes do PCB fundaria a VAR-Palmares, organização de luta armada da qual Ruaro foi integrante.

Reis Filho e Sá (2006) traçam um histórico dos principais grupos de esquerda em atividade no Brasil entre 1961 e 1971, inclusive com a transcrição de documentos como manifestos, manuais e programas políticos. Os autores explicam que a VAR-Palmares teve origem em 1969, a partir da fusão de grupos oriundos do PCB, da VPR e do COLINA (Comandos de Libertação Nacional). Posteriormente, membros da ORM-Polop (Organização Revolucionária Marxista-Política Operária) e da AP (Ação Popular), além de militantes dissidentes do MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário), também aderiram à VAR.

Os historiadores afirmam ainda que a VAR possuía núcleos no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, São Paulo, Pernambuco e Guanabara. (REIS FILHO; SÁ, 2006). Essa afirmação encontra lastro na trajetória de Ruaro, que participou da organização no Rio Grande do Sul e São Paulo, com breve passagem de poucos dias pelo Rio de Janeiro. O relatório da investigação Brasil Nunca Mais (BNM) (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 2014) informa que a mais rendosa ação de expropriação galgada pelos grupos de esquerda armada foi o assalto ao cofre de Ademar de Barros, pela VAR-Palmares. Só nesta ação foram arrecadados dois milhões e meio de dólares, atribuídos a atividades corruptas do ex-governador de São Paulo.

²⁷ O prontuário 9765 do DEOPS/SP, que encontra-se arquivado no APESP, aponta que Aveline foi condenado à prisão pela tentativa de sabotagem do avião da FAB em Porto Alegre no ano de 1965. Ainda sobre Aveline, Kucinski e Tronca (2013) divulgam carta enviada por sua família à presidência da ONU, em que denunciam as torturas sofridas por Carlos Lima Aveline e seu filho, Carlos Cardoso Aveline, no DEOPS/SP, em janeiro de 1969. Os autores indicam que a carta original está no APESP, Acervo DEOPS/SP. Localização 30-2-160-8906. [N. ed. Bras.] Esta mesma obra ainda reproduz o “auto de interrogatório de Carlos Lima Aveline, torturado pelo DEOPS de São Paulo em janeiro de 1969, junto com seu filho, Carlos Cardoso Aveline, de 16 anos de idade, ocorrido na 1ª Auditoria Militar de Porto Alegre”. (KUCINSKI; TRONCA, 2013, p. 156). No entanto, os autores não indicam a referência desta fonte.

Parte do grupo dissidente do PCB ao qual Ruaro pertencia na capital gaúcha, de acordo com seus relatos, executou uma tentativa de sabotagem a um avião da FAB, modelo C-47 nº 2082, no Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, em 1965. Ruaro refere-se a este caso em suas duas entrevistas concedidas ao AHMJS, em 2003 e 2004. Relata que um subgrupo liderado por Aveline arquitetou e executou o plano de sabotagem, que consistiu em implantar explosivos no trem de pouso do avião para que explodisse durante a madrugada do dia 20 de maio de 1965. A motivação para tal ato seria impossibilitar que a aeronave decolasse no dia seguinte, rumo à República Dominicana, levando soldados brasileiros para lutar ao lado dos Estados Unidos²⁸.

A ação contra o envio de tropas brasileiras para a República Dominicana²⁹ era parte de um protesto que o grupo de Aveline pretendia promover contra a interferência norte-americana na guerra civil que acontecia naquele país, a chamada “Operação Power Pack”. De acordo com Pedrosa (2015), o conflito teve origem com o golpe militar que depôs o primeiro presidente eleito democraticamente, Juan Bosch, após um longo período ditatorial. Tal golpe foi motivado pelas reformas e medidas adotadas por Bosch, consideradas por grupos conservadores como sendo de esquerda e muito próximas ao comunismo.

Os Estados Unidos, temendo a vitória dos grupos mais à esquerda, e o possível surgimento de uma “nova Cuba”, optou por intervir militarmente, alegando a necessidade de proteger os cidadãos americanos e estrangeiros que se encontravam naquele país em meio aos conflitos.

No intento de realizar a intervenção militar em solo dominicano, Pedrosa (2015) aponta que os Estados Unidos aliaram-se à Organização dos Estados Americanos (OEA) para a criação de uma Força de Paz com tropas internacionais, incluindo a colaboração das forças armadas brasileiras³⁰. Um dos aviões da FAB que levaria soldados para a missão de paz na República Dominicana era justamente o que sofreu a tentativa de sabotagem em Porto Alegre.

²⁸ Em maio de 1965, o único Ato Institucional que já havia sido baixado era o AI-1, datado de 09 de abril de 1964. O AI-1 legitimava a “revolução”, possibilitava a cassação de parlamentares, demissão de funcionários públicos e instauração de investigações. (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 2014).

²⁹ Pedrosa (2015) esclarece que alguns segmentos das Forças Armadas da República Dominicana, inconformados com o golpe que depôs Bosch, deram início a um movimento pró-Bosch, no intento de reconduzi-lo ao cargo de presidente. Os conflitos entre as forças pró-Bosch e os conservadores acabou por levar a República Dominicana à guerra civil dentro de poucos dias.

³⁰ Para maiores informações sobre a participação das tropas brasileiras na República Dominicana, ver PEDROSA, Fernando Velôzo Gomes. **Violência e Pacificação no Caribe: Tropas brasileiras em operações de paz na república Dominicana (1965-1966) e no Haiti (2004-2005): um estudo comparado**. S.l: Biblioteca do Exército, 2015. Ver também o verbete *1965-1966 – Operação Faibrás na República Dominicana* na obra DONATO, Ernâni. **Dicionário das batalhas brasileiras: Dos conflitos com indígenas aos choques da Reforma Agrária**. 2. ed. São Paulo: Ibrasa, 1996.p.172-173.

Apesar dos esforços empreendidos como protesto pelo grupo de Aveline, o Brasil enviou cerca de mil e duzentos homens do Exército e da Marinha para atuar ao lado dos americanos.

Figura 2 - Ruaro em entrevista ao Jornal Pioneiro em 2011.



Fonte: Jornal Pioneiro.

Crédito: Porthus Júnior. Agência RBS. Disponível em:

<<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2016/04/morre-em-caxias-do-sul-o-ex-vereador-joao-ruaro-filho-5777946.html>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Ruaro relata em suas entrevistas que a tentativa de sabotagem não obteve sucesso porque a dinamite utilizada possuía um pavio longo para que, após aceso, permitisse que os elementos envolvidos fugissem do local. Durante a noite em que tal ato foi posto em prática, garouou em Porto Alegre, molhando o pavio dos explosivos e impedindo a detonação. Ao amanhecer o dia, Ruaro conta que a tripulação da aeronave encontrou os explosivos posicionados embaixo do avião. Não tardou para que a Polícia Técnica Civil e a Perícia Militar fossem acionadas. A investigação foi iniciada da forma mais evidente: interrogando a equipe de funcionários do aeroporto no turno da noite. Desta forma, foi preso o funcionário José Lucas Alves Filho.

Um relatório emitido pelo Comando da 5ª Zona Aérea³¹, sem data registrada, que faz parte do processo de investigação da referida sabotagem, informa que “nos alojamentos dos trens de pouso, foram colocadas duas potentes cargas de dinamite gelatinosa, interligadas por um cordel detonante, que visavam a destruição da aeronave, com prolongamentos incendiários de proporções imprevisíveis”. A esse respeito, Ruaro pondera que uma verdadeira tragédia poderia ter sido causada, e afirma ter sido contra a sabotagem desde seu planejamento.

³¹ O documento original encontra-se no Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (BR RJANRIO TT.0.MCP, PRO 68).

[...] eu não esperava nem que os caras fossem fazer uma barbaridade daquelas, que tivessem coragem de fazer aquilo. Olha, se aquela bomba tivesse estourado, tinha levantado meio Navegantes. Ali dentro do aeroporto [...] com todos aqueles milhões de litros de gasolina que tem ali, gasolina de avião, que é terrivelmente explosivo, [...] se aquela bomba estoura, levantava meia Vila Teodoro, ali, com milhares de trabalhadores morando ali. Tu vê, um serviço de, de... que até o Bin Laden ficaria apavorado de ver, né?

O mesmo relatório revela detalhes da bomba utilizada, sendo que “os petrechos explosivos foram adremente preparados, foram montados em gabarito de madeira, com dispositivo de retardo, a fim de que, uma vez montado, a explosão se desse cêrca de uma hora depois de instalado”.

No mesmo sentido dos relatos de Ruaro, o relatório credita o insucesso da tentativa de sabotagem às condições climáticas de Porto Alegre, cujo alto índice de umidade não permitiu que a chama propulsora do petardo fosse acionada. Caso o crime tivesse sido consumado, “em síntese redundaria em danos materiais de grande monta e perda de vidas humanas”, aponta o relatório. O documento afirma ainda que a motivação da sabotagem era um protesto contra a intervenção americana na República Dominicana, tal como foi relatado por Ruaro em suas entrevistas.

Está registrado no referido documento da 5ª Zona Aérea que ficou evidenciado como autor do crime o advogado Carlos Lima Aveline, e como co-autor confesso o funcionário da Diretoria de Aeronáutica Civil³² José Lucas Alves Filho. No que tange à participação de Ruaro, seu depoimento, constante no mesmo documento da 5ª Zona Aérea, revela sua atuação em pichações, panfletagens e reuniões políticas clandestinas em Porto Alegre. O depoimento registra que, nesta época, essas reuniões eram formadas por um grupo de pessoas que compunham o movimento chamado Frente Popular.

Além disso, o depoimento registra que Ruaro participou de uma reunião clandestina em que “passou a mostrar bananas de dinamite, dizendo como se fazia a montagem do estopim na dinamite, que mostrou dinamite em bananas, estopim de cor preta, estopim de cor branca, chamado detonante”. Este trecho do depoimento demonstra uma participação efetiva de Ruaro

³² De acordo com a lei de Organização do Ministério da Aeronáutica nº 9.888/46, datada de 16 de setembro de 1946, a Diretoria de Aeronáutica Civil era a divisão da FAB responsável por regulamentar a Aeronáutica Comercial e Desportiva, excetuando-se o controle do tráfego aéreo. Estavam sob sua responsabilidade de fiscalização e coordenação os aeroclubes, as escolas civis de aviação, as empresas de transportes aéreos as aeronaves e aeronautas civis em geral.

no planejamento da sabotagem do avião, demonstrando contradição quanto ao depoimento anterior, em que refuta a ideia da explosão. Cabe aqui lembrar das observações de Bourdieu acerca das trajetórias, que nem sempre demonstram coerência e linearidade o tempo todo. A contradição entre os relatos de Ruaro e o extrato de seu depoimento podem significar justamente uma dessas rupturas que Bourdieu sinaliza como algo natural nas trajetórias de vida.

Além disso, é necessário atentar para o fato de que os órgãos de repressão não tinham compromisso com a verdade na elaboração de documentos e de registros de depoimentos. A investigação BNM demonstra que as fraudes eram comuns nos registros da polícia, com a finalidade de construir a “verdade” que convinha à repressão. Outra questão a ser considerada é o fato de que “com os sofisticadíssimos instrumentos de tortura não somente física mas também mental, é possível dobrar o espírito das pessoas e fazê-las admitir tudo quanto for sugerido pelo torturador”. (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 2014, p. 17).

Sua memória sobre este fato, registrada quase quarenta anos depois, demonstra uma percepção diferente do que o registro do depoimento. Conforme citado anteriormente, Ruaro fala em suas entrevistas que não foi a favor da sabotagem, que teria sido voto vencido nesta ação. Talvez tenha de fato se colocado contrário à execução da sabotagem, mas seu depoimento, colhido pelos órgãos de repressão, registra participação no planejamento de ações armadas, com utilização de explosivos. Inclusive, na entrevista datada de 16 de julho de 2003, Ruaro chega a mencionar que “era um ato, naquela época, era um ato pavoroso, né? Mas, a **gente achava que era correto fazer**³³. Eu não participei desse, desse evento, mas eu estava no grupo que fez isso”. Outro indício de que Ruaro realmente teve participação, no mínimo, no planejamento da sabotagem, é que em suas entrevistas da década de 2000 ora ele fala na primeira pessoa do singular ou plural (“nós achávamos”, “nós íamos”) para logo na sequência substituir por terceira pessoa do singular ou plural (“os caras queriam”, “eles fizeram”). Esta troca de pronomes pode indicar uma contradição que aponta para sua real participação na sabotagem do avião. No entanto, quarenta anos mais tarde, Ruaro pondera que tais ações não estavam corretas e não deveriam ter sido praticadas.

Duas questões precisam ser consideradas para analisar esta contradição. Em primeiro lugar, o processo analisado como fonte, onde consta o referido depoimento, foi emitido pela Secretaria de Segurança Pública em plena ditadura civil-militar, em 1966. A historiografia já mostrou que os documentos redigidos pelos órgãos oficiais de repressão contra militantes de

³³ Grifo da autora.

esquerda considerados “subversivos” não tinham um compromisso fiel com a verdade dos fatos. Foram muitos os documentos fraudados, adulterados, em que informações eram distorcidas, inventadas ou omitidas de acordo com os interesses da repressão. Desta forma, não se pode ler estes documentos sem questionar as suas informações e contrapô-las com outras fontes, que possam ser consideradas mais isentas. Isto significa que não é possível realmente comprovar a participação de Ruaro nos treinamentos citados, nem mesmo no caso de sabotagem do avião tendo como base somente os documentos oficiais do Estado.

A outra questão a ser levada em consideração é referente aos processos de mudanças que pode ter sofrido a memória de Ruaro sobre o período vivido. Assumir a participação, ou ao menos a conivência com a tentativa de explosão da aeronave significaria assumir a responsabilidade num caso que Ruaro passou a julgar como terrorismo³⁴. Aliás, assim já o era julgado pela ditadura civil-militar desde 1965. Considerando que o início do século XXI vem sendo marcado pelo combate ao terrorismo em nível mundial, talvez essa negação fosse uma forma de Ruaro isentar-se do sentimento de culpa pela colaboração em algo que é fortemente rechaçado na atualidade. Essas reflexões se amparam nos estudos de Pollak (1989), quando este discorre sobre as fronteiras entre as memórias que podem/devem ou não ser reveladas. Estes limites, de acordo com o autor, separam uma memória coletiva subterrânea (e neste caso parece ser aplicável à memória individual de Ruaro) de uma memória coletiva majoritária, melhor aceita pela sociedade.

Os mesmos documentos emitidos pela repressão revelam também os planos do grupo para a sabotagem, com explosão, de transmissoras da Radional de Porto Alegre, que não chegou a ser levada a cabo. Em extrato de depoimento de Ruaro, este aparece como sendo o “chefe de operação” nesta tentativa de sabotagem. O intuito era impossibilitar ligações telefônicas do Rio Grande do Sul para outras regiões do país. No entanto, Ruaro relata em sua entrevista que ele foi terminantemente contra a dinamitação da Radional:

Já tinham prendido o José Lucas Alves, e ele já tinha contado que eu tinha estado lá na Radional com um grupo de, de outros companheiros com a dinamite debaixo do braço, pra botá, pra dinamitar os transmissores da Radional, e que lá nós não fizemos, porque eu me recusei a fazer, e briguei com os outros, e bati o pé, e não deixei colocar, botar explosivo na Radional.

³⁴ Importante salientar que o conceito de terrorismo para os agentes da ditadura e para os grupos de resistência à ditadura possuíam significados diferentes, bem como difere do significado assumido no século XXI.

A tese de doutoramento de Chagas (2007) também analisa estes documentos da 5ª Zona Aérea, porém sem dar ênfase às trajetórias individuais dos envolvidos no processo. O objeto de pesquisa desta tese é a luta armada no Rio Grande do Sul entre 1964 e 1971³⁵. Assim, os casos de sabotagem expostos neste processo entraram no rol de fatos relevantes abordados pela pesquisa. Chagas analisa, além dos casos de sabotagem do avião e da Radional, já supracitados, também a tentativa por parte do grupo comunista de Aveline de criar uma rádio independente clandestina em Porto Alegre, chamada Rádio Liberdade. Chegaram até a veicular algumas transmissões lendo textos em protesto contra a ditadura. Este caso não foi abordado nesta pesquisa por não apresentar indícios de participação de Ruaro nas fontes consultadas.

Chagas afirma que o motivo pelo qual a Radional não foi dinamitada foi que “os militantes da ação se incomodaram com o fato de Jaime Freitas [codinome de Aveline] não participar da ação deixando-os sozinhos na empreitada”. (CHAGAS, 2007, p. 67). O autor não explicita de onde essa informação foi colhida. Apesar de Ruaro apresentar uma versão um pouco diferente, ao passo que afirma que a responsabilidade pela não-dinamitação da Radional foi dele com sua negativa veemente, as versões das fontes não invalidam uma a outra.

Seja lá qual tenha sido sua real participação na tentativa de sabotagem do avião da FAB, tal atentado causou sérias consequências para Ruaro, sendo detido pela aeronáutica por suspeita de crime contra o Estado e a sua ordem política e social, conforme a lei 1.802/53 (Lei de Segurança Nacional). Ruaro relata em entrevista que, poucos dias após o início das investigações do Inquérito Policial Militar (IPM) instaurado para averiguar o caso da tentativa de sabotagem ao avião, um capitão da aeronáutica bateu à porta da casa em que morava com familiares. Ruaro o reconheceu, pois havia servido na base aérea de Canoas, e o conhecia de vista. Conta que o referido capitão o convidou “a acompanhar ele pra ir até a base aérea prestar depoimento num, num inquérito. Aí eu perguntei: ‘mas que inquérito?’ Diz: ‘estou cumprindo ordens!’”. Aí eu entendi que eu estava preso”. Assim, foi levado para prestar depoimento e permaneceu por dezessete dias preso, incomunicável.

A investigação BNM (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 2014) demonstra que a incomunicabilidade dos presos era comum na fase inicial dos inquéritos, quando os acusados eram presos para interrogatórios preliminares. Tais prisões normalmente consistiam em sequestros devido à falta de mandado judicial ou comunicação à Justiça Militar sobre a detenção.

³⁵ O recorte temporal abordado por Chagas (2007) é justificado pelo fato de ser o período em que os grupos de luta armada estiveram mais atuantes no Rio Grande do Sul. O autor explica em os referidos grupos foram desmantelados pela repressão em 1971, não logrando reorganizarem-se posteriormente.

Ruaro conta que nos dias em que permaneceu preso na Base Aérea de Canoas não sofreu torturas. Argumenta que o fato de José Lucas Alves ter falado sobre sua negativa em relação à sabotagem da Radional pesou a seu favor:

E..., foi o que eles ainda tiveram uma certa contemporização comigo porque eu né recusei a fazer aquilo. Então, por ali eu provei que eu não, não era um elemento que fizesse atos desse tipo. Depois de dezessete dias, finalmente, eles acreditaram que eu não tinha, que eu não era, que eu não tinha participado daquele, daquela bomba.

A documentação analisada para esta pesquisa não define se ele foi condenado ou não por esta tentativa de sabotagem. Entretanto, a entrevista de Ruaro aponta que ele não chegou a ser processado, devido à insuficiência de provas ou indícios claros de sua participação no delito. Ainda questionado sobre a existência de torturas na prisão na Base Aérea de Canoas, apesar de afirmar que não foi torturado, Ruaro relata que com “o José Lucas Alves, provavelmente eles tenham utilizado outros meios. Mas comigo não usaram”. Conta ainda que um coronel, ao perceber que Ruaro estava bastante assustado, perguntou:

“Você não serviu aqui na base aérea?” Digo: “Servi”. – “Você apanhou algum dia?” – Digo: “Não!” – “Pois então, aqui não se surra ninguém”. Aí eu me convenci que eu não ia apanhar. Mas eles me ameaçaram muitas vezes de me mandar para o DOPS. No DOPS eu sabia que de lá não sei se saía com vida.

Apesar de Ruaro negar ter sofrido tortura física, percebe-se a aplicação de tortura psicológica, com as ameaças de enviá-lo ao DOPS. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), em convenção assinada em 1984 e promulgada no Brasil com o decreto número 40 de 15 de fevereiro de 1991, define-se tortura como

[...] qualquer ato através do qual se inflige intencionalmente dor ou sofrimento severos, seja físico ou mental, sobre uma pessoa com propósitos tais como obter dela ou de uma terceira pessoa informação ou uma confissão, punindo-a por um ato que ela ou uma terceira pessoa tenha cometido ou é suspeita de ter cometido, ou intimidando ou constringendo a pessoa ou uma terceira pessoa, ou por qualquer razão baseada em qualquer forma de discriminação, quando tal dor ou sofrimento é infligido, instigado, ou com o consentimento ou aprovação de uma autoridade pública ou outra pessoa agindo em uma capacidade oficial. (BRASIL, 1991).

Fica claro, comparando o decreto acima com o relato de Ruaro, que ele foi vítima de tortura em Porto Alegre, ainda que não tenha passado por sofrimentos físicos. Bauer (2012) também discorre sobre o uso de torturas de forma institucionalizada, como método sistematizado nos interrogatórios das ditaduras argentina e brasileira.

A partir dos relatos de Ruaro, pode-se perceber que já era de conhecimento dos oficiais da aeronáutica, bem como dos militantes de esquerda, que a prática de torturas físicas era algo comum nas instalações do DOPS, inclusive culminando com a morte do torturado. Depois dos dezessete dias de interrogatórios, Ruaro ainda precisou comparecer uma vez à Base Aérea para prestar maiores esclarecimentos, e outra somente para assinar documentos.

Um mês depois dos interrogatórios da Aeronáutica, Ruaro relata que fora chamado no DOPS, onde esteve preso, incomunicável, por mais cinco dias para interrogatório sobre o mesmo IPM. Conta que passou por um interrogatório de quatro horas, em que confirmou todas as informações já passadas na Base Aérea. De lá foi transferido para o antigo Serviço Social do Menor (SESME)³⁶. “Só sei que chegamos lá tinha, era todos aqueles presos, era tudo menores, tudo rapaziadinha aí de doze a dezessete anos. E, inclusive, tinha muito mau elemento lá, muita gente perigosa e coisa. Mas nós estávamos isolados, num pavilhão isolado”. No SESME, Ruaro conta que esteve preso junto com Marco Aurélio Garcia³⁷. Ruaro relata parte das torturas sofridas por Garcia:

O Marco Aurélio, inclusive, fazia oito dias que estava numa celinha bem pequenininha, que não dava quase pra caminhar, só cabia uma caminha bem apertada e um setor sanitário ali junto. E tinha um vidro que estava quebrado, era mês de agosto, dava um chuveiro, um vento assim, um chuveiro frio, e ele estava passando muito frio naquela cela. E como já fazia oito dias que ele estava ali, ele estava já moralmente meio abatido. E eu, ninguém conversava com ele, mas eu fui lá falar com ele. Batemos um papo ali, e daqui a pouco, ah, o pai dele conseguiu localizar ele, o pai dele era advogado, e era amigo pessoal do diretor do presídio, então o diretor do presídio foi lá e tirou o Marco Aurélio da cela. Botou ele num salão junto com todos. E... e ainda o Marco Aurélio ponderou, ele disse pro diretor: ‘mas eu estou incomunicável!’ – ‘Sim, mas incomunicável com o exterior, aqui dentro você não está incomunicável’.

Além dos presos políticos, Ruaro refere que no SESME havia também outros presos, além dos menores de idade. Um deles havia sido muito torturado, e recebeu atendimento médico

³⁶ Órgão governamental fundado em 1945, responsável pelo atendimento a menores carentes, vítimas de abandono ou infratores. Anos mais tarde, o órgão passaria por mudanças, e se transformaria na Fundação Estadual de Bem-estar do Menor (FEBEM/RS). Fonte: <<http://www.fase.rs.gov.br/wp/institucional/historico/>>. Acesso em 09 de agosto de 2016.

³⁷ Marco Aurélio de Almeida Garcia, à época, era membro da presidência da UNE, cuja sede localizava-se em Porto Alegre desde 1961. Gaúcho de Porto Alegre, foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, professor aposentado do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas, assessor político da presidência da república nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Vana Rousseff (décadas de 2000-2010). Falecido em 20 de julho de 2017. Fonte: <<http://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2017/07/20/morre-aos-76-anos-marco-aurelio-garcia>>. Acesso em 23 de julho de 2017.

ali mesmo na prisão. No entanto, Ruaro não faz referência a ter sofrido violências físicas no SESME. Pelo que se pode perceber em seus relatos, o SESME apenas oferecia sua estrutura prisional para que o DOPS mantivesse lá alguns detentos. Apesar de estarem presos no SESME, Ruaro e os demais prisioneiros continuavam sob poder do DOPS.

Depois desses cinco dias de interrogatórios, Ruaro retornou para a sede do DOPS, onde afirma ter ficado por mais umas cinco ou seis horas. Relata ter sofrido tortura psicológica:

Então eles faziam aquela guerra de nervos, né? Por exemplo assim: davam uma vassoura para o cara varrer, diz, varre isso aqui, uma salinha, uma coisa. Então a gente varria, não convinha dizer que não, porque já que não apanhou até agora, não provoque porque..., era a orientação que nós tínhamos inclusive do Partido, pra não provocar reação, a repressão, né? “Terminado aquilo, ah, você limpa as soleiras daquela janela, pega esse pano e limpa aqui ali”. Nós estávamos limpando a janela e vinha um cara: “O que tu está fazendo aí? Porque tu está aí?” Aí a gente contava, porque eu estou com um processo assim, e assim, e tal. Depois davam uma coisa para o sujeito, um espanador pra espanar aquelas, tirar o pó daquela mesinha. Aí vinha outro cara e fazia outra, a mesma pergunta. Então veio uns dois, ou três sujeitos fazendo a mesma pergunta. Aí foi que eu percebi que eu não podia, o segundo que veio fazer a pergunta, eu percebi que eu não podia modificar a resposta. Então fui dando sempre a mesma resposta. Inclusive, de tardezinha, quase no escurecer, estava um chuvisqueiro ainda, me largaram, eles tinham o costume de tirar tudo da gente, tiram até o cordão do sapato, lenço, pente, não deixavam nada com a gente, cinto, que é pra evitar do cara se enforçar. Entregaram os meus pertences, e me fizeram assinar um papel lá do meu depoimento, e me mandaram para casa. Fui para casa.

Ruaro relata ter retomado sua jornada de trabalho na A. J. Renner Indústria do Vestuário, e cerca de um mês depois foi novamente intimado a comparecer ao quartel³⁸ para prestar depoimento. Conta que um oficial do exército foi até a empresa onde Ruaro estava trabalhando e o fez assinar a intimação. Frente a este fato, Ruaro afirma ter sido aconselhado por seu gerente a fugir, sumir do mapa:

“Olha rapaz, faz uns anos, no tempo do governo do Getúlio, eu tive um amigo que também sofreu perseguição política, e ele teve que fugir, porque não largaram mais ele de mão”. E diz ele: “Se tu quer o meu conselho, tu dá no pé, tu vai te esconder, porque eles não vão te largar mais”!

Sem saber direito o que fazer, Ruaro procurou o PCB. Lá, recebeu orientações para não fugir, para comparecer aos depoimentos conforme solicitado.

³⁸ Ruaro não explica a qual quartel foi convocado a comparecer.

O Partido diz, não, tu não tem que te esconder, diz, tu tem que ir lá, vai no quartel e dá o depoimento, porque nós pra te guardar agora, te esconder aí, vai ficar muito difícil, porque uma hora ou outra eles te pegam, aí fica... te complica tudo. É melhor ir lá porque, pelo o que nós sabemos, não tem assim, nada que eles possam te incriminar pra te dar uma cadeia grande.

Assim, Ruaro atendeu à intimação e permaneceu mais cinco dias preso, incomunicável, prestando depoimento por cerca de vinte horas. A única referência direta que ele faz a torturas é que “deram uns gritos comigo lá”, mas não relata maiores sevícias. Conta que foi muito ameaçado, mas não chegou a sofrer violências físicas. No entanto, relata um fato interessante... Durante seu depoimento, mencionou o nome de um outro preso político, chamado Jomil Domingos Oltramari³⁹, embora Ruaro nem soubesse que ele também estava preso. Por pressão da polícia, Ruaro afirmou que havia entrado para o Partido Comunista por intermédio de Oltramari. Ele explica que o fato de ter mencionado o nome, pode ter salvado a vida de Oltramari, tendo em vista que, na década de 2000, ficou sabendo que os planos da repressão eram de assassinar Oltramari e esconder o corpo, dando o preso como desaparecido. Entretanto, por ter seu nome mencionado, a repressão suspeitou que Ruaro soubesse que Oltramari estava preso, e perceberam que ele sabia de seu envolvimento com a resistência. Caso o indivíduo fosse dado como desaparecido, certamente haveria um número grande de pessoas procurando por ele e incriminando os órgãos de repressão. Ruaro explica que se:

mais gente sabe que ele está preso, eles não podem consumir com ele. Mais gente conhece ele. Eles queriam que fosse um cara, assim... um tipo do cara Mr. X aí que ninguém conhece e tal. Mas não era, os elementos do Partido geralmente tinham, ah... e isso foi a salvação de muitos comunistas da [inaudível] ditadura, foi que eles tinham famílias, ou famílias grandes, ou participavam de movimentos de bairro e eram muito conhecidos na região onde moravam. Então, quando desaparecia era difícil de a ditadura consumir com pessoas que não, que não, que uma barbaridade de gente ficava sabendo. Então foi a salvação de muitos companheiros. E o Jomil, eu creio que foi um deles.

Depois de todas essas prisões, Ruaro foi coagido pelos militares durante os interrogatórios a assumir o compromisso de abdicar da atividade sindical. E assim o fez: afirma ter renunciado ao cargo de tesoureiro do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Calçados

³⁹ Na transcrição da entrevista de Ruaro ao AHMJSA, datada de 2004, o nome de Jomil foi registrado equivocadamente como “Joelmir Tamari”. Dados sobre sua prisão podem ser verificados no mesmo processo consultado no Arquivo Nacional, já citado nesta pesquisa, a respeito do caso de tentativa de sabotagem do avião da FAB em Porto Alegre. O acervo digital do projeto Brasil: Nunca Mais (BNMDigital) também dispõe de documentos judiciais sobre os processos de Oltramari. Como sugestão de consulta, vide o *link* <<http://bnmdigital.mpf.mp.br/sumarios/600/513.html>>. Acesso em 27 de setembro de 2017.

de Porto Alegre: “com aquela perseguição e tal, eu até assumi o meu compromisso com os militares de sair, de largar o sindicato e cuidar da minha vida, né? Porque [...] eu tinha que prometer tudo isso. Era uma pressão violenta”. Ruaro afirma também que na empresa A.J. Renner não sofreu perseguições e não teve maiores problemas relacionados às prisões. No entanto, sua irmã Zélia recorda que a empresa demitiu Ruaro alegando problemas financeiros, pois estaria à beira da falência. Na opinião de Zélia, a demissão ocorreu mais por motivos políticos do que por motivos financeiros. Essa informação não aparece nos relatos de Ruaro. De qualquer forma, seu desligamento foi registrado na carteira profissional em 18 de abril de 1966.

O contexto político nacional em meados de 1966 era marcado pelo governo do presidente Castelo Branco⁴⁰. Desde 09 de abril de 1964 vigorava o Ato Institucional número 1 (AI-1⁴¹), que aumentava os poderes do presidente, possibilitava sumárias cassações de políticos e demissões de funcionários públicos, além de permitir a instauração de inquéritos policial-militares contra os ditos subversivos da ordem, entre outras providências. (SKIDMORE, 1988). Neste período a linha dura das Forças Armadas vinha se fortalecendo, e pressionou Castelo Branco a baixar mais três atos institucionais.

O AI-2, datado de outubro de 1965, estabelecia eleições presidenciais indiretas, pela maioria absoluta dos deputados federais e senadores, extinguiu os partidos políticos, sendo que a partir deste momento apenas a Aliança Renovadora Nacional (Arena) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) eram permitidos como representação político-partidária. Já o AI-3, de fevereiro de 1966, determinava que as eleições para governador também seriam indiretas, pelas assembleias legislativas estaduais. Oito meses depois do AI-3, o presidente fecha o Congresso Nacional e o reabre com o AI-4, em janeiro de 1967, com o objetivo de aprovar a nova Constituição de 1967. O texto constitucional tinha caráter autoritário, reforçando os posicionamentos referentes à Segurança Nacional.⁴²

Em meio a este cenário, em meados de 1966, Ruaro retorna para Caxias do Sul, e passa a morar na casa da família, com o pai, a madrasta e alguns irmãos, inclusive Zélia, no bairro

⁴⁰ Cearence introspectivo, filho de um militar, o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco viveu em várias regiões do país, em função do trabalho do pai. Chegou a morar o Rio Grande do Sul, onde ingressou na academia militar de Porto Alegre. Estudou também em escolas militares francesa e norte-americana. Durante a Segunda Guerra Mundial, teve experiência na Força Expedicionária Brasileira na Itália. (SKIDMORE, 1988).

⁴¹ O AI-1 foi decretado pelo Comando Supremo da Revolução, que assumiu o país temporariamente a partir do golpe civil-militar. A presidência havia sido assumida pelo presidente da Câmara, Ranieri Mazzilli, mas o poder era efetivamente exercido pelos militares do Comando, composto pelo general Artur da Costa e Silva, pelo vice-almirante Augusto Rademaker Grünwald e pelo tenente brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo. (GREMAUD; SAES; JUNIOR, 1997).

⁴² Os atos institucionais podem ser acessados inclusive no projeto BNM.

Sagrada Família. Recolheu-se por um tempo ao ostracismo na intenção de aliviar um pouco as perseguições da repressão.

Do ponto de vista econômico, Gremaud, Saes e Júnior (1997) explicam que o período de 1964 a 1967 pode ser compreendido como a primeira fase da ditadura civil-militar, marcada pela estagnação econômica decorrente das políticas de estabilização. Estas políticas visavam adequar “os instrumentos de política econômica, a forma de interação dos agentes privados com o Estado e a forma de inserção da economia brasileira na economia mundial ao novo estágio econômico do país e ao modelo de desenvolvimento pretendido”. (GREMAUD; SAES; JUNIOR, 1997, p. 167).

Figura 3 – Ruaro (D) em festa de casamento no ano de 1967.



Fonte: Acervo particular cedido por Zélia Vanda Ruaro Xavier.

Os apontamentos feitos acerca dos atos institucionais e da economia objetivam caracterizar o contexto no qual Ruaro estava inserido, não tendo a pretensão de analisá-los metodicamente.

2 “A PRISÃO SEMPRE FOI A UNIVERSIDADE DO REVOLUCIONÁRIO”

Este capítulo analisa os períodos de prisão e solidificação como membro efetivo do movimento de resistência, assim como os contatos com os companheiros e as reflexões apontadas tanto no período de militância quanto quatro décadas depois.

2.1 O sonho de construir um exército popular

Em Caxias do Sul, apesar de pretender passar um tempo afastado da vida política, Ruaro não tardou para retomar as atividades. Ele relata ter sido procurado por integrantes da VAR-Palmares. O grupo organizou algumas reuniões dentro do curtume onde Ruaro trabalhava, na Manufatura Caxiense de Peles Ltda (Mapeles), onde discutiam assuntos relacionados à revolução comunista que pretendiam empreender, sobre “o sonho que nós tínhamos de construir um exército popular e enfrentar todas essas forças armadas que estão aí, derrubar isso tudo e construir uma nova sociedade. Aquilo não deu certo porque [risos]...”, conta Ruaro.

Em 2004, Ruaro afirma sentir arrependimento pelo fato de ter rompido com o PCB e entrado para a VAR-Palmares. Quarenta anos depois dos fatos, Ruaro avalia que a luta armada não era o melhor caminho para vencer a ditadura. Pondera que o melhor meio teria sido seguir com o combate pacífico, no campo das ideias, dentro dos sindicatos, constitucionalmente.

O Partido Comunista sempre lutou, e isso a partir do discurso Krutchev, parece, do 5º Congresso do Partido, do PCU da União Soviética é que o Krutchev levantou a [...] tese de que nem em todos países a revolução seria sangrenta, né, a luta armada e que muitos países estavam em processo de formação, de que o caminho talvez fosse pacífico. Era o caso da Itália, da França, da Inglaterra naquela época, que a luta, que o sindicato era muito forte, né?

No entanto, essa percepção só foi construída por Ruaro com o passar do tempo. Em 1967, estava engajando-se novamente na luta armada, nas fileiras da VAR-Palmares de sua cidade natal, contrariando o discurso de Krutchev. Ele relata, em sua entrevista de 2004, que chegou a ficar sabendo que houve planos de uma grande ação armada em 1970 na agência do Banco do Brasil de Caxias do Sul por parte da VAR-Palmares. Só não chegou a ser executada porque seus integrantes foram presos antes da ação. Cabe ressaltar que, em 1970, Ruaro já encontrava-se preso em São Paulo.

O Jornal Pioneiro do dia 2 de maio de 1970⁴³ traz como reportagem principal da capa uma notícia sobre a prisão de militantes de grupos de esquerda armada em Caxias do Sul, rotulados como terroristas no título da reportagem. A reportagem relata que a polícia havia desmantelado o grupo e frustrado os planos de assalto à agência do Banco do Brasil de Caxias do Sul, que seria executado sob o comando de Edmur Péricles Camargo. Entre os presos, constam José Ruaro (irmão gêmeo de Ruaro) e Paulo de Tarso Carneiro. O fato de Carneiro ser funcionário do banco o colocou na condição de suspeito de ter colaborado para a confecção de croquis da agência para facilitar a ação.

A reportagem também informa que o aviário de propriedade de José Ruaro era usado como local para reuniões de “terroristas”, confirmando os relatos de Ruaro, Carneiro e Zélia. Lê-se, ainda, que na mesma ação policial foram presos dois menores de idade, além de Dario Vianna dos Reis e Afrânio Costa. De acordo com a notícia, os planos eram de roubar de 500 a 700 mil cruzeiros. Para tanto, Dario e Afrânio viriam de Porto Alegre para Caxias do Sul em um caminhão de mudanças alugado na capital gaúcha, fortemente armados. O assalto estava previsto para o dia 9 de abril de 1970⁴⁴. Depois da ação, a reportagem afirma que estava prevista pelos “terroristas” a dinamitação da BR-116, próximo à localidade de Galópolis⁴⁵, para sugerir uma fuga para Porto Alegre. De acordo com a reportagem, os elementos envolvidos nesses planos de assalto estavam ligados à VAR-Palmares, ao grupo Mao, Marx, Marighella-Guevara (M3G) e à VPR. Entretanto, não estão especificados os nomes dos integrantes de cada grupo, separadamente.

Ruaro continuou trabalhando em Caxias do Sul, no curtume da Mapeles, e participando das reuniões da VAR-Palmares. Zélia, sua irmã, aponta que diversas reuniões foram feitas nos fundos da casa da família, com o consentimento de seu pai. Essas reuniões também são mencionadas na reportagem supracitada do Jornal Pioneiro. No entanto, ela relata que o pai nunca participou das reuniões. Paulo de Tarso Carneiro também cita essas reuniões realizadas no início de 1969 em uma carta enviada a Ruaro em 2016, pouco tempo antes de sua morte. Carneiro refere que as reuniões ocorriam em meio a um aviário, de propriedade de Ruaro e seu irmão gêmeo, José. Mas não é somente a esse episódio que a carta faz referência. Carneiro

⁴³ A cópia microfilmada do jornal está disponível online no acervo do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul, através do *link* <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=49551&p=0>>. Acesso em 24 de setembro de 2017.

⁴⁴ Nesta época, Ruaro já encontrava-se preso em São Paulo há cerca de três meses.

⁴⁵ Localidade que fica em uma das saídas de Caxias do Sul (acesso sul), às margens da BR-116, que é caminho para a região metropolitana de Porto Alegre.

exalta as qualidades do companheiro Ruaro como um grande conhecedor da luta revolucionária internacional e também do amigo, que o aconselha a cuidar da saúde. Afinal, para lutar é necessário estar forte.

Tu me tratavas como se eu fosse professor, mas quem me ensinava tudo era tu, Companheiro Ruaro. [...] Pouco a pouco observava que tinhas mais conhecimento do que eu sobre a luta revolucionária dos bolcheviques, dos cubanos, dos chineses e como podíamos aprender com as experiências das lutas internacionais.

Mas não era só isso, meu amigo. Em certa ocasião, quando, após uma reunião e me conduzia para dormir entre as gaiolas de aves, notaste meu pigarro e meu corpo curvado. Chamou minha atenção para que diminuísse o trago (bebia bastante cachacinha durante as reuniões para espantar o frio) e deixasse de fumar, apenas me dizendo “um comunista luta pela saúde do povo trabalhador. Pra isso, ele precisa ser forte e saudável porque somos muito poucos. Temos que ter vida longa e o cigarro e o álcool reduzem nossa vida”.

Foi suficiente Ruaro para que eu entendesse que exercícios e alimentação saudável eram fundamentais pra estar na luta. De imediato iniciei treinamento em judô, reduzi o cigarro e o trago.

Até hoje, Companheiro, esta observação me acompanha.⁴⁶

Carneiro explica em sua entrevista⁴⁷ que, no final de 1969, Ruaro foi designado pela VAR-Palmares para ir para São Paulo, participar do movimento operário. A organização havia identificado que na região da capital paulista havia um déficit de membros que estivessem aptos a realizar trabalho de conscientização de trabalhadores e cooptação de possíveis novos membros. Essa afirmação é ratificada por trechos do processo consultado no Arquivo Nacional, referente à participação de Ruaro na VAR-Palmares, que apontam que a solicitação de um militante com o perfil de Ruaro para trabalhar em São Paulo teria partido de Dilma Vana Rousseff⁴⁸, que era uma das peças chave do comando da VAR-Palmares.

Ruaro foi então designado para efetuar esse trabalho de conscientização política. Carneiro afirma que este tipo de mudanças de realocação dos militantes era de uso recorrente

⁴⁶ Carta recebida por mim, via e-mail, em 11 de março de 2016. Li a carta para Ruaro dois dias depois. Em função de seu estado de saúde muito debilitado já não conseguia mais ler, mas mostrou-se emocionado com as lembranças do amigo. Questionei se recordava daqueles fatos rememorados por Carneiro, e ele confirmou que recordava de tudo. No entanto, não conseguiu tecer maiores comentários. Um sorriso brotou de sua face, com olhos marejados.

⁴⁷ Entrevista concedida à autora por Paulo de Tarso Carneiro. Porto Alegre, 19 de junho de 2016.

⁴⁸ Dilma Vana Rousseff mantém expressiva atuação política nas décadas de 1980 a 2010. Mineira, com formação em Economia, Dilma exerceu o cargo de Secretária da Fazenda de Porto Alegre, Secretária de Minas, Energia e Comunicação do Rio Grande do Sul (duas vezes), Presidenta da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul, Ministra de Minas e Energia e Chefe da Casa Civil do governo Lula. Foi eleita presidenta da república em 2010 e reeleita em 2014. Um processo de *impeachment* a afastou do cargo em agosto de 2016. O processo vem sofrendo severas críticas que questionam a insuficiência de provas e o acusam de golpe.

na VAR-Palmares, sendo que ele próprio deveria mudar-se de Garibaldi para Porto Alegre, mas foi preso cinco dias antes de conseguir sua transferência como funcionário do Banco do Brasil. O ex-militante cita também outros casos de membros da organização que foram para Porto Alegre como estratégia da VAR-Palmares.

Ruaro relembra essa decisão da VAR-Palmares em sua entrevista. Argumenta que a esmagadora maioria dos membros da organização eram intelectuais ou estudantes. Havia, assim, poucos operários com conhecimento para atuar no movimento sindical. Embora a estratégia de realocações de militantes fosse uma prática usual, está aí uma demonstração de um acúmulo de capital social e, também, simbólico. Ruaro se destacou, alguma distinção o levou a ser credenciado pelo comando da VAR-Palmares e ser recrutado para missão um pouco complexa. A distinção, neste caso, parece ter origem em sua atuação sindical. Acatando a decisão do coletivo, Ruaro partiu para São Paulo, em dezembro de 1969.

O contexto político do final da década de 1960 foi marcado pelo enrijecimento do governo e de seus mecanismos de controle (a chamada “linha dura” da ditadura). Reis (2014) afirma que o Brasil sofreu um golpe dentro do golpe com a edição do AI-5. Decretado em dezembro de 1968 pelo presidente Costa e Silva⁴⁹, este ato institucional foi a resposta do governo nacional frente às mobilizações contrárias ao governo. Como exemplos desses movimentos: a Passeata dos Cem Mil, a crescente luta armada e a decisão da Câmara de não permitir que se processasse o deputado Márcio Moreira Alves a pretexto de um discurso proferido em que incitava a população a boicotar um desfile comemorativo da independência do Brasil.

Ao contrário dos atos institucionais anteriores, o AI-5 não tinha prazo de validade, sua duração era indeterminada. Inaugurava-se a fase mais violenta da repressão. O decreto investia o presidente de poderes para fechar o Congresso Nacional, assembleias legislativas e câmaras municipais, cassar mandatos políticos, estabelecer a censura aos meios de comunicação e à arte e sustar as garantias do *habeas corpus* para crimes políticos. Deu-se início ao auge das investigações, perseguições, prisões, sequestros, torturas, mortes e desaparecimentos de

⁴⁹ Conforme informações do *site* da presidência da república, o general Artur da Costa e Silva, gaúcho natural de Taquari, também estudou no Colégio Militar de Porto Alegre, além da Escola Militar de Realengo, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Armada e da Escola de Estado-Maior do Exército. Vide *link* <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/presidencia/ex-presidentes/costa-silva>>. Acesso em 09 de setembro de 2017. Skidmore (1988) descreve Costa e Silva com um perfil diferente de Castelo Branco. Enquanto seu antecessor era descrito como austero e intelectual, líder do “grupo da Sorbonne” (oficiais ligados à Escola Superior de Guerra, com influência de experiências em instituições militares dos Estados Unidos e com experiência militar na Força Expedicionária Brasileira), Costa e Silva aparece como oficial de caserna com maior apoio dos oficiais mais jovens e com posicionamentos contrários ao grupo da Sorbonne.

militantes de esquerda nas mãos da ditadura. E a luta armada sentiu o forte impacto da violência institucionalizada.

Os relatos de Ruaro e Carneiro deixam evidente que havia em Caxias do Sul um núcleo organizado da VAR-Palmares. Alguns outros participantes, como Maeth Boff, Orlando Michelli, Airton Frigeri, Adair Castilhos, Romeu Bortolini, Rubens Pedroso, Nelson Piletti, Antônio Losada também são citados por Ruaro e/ou por Carneiro em suas entrevistas como alguns dos participantes desta organização clandestina. Ruaro tece alguns comentários sobre o surgimento da VAR-Palmares, dizendo que já em 1964 a organização estava tomando forma, embora não tivesse ainda nem nome. Ele conta que os membros do grupo, dissidentes do Partido Comunista, estavam se organizando, imprimindo alguns folhetos. Note-se que, nesta época, Ruaro vivia em Porto Alegre ainda.

Carneiro conta que havia diversos membros do PCB descontentes com a postura pacífica do partido, tanto em Porto Alegre quanto em Caxias do Sul. Esses membros acabavam firmando contato entre si e organizando reuniões paralelas às do Partido para discutir sobre a possibilidade de luta armada. Havia também vários estudantes universitários, especialmente do curso de Filosofia da UCS, do qual Carneiro era aluno. Ele afirma ainda que nestas reuniões Ruaro demonstrava exercer liderança, especialmente no meio operário. Carneiro conta que o amigo estava “sempre presente em todas [as reuniões], né... Ele se destacou logo de toda aquela turma de estudantes como o cara que tinha um conhecimento, maior capacidade de análise, [...] e disposição para conversar”.

Além disso, Carneiro afirma que Caxias do Sul destacou-se como um “local de passagem” de militantes comunistas. Às vezes, para despistar os órgãos da repressão, era necessário que os membros fizessem escalas na Serra Gaúcha antes de seguir viagem entre Porto Alegre e outras regiões do país, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo. Relata que havia inclusive um “aparelho⁵⁰” no centro de Caxias do Sul, num apartamento na esquina das ruas Doutor Montauray e Vinte de Setembro, para dar abrigo provisório a estes viajantes: “Quem nos deu a cama foi o Ruaro, a cama que eu dormia lá no meio do galinheiro dele [risos]... É... e nós trouxemos essa cama lá da casa dele até ali [no aparelho]”. A existência deste aparelho é confirmada também pela reportagem do Jornal Pioneiro já citada nesta pesquisa, datada de 2 de maio de 1970.

⁵⁰ Dava-se o nome de “aparelho” aos lugares (casas, apartamentos, sítios) que serviam como ponto de encontro ou de estadia e esconderijo para membros dos movimentos de resistência à ditadura civil-militar.

Figura 4 – Prédio em que se localizava o aparelho da VAR-Palmares em Caxias do Sul.



Fonte: imagem obtida através do Google Maps em 06 de abril de 2017.

A edição de 5-6 de abril de 2014 do Jornal Pioneiro também informa sobre a existência do aparelho da VAR-Palmares em Caxias do Sul. A reportagem de Rosilene Pozza (2014) traz entrevistas com Carneiro e Ruaro, além de Maeth Boff e Orlando Michelli, ambos também integrantes da VAR-Palmares em Caxias do Sul. Os ex-militantes contam que o apartamento servia como esconderijo para militantes que estavam de passagem por Caxias do Sul. O imóvel estava alugado no nome de Paulo de Tarso Carneiro, com fiança de Maeth Boff. A mesma reportagem também faz breve menção a respeito das reuniões que ocorriam no aviário dos gêmeos José e João Ruaro Filho. No texto consta que “foram feitas reuniões com operários dentro de um galinheiro. Foi na casa da família de João e José Ruaro (João estava em São Paulo, quem militava em Caxias era José)”. (POZZA, 2014).

Carneiro cita ainda como uma das ações da VAR-Palmares em Caxias do Sul uma distribuição de panfletos na frente do prédio Previdência Social, localizado na rua Visconde de Pelotas, em protesto contra o achatamento do salário dos aposentados, que havia sido desvinculado do aumento do salário mínimo, bem como por melhorias na saúde pública, que encontrava-se muito precária. Lembra ainda de ter participado de uma campanha pelo voto nulo através de distribuição de panfletos durante a madrugada.

Pelo perfil de Ruaro e pelas demandas da VAR-Palmares, ele foi então designado pelo grupo para participar do “setor de massas” da organização em São Paulo, que figurava dentro do movimento operário.

2.2 Militância em São Paulo

Chegando em São Paulo, Ruaro lembra que o movimento estava muito desorganizado, com um conjunto de jovens que, tempo depois, julgou ser “sonhadores”, que acreditavam que conseguiriam montar um verdadeiro exército para derrubar a ditadura. No entanto, Ruaro afirma que percebera que as “massas” nunca aderiram à luta armada, e nem havia condições para que aderissem, pois não havia conscientização política para tanto. Nas rodas de conversas com amigos ou familiares sobre suas experiências em São Paulo, recordo que Ruaro contava que sua função lá seria de se infiltrar no meio dos operários e iniciar um trabalho de conscientização política e cooptação para a luta armada. Para tanto, haveria de passar por alguns treinamentos adicionais. Enquanto não encontrava emprego em alguma fábrica, era custeado com dinheiro da própria VAR-Palmares. Algumas destas informações encontram sustentação nas fontes, conforme se verá a seguir.

O processo referente à prisão de Ruaro e do grupo mais imediato ao qual fazia parte dentro da VAR-Palmares traz informações sobre as investigações, com extratos de depoimentos dos militantes. Percebe-se que Ruaro foi preso cerca de um mês após chegar na capital paulista. Ele relata em suas duas entrevistas que foi preso em São Paulo, mais precisamente próximo à casa (aparelho) onde morava em Osasco, no dia 10 de janeiro de 1970. No entanto, o Auto de Qualificação e Interrogatório do DOPS-SP registra sua prisão somente no dia 29. É possível que nos dezenove dias iniciais Ruaro tenha ficado preso sem identificação alguma. Sabe-se que a prática de sequestros de militantes pelos órgãos de repressão era prática comum. Os resultados da investigação Brasil: Nunca Mais (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 2014) demonstram casos recorrentes de prisões totalmente arbitrárias, que feriam a própria legislação vigente na ditadura, configurando sequestros. Nestes casos, além de emprego de violência, torturas e excesso de força, a Justiça Militar só era informada oficialmente da prisão dias depois do ocorrido.

Outro relato que também não coincide com as datas apontadas acima é o da ex-presidenta Dilma⁵¹, em que ela afirma ter sido presa no dia 16 de janeiro de 1970. Pelo fato de Ruaro contar que ela fora levada até o aparelho onde ele e Maria Joana foram presos, percebe-

⁵¹ Em depoimento à Comissão de Indenização de Presos Políticos do Rio Grande do Sul, datado de 25 de outubro de 2001, Dilma conta detalhes de seus interrogatórios na OBAN. Trechos deste depoimento foram publicados no Relatório da Comissão Nacional da Verdade, e o documento original está disponível para consulta online através do *link* <http://www.cnv.gov.br/images/documentos/Capitulo9/Nota%20212%20241%20243%20-%2000092_001027_2012_80.pdf>. Acesso em 11 de outubro de 2017.

se que há conflito nas datas informadas. As demais fontes consultadas não permitem definir com exatidão a data da prisão de Ruaro. De qualquer forma, é ponto passivo que a prisão deu-se em meados do mês de janeiro de 1970.

No depoimento de Ruaro colhido pelos militares em 1970, estão registradas as circunstâncias de seu ingresso no Partido Comunista, em coerência com os depoimentos já prestados em Porto Alegre, ainda em 1965. O interrogado conta também que ingressou na VAR-Palmares no início do ano de 1969, tendo sido recrutado por Antônio Losada⁵². De acordo também com a entrevista de Carneiro, teria realmente sido Antônio Losada o responsável por aproximar Ruaro da organização. Tanto o depoimento de Ruaro quanto a entrevista de Carneiro relatam que, num primeiro momento, Ruaro fora enviado para o Rio de Janeiro, mas dentro de poucos dias já foi definida sua partida para São Paulo, onde deveria encontrar-se com “Luísa”, codinome de Dilma V. Rousseff. Ruaro conta em entrevistas que teve contato direto com Dilma em São Paulo, mas não apresenta muitos detalhes sobre como teria se dado esse contato e qual era o nível de relacionamento entre os dois. No entanto, o depoimento registrado pelo DOPS-SP traz maiores informações sobre a relação política entre eles.

Ao chegar na capital paulista, Dilma teria dado uma quantia em dinheiro para Ruaro, oriundo de recursos da VAR-Palmares, para que este pudesse se sustentar por algum tempo. Seu encontro deu-se no dia 12 de dezembro de 1969. Dilma teria passado também orientações a Ruaro para que se hospedasse no Hotel Ursa, e marcaram encontro para dali três dias. Ruaro foi instruído também a procurar um quarto para alugar nos anúncios do Diário Popular. Assim, o caxiense procedeu. Alugou um quarto onde ficou por cerca de quinze dias, tendo seu aluguel sido pago pela VAR-Palmares.

O depoimento confirma ainda a informação de que Ruaro exerceria atividades no Movimento Operário, juntamente com mais três companheiros que foram apresentados a Ruaro por Dilma. Teria participado de algumas reuniões na casa de um desses participantes, chamado José Cláudio Telles Cubas, de codinome “Allan”. Nestas reuniões estariam presentes, além de Ruaro, “Márcio”, “Paulo”, “Allan” e “Luísa”, sendo que esta última seria a responsável pelo andamento das reuniões. O documento registra ainda que no “aparelho” de Allan foram encontradas armas e munições. Ruaro argumenta que as armas provavelmente pertencessem a Allan e sua mãe. No entanto, Carneiro afirma em sua entrevista que a VAR-Palmares havia

⁵² Antônio Losada era natural de Bagé (RS). Foi líder sindical, militante do PCB e um dos principais líderes da VAR-Palmares no RS. Foi preso na década de 1970 em Porto Alegre. Na década de 1990, foi eleito vereador pelo Partido dos Trabalhadores na capital gaúcha.

determinado que Ruaro teria mais uma função em São Paulo: ser depositário de armas provenientes da expropriação do Quartel de Quitaúna por Carlos Lamarca.

Quanto a esse assunto, Ruaro não tece maiores comentários em suas entrevistas. De acordo com seus relatos, ele teria ido para São Paulo com o intuito de fazer trabalho de conscientização política junto ao operariado. Entretanto, o próprio Ruaro relata que no aparelho onde foi preso havia armas e munição. Afirma que não sabia a procedência das armas. Já a documentação construída pela repressão e uma notícia do Jornal Correio da Manhã⁵³ afirmam que, quando a Operação Bandeirantes desmantelou o grupo da VAR-Palmares de São Paulo, foi apreendido grande número de armamentos e munições. No aparelho de Ruaro, consta a apreensão de uma metralhadora Ina da Marinha (mesmo modelo das metralhadoras provenientes do Quartel de Quitaúna) e uma pistola Luger, além de farta munição. Esta informação foi confirmada por Ruaro na sua entrevista em 2004. De qualquer forma, as demais fontes não esclarecem se realmente houve a intenção de que Ruaro fosse depositário de armas proveniente da expropriação do Quartel de Quitaúna⁵⁴. Talvez a consulta de outras fontes, não incluídas nesta pesquisa, possam elucidar esta questão no futuro.

Por volta do Natal de 1969, o grupo de militantes decide que Ruaro deve passar a residir na casa de Allan. O depoimento registrado pela repressão afirma ainda que, a partir de sua mudança de endereço, Ruaro passou a manter relações amorosas com a mãe de Allan, chamada Maria Joana Telles Cubas. No entanto, essa informação é negada por Maria Joana em seu depoimento ao DOPS-SP. Esse desencontro de informações indica que essa relação amorosa pode ter sido inventada por Ruaro para justificar sua permanência na casa ou alguma atividade junto à família. Carneiro também levanta essa hipótese em uma conversa informal, no dia em que concedeu entrevista para esta pesquisa. Ele explica que era comum que, entre os militantes, fossem forjados casais, que fingiam viver maritalmente, a fim de despistar a repressão. O próprio Carneiro afirma que, talvez, o caso da “companheira” que Ruaro tinha em São Paulo (Maria Joana) fosse uma situação desse tipo.

Na casa dos Telles Cubas foram também encontrados livros e material impresso, como panfletos, com conteúdo subversivo. Ruaro nega saber da origem deste material, bem como quem os teria levado até aquele local. É bem possível que, ainda que soubesse da verdade, tenha

⁵³ CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1970. Disponível no site da Biblioteca Nacional, através do endereço <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_08&pagfis=1273>. Acesso em 05 de outubro de 2017.

⁵⁴ Sobre a expropriação do Quartel de Quitaúna e a trajetória de Carlos Lamarca, ver JOSÉ, Emiliano; MIRANDA, Oldack. **Lamarca: o capitão da guerrilha**. 2 ed. São Paulo: Global Editora, 1980.

procurado escondê-la para não delatar companheiros de militância. O depoimento de Ruaro colhido pela repressão refere ainda que ele “não chegou a fazer o recrutamento de nenhum [...] operário para a VAR-Palmares para isso, antes deveria receber um curso de capacitação política, que seria ministrado por ‘Luísa’ [Dilma Rousseff], todavia tal curso não chegou a ser dado”. Antes que Ruaro pudesse ter recebido a tal capacitação, foi capturado pela polícia. Relata ainda que sua prisão se deu no “aparelho” de Allan, após a prisão de Dilma. O jornal Folha da Tarde, do dia 28 de janeiro de 1970⁵⁵, apresenta uma reportagem de duas páginas sobre as prisões do grupo de “terroristas”, com o título *OBAN desmantela quadrilhas do terror*. Sobre Ruaro consta que este possuía o codinome de “Rolim” e

pertencia ao Setor de Massas e ao Subsetor do Movimento Operário; veio do Rio Grande do Sul para integrar-se à VAR-Palmares em São Paulo; em seu “aparelho” à Rua Professor Oliveira Santiago, 9, em Osasco, foram apreendidos: uma metralhadora ‘Ina’ da Marinha, uma pistola ‘Lugger’ e farta munição. (FOLHA DA TARDE, 1970, p. ?).

O extrato do depoimento de Dilma Rousseff afirma que ela teria solicitado à Direção Nacional da VAR-Palmares que enviasse para São Paulo:

dois elementos para comporem o Setor Operário; que, no início de dezembro de 1969 a Direção Nacional da VAR-PALMARES mandou três elementos, quais sejam GILBERTO MARTINS VASCONCELOS, vulgo ‘Ruivo’, JOÃO RUARO FILHO, e um tal de JOAQUIM.

Este trecho do documento vai ao encontro das explicações dadas por Ruaro e por Carneiro, que relataram que a decisão de enviar membros de um lugar a outro era do coletivo, seguindo critérios de perfil do militante e de demanda.

As fontes construídas pelo sistema de repressão indicam ainda que Dilma Rousseff possuía papel de coordenação dentro da VAR-Palmares, tendo em vista o teor de seu depoimento. São várias as referências de movimentação de valores que passavam por Dilma, bem como ela era responsável por ministrar aulas de marxismo-leninismo aos ingressantes e pela organização dos subsectores da VAR. Percebe-se que, de acordo com as fontes da repressão, Dilma era a pessoa encarregada de fazer a distribuição dos militantes dentro dos subgrupos, orientando ações e recepcionando novos membros recém-chegados de outras localidades.

⁵⁵ O recorte do jornal Folha da Tarde, com a reportagem na íntegra, consta nos autos do processo de Ruaro que se encontra sob a guarda do APESP. O texto é bastante semelhante ao da reportagem do jornal Correio da Manhã, de 23 de janeiro de 1970, já citado anteriormente.

Sobre o momento e as condições exatas da prisão de Ruaro em São Paulo, ele relata na entrevista datada de 2004 que, no dia da prisão, estava chegando em casa, em Osasco, por volta das 17:30h, vindo de uma reunião exaustiva da VAR-Palmares, que havia durado várias horas e onde tomara conhecimento da prisão de outro militante do grupo. Ao se aproximar da casa, avistou uma viatura da polícia, mas o cansaço e a desatenção não permitiram que ele imaginasse que a polícia havia “estourado seu aparelho”. Ao chegar na porta da casa, viu a outra moradora, Maria Joana Telles Cubas

[...] apavorada, insegura e dando explicação. E... nem ouvi direito o que ela dizia porque não deu tempo. Aí eu dei uns três passos para trás, para fugir e um tenente com uma pistola [inaudível] daquelas, me botou aquela pistola no peito e eu parei, né? [...] “Levanta as mãos!” Levantei as mãos e ele me..., chegou perto de mim e me deu um tapa no rosto e eu: ôpa, agora a coisa complicou. Tiraram a cinta, arrancaram a cinta, porque rasgaram a espera.

Ruaro afirma que Maria Joana era membro da VAR-Palmares, e que havia entrado para a organização através de seu filho Allan. Este relato permite compreender que as contradições de Ruaro e Maria Joana em seus depoimentos ao DOPS-SP, já citados anteriormente, provavelmente tratavam-se de um desencontro nas versões de cada um, na tentativa de inocentar Maria Joana.

Figura 5 - Imagem atual da rua em que se localizava o aparelho de Ruaro em Osasco.



Fonte: imagem obtida através do Google Maps em 09 de agosto de 2017.

Ainda sobre as circunstâncias de sua prisão, Ruaro conta que a polícia já tinha capturado Dilma Rousseff e ela fora levada junto ao seu aparelho. Ele afirma que ela teria o identificado para a polícia como Rolim, um dos codinomes que ele possuía em Porto Alegre,

no entanto o codinome que ele mais usava em São Paulo era Luiz. Ruaro justifica a delação sofrida como uma provável tentativa de Dilma de “aliviar” algo ou alguém com posição mais estratégica dentro da VAR-Palmares. Ruaro relata ainda que Dilma havia sido muito torturada, tendo inclusive um dente arrancado a socos durante uma sessão de espancamento.

No relato publicado pela Comissão Nacional da Verdade, Dilma confirma que teve um dente arrancado a socos durante uma sessão de tortura em São Paulo. Ela afirma também que era membro da direção da VAR-Palmares naquela cidade. No entanto, Dilma conta que o dente foi arrancado meses depois de sua prisão. Ela explica que, após ter sido presa pela OBAN em 16 janeiro de 1970, foi enviada para Minas Gerais no mês de abril. Tempos depois, ao retornar para São Paulo para prestar novos esclarecimentos aos órgãos de repressão, seu dente foi brutalmente arrancado durante um espancamento.

Percebe-se que o trabalho dialoga com a História Oral na medida em que, segundo Alberti (2004) a metodologia da história oral possibilita dirigir o foco de interesse para as versões que os sujeitos históricos constroem sobre suas experiências relacionadas aos contextos abordados, e não restringindo a pesquisa às fontes documentais. Assim, sabendo que os documentos da ditadura não possuíam necessariamente compromisso com a verdade, se pode analisar os fatos através de outros discursos.

Em Caxias do Sul, a família só ficou sabendo de sua prisão alguns dias depois, através de uma carta que Ruaro havia enviado. Sua irmã, Zélia, conta que Ruaro havia avisado que estava indo morar em São Paulo e que trabalharia em uma fábrica de rações. No entanto, deixou alguns familiares cientes de que, concomitantemente, ele atuaria na VAR-Palmares juntos aos operários. Para evitar a circulação de cartas entre Ruaro e a família, Zélia afirma que seu irmão José, gêmeo de Ruaro, a enviava periodicamente até um determinado lugar, que sempre variava de endereço, portando uma edição da Revista Conhecer, cujo título era grande e chamativo na capa da revista. No ponto determinado, Zélia encontrava algum membro da VAR-Palmares que também portava a referida revista com o título à mostra. Assim, o título da revista sendo carregado de forma visível era o sinal que identificava com quem deveriam falar. Além disso, deveriam dizer “são oito horas Omega” ao se encontrarem. Esta era a senha que confirmava que estavam diante da pessoa correta. Zélia refere que era sempre um rapaz jovem que vinha lhe encontrar, embora nenhum dos dois revelasse seu nome ou qualquer outra informação sobre si. O informante apenas transmitia notícias sobre Ruaro de forma rápida. Os dois se despediam e iam embora.

Zélia refere também que, depois que Ruaro já estava preso, a casa onde ele residia em Caxias do Sul junto com seu pai, madrasta, ela própria e outros irmãos foi invadida e

brutalmente revistada pela polícia. Zélia relata que “eles extrapolaram! Eles quebraram, eles rasgaram, tudo o que eles podiam derrubar eles derrubaram, mas não conseguiram encontrar nada em casa”. Ela conta também que a polícia estava em busca de uma carta enviada por Ruaro à família, quando estava na Casa de Detenção Tiradentes, em São Paulo. Zélia conseguiu esconder a carta e garantiu aos policiais que a havia queimado. Não acreditando muito na versão de Zélia, a polícia pedia maiores explicações, ao que ela informava que havia queimado a carta porque

eu tinha que salvar a minha mãe e a minha pele, né... Daí eu disse: “a carta eu queimei porque a gente não queria que o pai soubesse. A minha mãe não sabe ler, é analfabeta. Mas o meu pai sabe ler! Então eu não queria que o meu pai visse a carta para ele não ficar sentido, chateado, preocupado... Porque o meu irmão foi para trabalhar em São Paulo e foi preso!”

Zélia conta que, mesmo não estando muito satisfeitos com a versão dela sobre a carta, os policiais foram embora e não voltaram a molestar mais a residência. No entanto, a partir daquela data, ela percebia com frequência viaturas da polícia rondando a escola onde ela estudava.

As práticas relatadas são condizentes com a narrativa presente no livro *Brasil: Nunca Mais* (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 2014). A obra demonstra que o temor de Zélia não era infundado, na medida que a repressão não excluía de suas violências os familiares dos acusados, ainda não recaísse sobre eles nenhuma suspeita. O livro aponta ainda casos de roubo e extorsão protagonizados por policiais ou militares, que invadiam as moradias em busca dos acusados.

Já sobre a tortura sofrida e presenciada, Ruaro tece extensos comentários em suas entrevistas. Após ter sido capturado por oficiais da Operação Bandeirantes, Ruaro relata que foi levado para as instalações desta organização repressiva. Lá, afirma ter sido submetido a duas sessões de interrogatórios sob aplicação de torturas físicas e psicológicas:

Na Operação Bandeirantes eu vi as monstruosidades piores que se pode imaginar. Ali tinha pau de arara⁵⁶, tinha máquina de dar choque, tinha o tal de cavalete. O cavalete

⁵⁶ De acordo com Bauer (2012), o pau de arara era utilizado desde o tempo da escravidão africana. Consiste em “amarrar punhos e pés da vítima despida, forçando-a a dobrar os joelhos e a envolvê-los com os braços. Em seguida, passava-se uma barra de ferro de lado a lado [...], por um estreito vão formado entre os joelhos flexionados e as dobras do cotovelo. A barra era suspensa e apoiada em dois cavaletes, ficando o preso pendurado”. (BAUER, 2012, p.73). A autora explica que este tipo de tortura normalmente era acompanhado de choques elétricos, afogamentos, queimaduras e espancamentos. O resultado eram lesões musculoesqueléticas,

consiste em botar o cara montado na vara, e depois vão rodeando a vara e vai torcendo os testículos do cara, né... [...] Então, o pau de arara é o pior, o pau de arara é uma coisa, assim, indescritível. Eu não sei como é que uma pessoa consegue ficar horas pendurada num pau de arara! Se tivessem me pendurado, com o problema de articulação que eu tenho, eu não teria resistido. Mas, felizmente, não me penduraram.

Outra forma de tortura bastante evidenciada nos relatos de Ruaro é a aplicação de choques elétricos. Ele relata que sofreu espancamentos severos, seguidos de “telefones”, que se trata de um forte tapa nos dois ouvidos ao mesmo tempo. O brasileiro Thomas Skidmore (1988) afirma que esse golpe era tão violento que chegava a estourar os tímpanos do torturado. Ruaro conta que este foi o pior golpe físico que levou. Recordo que, em conversas informais, ele costumava falar do “telefone”, dizendo que o golpe causava dor forte nos ouvidos e na cabeça, além de deixar profunda sensação de tontura. Ruaro ressalta que levou muitos choques elétricos no dia de sua prisão. Relembra também que, além da cadeira eletrificada, era utilizado um aparelho telefônico para aplicar os choques⁵⁷. A repressão dava

o telefone pro cara segurar: “quer telefonar para o advogado? Está aqui, olha”. Era um telefone daqueles que dá choque, né. E [inaudível], aquela máquina tem alta voltagem mas não tem amperagem, tem baixa amperagem, então torce todo o cara mas não mata, né, aquilo [inaudível] vira para trás. Depois eu fui torturado mais um dia, levei muito choque, daí eu dei um murro em cima da mesa, eu disse: “eu não sei mais nada, pomba!” [...] E tinha um grandalhão olhando para a sola do sapato assim, quando eu dei aquele murro em cima da mesa, o cara me olhou e disse: “boa gaúcho, tu é macho!” Não me bateram mais ali na Operação Bandeirantes.

Esta descrição técnica de Ruaro sobre o funcionamento do telefone que dava choques está em consonância com os achados de Bauer (2012). A historiadora cita Riquelme (apud BAUER, 2012) para afirmar que, apesar de a tortura não ser uma invenção da ditadura civil-militar, ela foi aprimorada tecnicamente neste período. O relato de Ruaro permite perceber o quanto havia de conhecimento técnico (física, engenharia elétrica) envolvido nas práticas e ferramentas de tortura. Ainda sobre aplicação de choques elétricos, a autora afirma que este foi o principal método de tortura utilizado no Brasil e na Argentina.

articulares e vertebrais de diversos tipos, além de danos psicológicos que poderiam afetar profundamente e em definitivo o emocional do torturado.

⁵⁷ Os choques elétricos recebidos por Ruaro eram aplicados na “cadeira do dragão”. A investigação BNM (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 2014, p. 34-35) apresenta um relato que descreve este instrumento de tortura como “uma cadeira extremamente pesada, cujo assento é de zinco, que na parte posterior tem uma proeminência para ser introduzido um dos terminais da máquina de choque chamado magneto; que, além disso, a cadeira apresentava uma travessa de madeira que empurrava as suas pernas para trás, de modo que a cada espasmo de descarga suas pernas batassem na travessa citada, provocando ferimentos profundos”.

Além de Ruaro, Carneiro também relata que sofreu muitos choques elétricos quando esteve preso em Porto Alegre (embora Ruaro afirme que só sofreu torturas físicas em São Paulo), relatando inclusive que levou choque na cabeça, vestindo um capuz: “eu estava de capuz e eu comecei a ver luzes, aí me explicaram [já fora da prisão]... ‘não, essas luzes que tu tava vendo tu não tava enxergando, não tinha luzes lá na frente. A luz era dentro do teu cérebro, da corrente elétrica correndo”. Carneiro afirma que Ruaro também passou por essa experiência.

A psicanalista Maria Rita Kehl (2010) afirma que a permanência das práticas de violências e torturas que são cometidas pela polícia brasileira, mesmo após o fim da ditadura, é fruto de um processo de esquecimento que o país viveu acerca das violações de direitos do período ditatorial. A autora chama a atenção para o fato de que não houve punição dos envolvidos com a tortura e que a anistia⁵⁸ concedida em 1979 foi ampla, geral e irrestrita⁵⁹ – dando o mesmo tratamento para torturados e torturadores. Ela afirma que, da forma como foi sancionada, a lei permite o “esquecimento” da tortura. A própria palavra anistia deriva do grego “amnestia”, que remete a esquecimento. Este esquecimento referido por Kehl acaba por naturalizar a violência.

Edson Telles (2010) também afirma que a ausência de punição para os crimes da ditadura civil-militar colaboraram para uma cultura de violência dos dias atuais. O autor explica que a violência institucionalizada do contexto ditatorial se perpetua hoje na sociedade brasileira, seja “nos atos ignóbeis de tortura ainda praticados nas delegacias, seja na suspensão dos atos de justiça contida no simbolismo da anistia” (TELLES, 2010, p. 316). Assim, o autor compreende a lei de anistia como a aceitação simbólica da anulação das possibilidades de justiça referente aos crimes da ditadura civil-militar brasileira.

A investigação BNM (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 2014) traz a público diversos testemunhos de ex-presos políticos que relatam torturas físicas e psicológicas semelhantes às referidas por Ruaro. São sevícias que expõem uma faceta do extremo desrespeito à pessoa humana e ao próprio direito à vida. Choques elétricos, afogamentos, espancamentos, “telefones”, ameaças de toda a sorte, violação sexual, queimaduras... O número de atrocidades era variado, e aplicado na mais tranquila certeza da impunidade nos espaços da ditadura.

⁵⁸ BRASIL. Lei nº 6683, de 28 de agosto de 1979. **Lei de Anistia Política**. Brasília, DF. Lei de anistia política sancionada pelo presidente general João Batista Oliveira Figueiredo. Esta lei fazia parte do processo de reabertura política iniciado no governo Geisel.

⁵⁹ Terminologia utilizada no momento em que a lei foi sancionada.

Percebe-se nas entrevistas de Ruaro que ele se dedica mais a contar sobre as torturas psicológicas que sofreu, e especialmente sobre as sevícias sofridas por outros presos políticos, dando maior importância às torturas físicas dos outros, e minimizando as suas próprias. Carneiro explica que havia, entre os presos políticos, e relata que isso perdura até a atualidade, a tendência a quantificar a tortura. Assim, aqueles que sobreviveram às torturas sem sequelas físicas, ou sem graves danos psicológicos, tendiam a minimizar seus sofrimentos. Ruaro conta que

Me deram muito choque elétrico, me deram algumas pancadas nos ouvidos, socos, me deram muitos socos e, inclusive, [quase inaudível – interferência] me fraturado uma costela com aquelas bordoadas que me deram. Mas, felizmente, não houve nada. Mas, eu vi companheiros apanharem muito, apanharem muito mesmo. [...] E, mas, eles aleijaram gente assim, que arrancaram pedaços de gente e mataram mesmo, mataram a bordoadada, na Operação Bandeirantes e no DOPS. Ah, eu estive quarenta dias no DOPS, e quase todos os dias chegava gente tudo arrebatada nas celas. Eles penduravam gente e dava até o cara perder os sentidos.

Carneiro conta que, em 2015, esteve conversando com Ruaro sobre esta tendência a quantificar a tortura⁶⁰, e que Ruaro acabou afirmando que suas torturas realmente foram brutais, e concordou com Paulo sobre o equívoco da quantificação. Sobre esta tendência, Paulo afirma que

Havia uma tendência de quantificar a tortura. Uns, porque achavam que eram melhores que os outros, “ah, eu fui mais torturado do que tu”. E... eu, pra mim, lá dentro ainda já aprendi que não tem quantificação para a tortura, né... A tortura psicológica, por exemplo, eu acho que em alguns casos ela era muito mais grave.

No mesmo sentido, Ruaro também afirma que a pior tortura por que passou foi a psicológica: “Mais é a guerra de nervos. A guerra de nervos é terrível! Deixavam o cara aí cinco ou seis horas, ameaçavam, ameaçavam, dizem de tudo, deixam o cara quietinho aí no canto, daí a pouco chega um e diz: ‘Como é seu filho da puta, vai falar?’”. Ao ser questionado sobre o que mais o havia marcado na experiência da prisão, em 2004 Ruaro afirma que “o que marca é que o sujeito não sabe o que vai acontecer”. Ruaro relata que, como consequência das torturas,

⁶⁰ Os traumas psicológicos causados pela tortura são tema de muitas pesquisas na área da Saúde. No entanto, não foram objeto de investigação neste trabalho. Para maiores informações sobre os desdobramentos psicológicos em vítimas de tortura, sugere-se consultar Catela (2001), Rauter, Passos e Benevides (2002) e Sigmund Freud Associação Psicanalítica (2014).

sofreu, ao menos até a década de 2000, com pesadelos sobre interrogatórios, além de ter perdido parte da audição de um dos ouvidos⁶¹.

Apesar de todas as sevícias e suas sequelas, Ruaro também afirma, de forma emocionada e com toques de saudosismo, que aprendera lições de solidariedade na prisão. “Eu vi até onde pode ir a solidariedade humana, a solidariedade política, do princípio humano. O sujeito para ter, sonhar com o socialismo, ele tem que ter um sublime amor universal, que não nasce em qualquer coração”.

Ruaro conta que a comida do presídio era de péssima qualidade, mas a carceragem permitia que os presos políticos recebessem comida de fora. Assim, as famílias com melhor situação financeira mantinham o provimento de alimentos em dia. Dentro de cada cela, Ruaro afirma que havia uma despensa, e era escolhido um despenseiro a cada mês. Esse despenseiro era encarregado de organizar os alimentos recebidos e fazer uma lista com as necessidades que deveriam ser solicitadas às famílias. De acordo com sua entrevista, havia fatura de comida nas celas, que associada à falta de exercícios físicos, propiciava ganho de peso pelos presos.

No dia em que eu saí, nós tínhamos quatorze tipos de queijos, sem contar o queijo ralado e o polenguinha, quatorze tipos. Tinha um quintanista de medicina, ele tinha sete tias. E as tias perguntavam o que ele queria que elas mandassem. Ele dizia: “olha, só aceito se mandarem para os quatorze [presos da cela], senão não mandem”. – “Sim, nós mandamos, não tem problema”. Era gente de recursos, então elas mandavam. Um dia mandaram um peru, mas um peru desse tamanho! Outro dia mandaram [...] uma travessa de massa, [...] uma macarronada. Mas aquilo era, era para os quatorze, ainda sobrou macarrão. Outro dia mandaram pastel. Então mandaram 98 pastéis. Os quatorze comeram pastéis até não querer mais. Então as coisas funcionavam mais ou menos assim, quer dizer, em matéria de provisão, aqui ali nós estávamos riquíssimos, graças a Deus, a solidariedade ali era uma coisa muito linda. E foi uma das coisas que eu não consigo esquecer.

Jacob Gorender cumpriu pena no Presídio Tiradentes, no mesmo período que Ruaro. Tenho lembranças de Ruaro comentando que o havia conhecido na cadeia, embora essa convivência não tenha sido mencionada por ele em suas entrevistas ao AHMJSA. Gorender (1999) também relata memórias de solidariedade durante o período de encarceramento. O autor cita um caso de mobilização interna (no presídio) dos presos políticos contra as torturas a que eram submetidos os presos comuns, com espancamentos e afogamentos. Como represália pelos protestos, alguns presos políticos foram proibidos de receber visitas por algum tempo. Em

⁶¹ Este relato é confirmado por minha convivência com Ruaro, quando acordava abruptamente durante a madrugada com os gritos dele em decorrência de seus pesadelos.

solidariedade a esses presos que não poderiam ter contato com seus familiares, Gorender conta que os demais presos políticos desceram ao pátio, informaram a todos os familiares os motivos da ausência dos companheiros e ainda discursaram contra as punições e as torturas na presença do diretor do presídio. Desde esse episódio, Gorender (1999, p. 253) afirma que “os espancamentos noturnos cessaram e o tanque foi esvaziado e tampado”.

Outro ponto de convergência entre os relatos de Ruaro e de Gorender (1999) é a referência às leituras e grupos de estudos realizados dentro das celas do Presídio Tiradentes. Recordo que, desde muito jovem, ouvia Ruaro contando sobre cursos e estudos efetuados quando estava na cadeia. Ele relatava que, apesar dos problemas e das violências, aquele fora um período de grandes aprendizados. Gorender tece um relato sobre os estudos feitos no presídio:

Os presos se dedicavam a leituras e trabalhos de artesanato, mas eram presos políticos. Ali dentro, faziam política em tempo integral. Da minha parte, aprendi na discussão com o pessoal de tantas organizações e procurei retribuir. Durante ano e meio, sempre às noites de segunda-feira, fiz palestras sobre História do Brasil. O entra-e-sai variava o público. A plateia podia ter dez ou 25 ouvintes, conforme os momentos de quedas na esquerda. Poucos presos ouviram o curso da primeira à última palestra, quando abordei o Governo Médici e escandalizei alguns sociólogos presentes ao afirmar que a economia brasileira não sofria de estagnação estrutural e atravessava uma fase de auge expansionista. (GORENDER, 1999, p. 251).

O estrato acima caracteriza relações entre presos políticos que merecem maior investigação, uma vez que possibilitam através das leituras o uso do tempo dentro do cárcere.

A militância política de Ruaro junto à VAR-Palmares lhe rendeu um ano e oito meses de cadeia. No entanto, Ruaro foi condenado a doze meses de prisão em regime fechado. Como ele já estava preso na época de seu julgamento, a pena foi calculada retroativamente. Assim, Ruaro ganhou a liberdade no mesmo dia de sua condenação. De forma bem humorada, Ruaro afirma: “tenho oito meses de crédito na praça”. No dia 20 de setembro de 1971, Ruaro novamente encontra a liberdade das ruas. Um bom motivo para comemorar o “dia do gaúcho”.

2.3 Rumo à liberdade: novos projetos

Depois de aguardar preso pelo julgamento durante um ano e oito meses em regime fechado no Presídio Tiradentes (SP), Ruaro é condenado a um ano de prisão. Com a pena

calculada retroativamente, é posto em liberdade em 20 de setembro de 1971, em pleno governo Médici⁶².

O início da década de 1970 é conhecido como a época do “Milagre Brasileiro”. Este termo define um período compreendido entre 1968 e 1973, marcado pelo acelerado crescimento econômico do Brasil. Tal crescimento era fruto do contexto de industrialização do país, da conjuntura internacional favorável, dos crescentes investimentos estatais e estrangeiros, bem como das políticas adotadas pelo governo desde o início da década de 1960 com vistas à estabilização sociopolítica e econômica.

Com a economia em tempos de crescimento, Ruaro não teve muita dificuldade para encontrar emprego. Ele relata que, tão logo sentiu os ares da liberdade, resolveu retornar de imediato para Caxias do Sul, ao encontro da família e de amigos, por quem conta ter sido recebido calorosamente.

Sim, me receberam muito bem. A minha madrastra veio me abraçar, deu uma risada que se ouvia lá na outra esquina. Ela se abraçou em mim, nunca tinha me dado um abraço daquele tamanho. Digo, mas que barbaridade! E aí todo mundo veio. Na rodoviária, cheguei lá no dia, na rodoviária, diz: “Ô, tu chegou? Tu está aí? Vem cá rapaz, - me perguntou – como é que foi lá, [...] e o que tu continua achando?” Digo: “achando a mesma coisa que eu achava quando eu fui preso, não mudei nada”. E ele disse: “Então aperta aqui!” Muitos caras, muitos caras, pessoas assim que eu não esperava, né, vinham e me apertavam a mão.

A Carteira Profissional de Ruaro registra que o primeiro emprego formal após o cumprimento da pena em São Paulo foi na empresa caxiense Randon S/A Indústria de Implementos para o Transporte, onde trabalhou de 22 de janeiro de 1972 até 21 de março de 1973 no cargo de auxiliar geral, fazendo separação de sucatas. Ruaro saiu da Randon para iniciar as atividades no dia seguinte novamente na Manufatura Caxiense de Peles Ltda (Mapeles), empresa de propriedade de alguns amigos da família em que trabalha por mais três anos como servente, de 22 de março de 1973 até 05 de março de 1976.

Zélia afirma que Ruaro retomou a atividade sindical quando trabalhava na Madeireira De Zorzi S/A, onde trabalhou de 3 de maio de 1976 até 11 de maio de 1977. Sua Carteira Profissional registra que ele foi contratado como servente. Entretanto, Ruaro relata em sua

⁶² O general Emilio Garrastazu Médici, comandante do Terceiro Exército do Rio Grande do Sul, governou o Brasil entre outubro de 1969 e março de 1974. Gaúcho de Bagé, teve seu governo marcado pela fase mais autoritária e repressiva da ditadura. Skidmore (1988) afirma que Médici não era um oficial conhecido pela população à época de sua escolha para a presidência da república, embora já tivesse exercido cargos de adido militar em Washington e de chefe do SNI nos governos anteriores.

entrevista de 2004 que, por influência do médico da empresa, foi realocado para o setor de departamento pessoal. O médico é lembrado por Ruaro como um profissional bastante humano, mas este não soube justificar tal atitude de trocar-lhe de cargo. Além disso, Ruaro conta também que não se sentia à vontade com a nova função, pois destoava de todas as atividades que já exercera. Apesar disso, desempenhou a função de auxiliar do departamento pessoal por um ano, fazendo amizade com os colegas de empresa.

Aí... ele [o médico] olhou assim, e ele tinha tratado o meu irmão que era diabético, ele foi muito atencioso, ele foi muito humano com o meu irmão, e ele... aí me deu, meio na marra, me fez ir para o departamento pessoal, trabalhar no departamento pessoal, eu que sempre trabalhei dentro de fábrica, o cara fica meio [inaudível], com um mãozão de proletário, e proletário do sistema burguês das piores pontas, que eu sempre peguei. E eles, ele... Bom, trabalhei um ano ali dentro daquele departamento pessoal. Eu não progredi, não me dei com aquilo ali, né? Fiquei trabalhando um ano ali. Fiz amizade com as pessoas. E gozado que ali, rapaz, eu ficava sem jeito, né, porque quando dava um atrito qualquer entre o trabalhador e o departamento pessoal, eu era o para choque. Diziam, olha, vem cá, olha aqui o que eles me deram, o que tu acha, o que eu faço? Quer dizer... aí que eu vi, puxa, onde eu fui buscar esse prestígio, os caras vem me perguntar! Aí eu procurava aconselhar da melhor maneira, porque não tem...

Recordo que Ruaro, em conversas cotidianas, comentava que sua coordenação motora fina havia sido prejudicada pelo trabalho pesado. Contava que sua caligrafia por vezes beirava o ilegível por ter sido habituado com tarefas pesadas e repetitivas. Comentava também sobre não ter se sentido à vontade quando trabalhara dentro do escritório da empresa, em função burocrática. Considerava que estava deslocado e costumava julgar a fábrica como sendo seu local mais apropriado.

Entre este emprego e o próximo registro em sua carteira profissional, percebe-se uma lacuna de um ano e meio sem nenhum vínculo empregatício. Referente a este período, Ruaro conta que esteve engajado como sócio de Romeu Bortolini⁶³ em uma criação de coelhos, com o que não obtiveram sucesso. De acordo com Ruaro, nenhum dos dois sócios possuía recursos financeiros suficientes para levar o negócio adiante. Ratificando esta informação sobre o empreendimento, outros entrevistados também afirmam que Ruaro passou um tempo trabalhando em uma granja de propriedade de Romeu Bortolini, conhecida como Jodeca⁶⁴, que era localizada no distrito caxiense de Fazenda Souza.

⁶³ Ruaro e Bortolini se conheceram no PCB, que neste período (1977-1978) ainda estava na clandestinidade.

⁶⁴ Ruaro costumava contar que o nome “JODECA” consistia em uma homenagem de Bortolini às suas três filhas, Joe, Débora e Cátia, cujas iniciais foram reunidas para denominar a propriedade rural. Localizado no distrito caxiense de Fazenda Souza, o local serviu como aparelho do PCB a partir do final da década de 1970.

É interessante salientar que a segunda metade da década de 1970, período em que Ruaro retomou as atividades sindicais em Caxias do Sul, foi marcada pela desaceleração do crescimento da economia brasileira. Gremaud, Saes e Júnior (1997) afirmam que essa desaceleração da economia era resultado tanto de desequilíbrios externos quanto internos. Os autores apontam o choque do petróleo e desequilíbrio na balança comercial como dois dos principais fatores que contribuíram para frear o crescimento da economia do Brasil.

Este momento de desaceleração e crise incipiente parece não ter sido o mais propício para os ímpetus empreendedores de Ruaro e Bortolini. De acordo com Zélia, Ruaro passou uma temporada (sem especificar datas) na granja de Bortolini para tocar um projeto de criação de coelhos que ele empreendia em sociedade com Romeu Bortolini. Para ela, não havia nenhum tipo de motivação envolvida nesta empreitada que não fosse puramente o empreendimento financeiro.

No entanto, tanto Benetti quanto Carneiro apresentam versões distintas. Ambos os amigos de Ruaro afirmam que a granja de cerca de 200 hectares de terra era um “aparelho” utilizado pelos membros do PCB (que nesta época ainda estava na ilegalidade) entre o final da década de 1970 e início da década de 1980. Carneiro conta que as terras da granja haviam sido compradas por Romeu Bortolini sob orientação do PCB e, talvez, com recursos do próprio partido. O objetivo era que servissem como ponto de encontro da militância, para realização de reuniões de estudos e/ou treinamentos e possível esconderijo de militantes perseguidos pelos órgãos da repressão. Carneiro lembra ainda que “a lenda dizia que teriam comprado armas para resistir, e como veio a ordem depois de não haver resistências, essas armas estariam enterradas lá”. Zélia também conta que o lugar servia como ponto de encontros políticos, e faz um relato semelhante ao de Carneiro:

O Bortolini também era militante do partido. E ele só não foi preso na época porque eles pegaram e fizeram um buraco, lá em Fazenda Souza, eles fizeram um buraco no chão com um trator e sei lá mais o quê [...] e esconderam ele e o jipe dentro desse buraco, inclusive com comida e água para ele ficar escondido.

Desta forma, as fontes demonstram que o espaço de fato serviu para as reuniões políticas que eram proibidas e coibidas pela polícia. Carneiro conta que a granja possuía até um apelido entre seus frequentadores: a “Nova Rússia”. Benetti também relata que na Jodeca funcionava uma base clandestina do PCB, onde ministravam-se cursos de conteúdo político, de caráter formativo para a militância. Apesar de estar localizada no meio rural, Benetti afirma que o público frequentador eram militantes oriundos da cidade, especialmente estudantes e

trabalhadores. Os três entrevistados confirmam também que Ruaro e seu irmão José haviam entrado no projeto de criação de coelhos, além de “aparelho” do PCB. Zélia, porém, afirma que a empresa não possuía relação com as questões políticas que envolviam Ruaro e Bortolini.

O contexto político da segunda metade da década de 1970 era o do governo Geisel⁶⁵, que tinha como um de seus principais objetivos o projeto de redemocratização do país, isto é, a intenção de liberalizar o regime. O lema era o da distensão lenta, gradual e segura. Entretanto, esta liberalização não pode ser compreendida como uma fase sem repressão. Apesar de a atuação dos órgãos de repressão estar mais branda, inclusive por denúncias e pressão interna e externa, o governo Geisel pretendia controlar os subversivos (SKIDMORE, 1988). Isso explica o interesse de Ruaro em se fixar por um tempo na granja Jodeca, a fim de empreender um novo negócio e de sair da cena política e sindical, ficando fora do interesse da repressão.

Economicamente, a crise vinha se agravando no final da década de 1970. A desaceleração da economia havia deixado aberto o caminho para a forte crise que o país entraria na década de 1980. A má distribuição de renda e a política salarial aumentaram o abismo que separava a minoria mais rica da grande massa assalariada. O achatamento salarial pode ter contribuído também para que Ruaro buscasse outra ocupação profissional, empreendendo com a criação de coelhos na Jodeca.

Outro antigo militante do PCB de Caxias do Sul, Domingos Lori dos Santos⁶⁶ também relata ter conhecido a referida granja, onde chegou a tomar parte em atividades clandestinas. Santos afirma que Ruaro “esteve muito tempo fugido, ele esteve aqui na, na chácara de [...] Fazenda Souza, lá com o Bortolini. Até nessa chácara nós fizemos um barracão pra fazer reunião lá”. Indagado sobre os negócios entre Ruaro e Bortolini, Domingos nega qualquer relação empresarial entre eles. Reforça que a única motivação para Ruaro ter ido morar na Jodeca era a de despistar a repressão. Neste sentido, seu relato vai ao encontro do relato de Zélia, irmã de Ruaro.

⁶⁵ Mais um gaúcho, natural de Bento Gonçalves, Ernesto Geisel exerceu o mandato de presidente da república de março de 1974 até março de 1979. Com personalidade fechada e perfeccionista, foi aluno de destaque do Colégio Militar de Porto Alegre, na Escola Militar de Realengo e na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Armada. Alinhado ao grupo da Sorbonne, Geisel também passou por formação em instituição militar dos Estados Unidos. Ao ser eleito pelos militares, exercia o cargo de presidente da Petrobrás, e já havia sido chefe da Casa Militar do governo Castelo Branco e ministro do Supremo Tribunal Militar.

⁶⁶ Entrevista concedida ao AHMJSa em 04 de março de 2009, em Caxias do Sul.

Figura 6 – Ruaro (E) na Jodeca. À direita, homem não identificado.



Fonte: APJRF.

José Carlos Monteiro⁶⁷ conta, em entrevista concedida para esta pesquisa, que chegou a frequentar a chácara Jodeca algumas vezes. Ele refere que se tratava de um local de estudos de formação política. Teriam inclusive sido construídas instalações para acomodar os participantes, uma espécie de alojamento bastante precário. Monteiro conta que chegou a participar de um curso de quatro dias de duração na Jodeca, sobre materialismo histórico e dialética. Neste curso, lembra que haviam cerca de trinta pessoas, entre estudantes, metalúrgicos e membros do movimento comunitário.

...Eu participei de um curso, que foi num final de semana – quinta, sexta, sábado e domingo até meio dia. Eu recorro que eu estava de férias no Uruguai e eu voltei pra esse curso, né. Foi um curso onde nós tivemos... Foi trabalhado somente a questão do materialismo histórico, a dialética. Todo esse tempo. O principal professor era o Tiellet⁶⁸. O primeiro nome eu não recorro. Era um professor da Unijuí, já faleceu...

No entanto, em função da distância em relação à cidade de Caxias do Sul, a ideia de manter o espaço como local de formação política também não foi muito adiante. Após este

⁶⁷ Entrevista concedida em 24 de março de 2017, na UCS. José Carlos Monteiro é docente do curso de Direito desta instituição, licenciado em Filosofia, bacharel e mestre em Direito. Conheceu Ruaro no início da década de 1980, enquanto presidia a União das Associações de Bairros (UAB) de Caxias do Sul. Foi membro do PMDB e do PCB.

⁶⁸ Possivelmente o professor a quem Monteiro se refere seja Paulo Cezar Tiellet (1957-2003), docente de filosofia na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. Em homenagem póstuma publicada na Revista Espaço Acadêmico, Fraga (2003) apresenta breve relato da biografia do professor Tiellet. Conta que fora dirigente nacional do MR-8 e membro do PCB gaúcho, e que valorizava sobremaneira os aspectos filosóficos das questões políticas.

curso, Monteiro relata que, até onde lhe consta, o espaço passou a ser ocupado mais por estudantes. Além disso, ressalta que, apesar de o início da década de 1980 já ser marcado pela reabertura política, o PCB ainda estava na ilegalidade, e era necessário tomar uma série de cuidados para que as reuniões não fossem descobertas.

O pessoal fazia questão de... o pessoal ia organizado, não era uma coisa assim muito aberta que... “ó, vai por aqui, pede lá”, não... Tu ia com alguém que sabia e te levava, né. Para não estar pedindo, alertando aí o povo... Vivíamos já na democracia, mas igual... sempre com um aspecto, assim, de cuidado, né.

Ainda tratando da referida chácara, Benetti relata que a decisão de Ruaro ingressar na metalurgia foi tomada em conjunto em uma reunião da Jodeca. Benetti conta que “quando ele estava lá nessa Jodeca, teve uma decisão de o Ruaro vir trabalhar nas metalúrgicas, e ele ser filiado ao sindicato e... pra ter mais uma pessoa aí na luta, né... Para defender a classe dos trabalhadores, a classe operária e tal”. O amigo ainda completa dizendo que “[...] tomaram esse rumo de ele vir para Caxias acho que até porque, para usar essa experiência, essa qualidade que ele tinha no processo de ajuda para os trabalhadores, né...”.

Percebe-se que Ruaro não possuía até então experiência na metalurgia. Somente a partir de 1978 (justamente após o período em que sua carteira profissional possui um lapso de um ano e meio – período em que esteve na Jodeca) iniciou atividades na Metalúrgica Abramo Eberle S/A, filiando-se ao Sindicato dos Metalúrgicos. Esta mudança no campo profissional de Ruaro, decidida conjuntamente por motivos políticos, pode ser compreendida à luz dos escritos de Bourdieu, na medida que, mais uma vez, Ruaro tem novos caminhos desenhados pelo coletivo político (desta vez, o PCB) em função de seu capital político construído ao longo do tempo. Percebe-se também, conforme Velho, uma alteração de projetos de Ruaro, que abandona um projeto – o da empresa de criação de coelhos –, e abraça um novo – o da metalurgia e da luta sindical, influenciado pelo campo de possibilidades que se apresentavam a ele.

Uma vez dentro do sindicato dos metalúrgicos, Ruaro foi aumentando seu capital político consideravelmente entre os operários. Sua liderança entre os colegas de profissão o destacava na luta por melhores salários, condições de trabalho mais salutaras, assistência à saúde, entre outras reivindicações de semelhante natureza. Benetti conta que as condições dos trabalhadores ao final da década de 1970 eram muito ruins:

[...] a luta maior dos trabalhadores que se precisava era para ter uma condição de salário melhor, para ter uma vida... que era muito sacrificada naquele tempo por causa que os salários eram muito pequenos, assim... o trabalhador era muito escravizado,

muito... Quer dizer, não tinha o que hoje os trabalhadores têm. Não se tinha plano de saúde, não se tinha material de segurança nas fábricas, não tinha... Almoço em fábrica, nem falar! Quer dizer... o trabalhador ia pra lá, produzia e ia pra casa. Se tinha comida em casa, comia; se não tinha, no outro dia tinha que trabalhar de novo, entendeu? E era uma massa de trabalhadores muito grande, né.

Então a gente começou a ter essas noções de ver que o mundo não era assim como nós tava, que o mundo também... que era dos ricos mas os pobres também tinham que ter um pouco de condições para ter uma sobrevivência mais digna, né?

E isso aí então, com o Ruaro, com o Luiz Carlos Castilhos, com o Jonas Chagas, com esses caras aí e com outros que não daria pra enumerar... Mas foi criando essa consciência de trabalho, essa consciência de que o trabalhador deve produzir, mas o fruto do trabalho deve reverter pra alguma coisa que venha ajudar também, né, não é só produzir e passar dificuldade, passar miséria.

Com as palavras de Benetti, é possível perceber o conjunto de pautas defendidas pelos sindicalistas do ramo metalúrgico em Caxias do Sul por volta do final da década de 1970. Ruaro chegou a concorrer à presidência do Sindicato dos Metalúrgicos em agosto de 1981, mas sua chapa não foi eleita.

Não cheguei a participar do sindicato propriamente dito [refere-se à diretoria], porque a nossa chapa perdeu as eleições. Ah, foi, era, eu concorri com o [Romeu] Pieruccini [interferência] e perdemos. A nossa chapa ficou em segundo lugar, ah, o PCdoB fez outra chapa, acabou dividindo a oposição, e com isso perdemos as eleições, uma eleição que estava praticamente ganha.

Em sua entrevista datada de 2004, Ruaro descreve suas atividades na Madeireira De Zorzi, afirmando que trabalhava no escritório como auxiliar de Departamento Pessoal. Nesta atividade, somando-se sua atividade sindical conhecida entre os colegas de trabalho, Ruaro acabava exercendo um papel mediador. Trata-se do capital político que vinha construindo em sua militância, conforme o conceito de Bourdieu (2001)⁶⁹. Este capital o colocava em posição de referência e/ou liderança entre os operários. No entanto, esse mesmo capital, e o constante e crescente exercício de sua militância, acabaram por trazer a Ruaro problemas profissionais. Ele relata que, quando trabalhava na Metalúrgica Eberle S/A (a partir de 1978), participava das reuniões do sindicato dos metalúrgicos. Relata que conseguiu

levar quase toda a ferramentaria e a tornearia. Inclusive, tinha um italiano lá na forja, não havia jeito dele ir numa assembleia do sindicato. Diziam: “esse italiano é burro, é sem vergonha, é pelego”. Digo: “Não, não é assim”. Fui e abracei o italiano: “italiano, vamos pra assembleia do sindicato? Tu que é um cara inteligente, um cara que todo o mundo te quer bem, um cara que, que aí que todo mundo te respeita, vamos

⁶⁹ Conforme página 21-22 desta dissertação.

pro sindicato, tem assembleia!” Quando foi de tarde, o italiano estava lá. A turma olhou: “Mas tu trouxe o italiano?” – “Trouxe”! [risos]

Entretanto, Ruaro afirma que cometeu um erro: começou a se manifestar nas assembleias do sindicato. Por conta destas suas falas nas assembleias, ele conta que começou a sofrer perseguições políticas. No entanto, afirma não ter sofrido mais nenhuma abordagem direta por parte da polícia política. Além de seu relato, essa perseguição é confirmada por um dossiê emitido pela Subsecretaria de Inteligência da Casa Civil da Presidência da República, datado de 26 de junho de 1998. O documento foi expedido por solicitação do próprio Ruaro, para ser incluído em um processo que requeria uma indenização do estado do Rio Grande do Sul na condição de ex-presos e perseguido político. O documento descreve atividades políticas de Ruaro até 1988, relatando suas prisões e indiciamentos em Porto Alegre e São Paulo, participação nas eleições ao Sindicato dos Metalúrgicos, participação em algumas assembleias e encontros do sindicato e do PCB. Em rodas de conversas informais, Ruaro costumava inclusive comentar que nunca havia participado de alguns dos eventos citados no dossiê. Dizia que, talvez, os policiais o tivessem confundido com seu irmão gêmeo, ou mesmo que os dados pudessem ter sido forjados pela polícia para “encher linguiça”.

Cabe contextualizar novamente o período em que Ruaro retoma suas atividades sindicais em Caxias do Sul. O final da década de 1970 é marcado pelo processo de reabertura política. O lema da reabertura proposto pelos governos Geisel e Figueiredo era o da distensão *lenta, gradual e segura*, e não suprimia de todo os órgãos de repressão. Em dezembro de 1978 o AI-5 é revogado, marcando definitivamente o abrandamento da ditadura. Entretanto, as perseguições ainda eram sentidas pelos militantes de esquerda. A continuação das ações dos órgãos de repressão é confirmada através do dossiê emitido em 1998⁷⁰ pelo governo brasileiro sobre a trajetória política de Ruaro. Neste dossiê constam registros de suas atividades políticas até o final da década de 1980, o que demonstra que eles permaneciam sob vigilância da repressão.

Pela liderança que Ruaro representava, e por seu capital político até então construído, Ruaro foi indicado pelo PCB para concorrer a vereador em Caxias do Sul nas eleições de 1982. Ruaro conta que não possuía recursos financeiros para a campanha política, sendo que esta foi quase que totalmente bancada pelo partido. Relata ainda que “o PC [PCB] fez rifas e coisas, foi

⁷⁰ Documento expedido em 26 de junho de 1998 pela Casa Militar da Presidência da República – Subsecretaria de Inteligência, por solicitação Ruaro, para fins de comprovação das perseguições e torturas sofridas. Essa comprovação fora necessária para compor o processo judicial que requeria indenização do estado do RS.

o PC que me levou nas costas, praticamente”. Devido ao fato de o PCB estar na ilegalidade, Ruaro lançou-se vereador vinculado ao PMDB. Ele explica que

toda a esquerda antes da fundação do PT [Partido dos Trabalhadores], toda a esquerda estava inserida no MDB, na época. Depois foi, ah, foi um ato institucional, o MDB teve que virar PMDB, porque tinha que ter o “P” antes, então, eu fui eleito já pelo PMDB, em 1982.⁷¹

As agruras sofridas pelas torturas, prisões, perseguições, não bastaram para calar militantes como Ruaro. Seus ideais transcenderam à repressão, seus projetos readequaram-se dentro dos campos de possibilidades que se desenhavam à sua frente.

[...] ficou ainda uma esperança, de tudo isso, uma esperança em que, ah, a luta de pessoas que dedicaram toda uma vida, eu acho que dei muito pouco de mim pela luta, mas teve gente que deu muito mais, que morreram nessa luta, que se sacrificaram, que judiaram da família por isso. Entendeu? E que hoje vê certos fracassos do socialismo, pelo menos, fracassos pelo menos momentaneamente, são momentâneos, mas são fracassos reais. E então, o homem me parece que ainda não encontrou um caminho real para a libertação da humanidade. Porque o próprio socialismo se deparou com um problema que é muito grave e que ele não conseguiu superar, que é o problema de motivar o ser humano para a vida coletiva. É isso. Em plena União Soviética existia milhares de trabalhadores forjando atestados médicos para não ir trabalhar. O que quer dizer isso? Quer dizer que o socialismo não conseguiu ganhar o operário, não conseguiu ganhar o trabalhador.

Ruaro abandonou a crença na luta armada e, de certa forma, desacreditou também o outrora tão almejado socialismo. Ainda assim, dizia-se esperançoso com o futuro da luta por mudanças sociais.

⁷¹ É necessário considerar que estes dados foram extraídos das entrevistas de 2003 e 2004. O PT já estava formado e os partidos voltaram da ilegalidade em 1979, com a reorganização de movimentos sociais e partidários.

3 PRODUTO SOCIAL: VIDEOGRAFIA

A presente pesquisa, por ser fruto de um curso de Mestrado Profissional em História, prevê a elaboração de um produto final com foco no ensino de História. A escolha pela produção de um vídeo historiográfico pautou-se nas recentes discussões acerca das novas possibilidades de narrativa da História. O texto escrito já não é mais o único suporte para a escrita historiográfica. Barros (2013) levanta o questionamento sobre a possibilidade de o historiador se apropriar de outros modos de apresentação para suas pesquisas, além da forma textual convencional.

O autor aponta para possibilidades como a da “Visualidade - incluindo a fotografia e o cinema - a Materialidade, convocando uma maior parceria entre historiadores, museólogos, arquitetos, ou ainda a Virtualidade, chamando mais intensamente à História os recursos da Informática”. (BARROS, 2013, p. 72). Barros defende que o visual pode passar do status de apenas fonte ou objeto de pesquisa, para se transformar em meio de expressão dos resultados, um recurso para a produção e disseminação do discurso historiográfico.

Nesse sentido, o audiovisual vem ganhando força como um dos suportes para estas novas narrativas: a videografia. Esta escrita se dá, conforme Mauad e Knauss (2006) de forma triangular, estando o historiador na função de mediador entre as fontes (ou os próprios sujeitos da História) e o seu público. No caso dos vídeos produzidos nesta pesquisa, são utilizadas fontes de diversas naturezas, de diferentes períodos históricos, possibilitando uma construção interdiscursiva.

Seguindo as afirmações de Mauad e Knauss (2006), foram utilizadas imagens (fotografias) de algumas fontes analisadas no decorrer da pesquisa, como documentos pessoais, jornais, documentação produzida pelos órgãos de repressão e processos judiciais. Os historiadores citados explicam que a utilização deste tipo de imagem permite aos espectadores “um reconhecimento maior da época e do contexto analisado” e faz com que “o público passe a conhecer acervos que não seriam facilmente vistos, provocando a reflexão sobre a interpretação que está sendo oferecida”. (MAUAD; KNAUSS, 2006, p. 150). Considerando que a produção destes vídeos tem foco no ensino de História em nível superior, essa possibilidade de problematização e crítica das fontes torna-se ainda mais pertinente.

Os autores alertam também para a importância das entrevistas gravadas em vídeo, uma vez que elas permitem a leitura da linguagem corporal, que evidencia a subjetividade e a carga emotiva envolvidas nas experiências de cada sujeito histórico. Um texto historiográfico escrito normalmente não possui condições de captar as emoções, inquietações, resistências, surpresas,

que se perdem na rigidez das palavras. Em consonância com Mauad e Knauss, Eduardo Coutinho⁷² (apud OHATA, 2013, p. 19) diz que “as palavras escondem segredos e armadilhas que implicam hesitações, silêncios, tropeços, ritmos, inflexões, retomadas diferenciadas dos discursos. E gestos, franzir os lábios, de sobrancelhas, olhares, respirações, mexer de ombros, etc”.

A escolha da videografia também demandou uma reflexão sobre suas diferenças em relação ao documentário. Algumas peculiaridades de ordem metodológica e mesmo de objetivo final distinguem estes dois tipos de produção audiovisual. Mager (2013) explica que a videografia se diferencia do documentário na medida em que ela apresenta preocupação didática, com vistas ao seu uso no ensino. O filme não é o único objetivo, mas normalmente é resultado de uma pesquisa acadêmica com problematizações e objetivos delimitados. Em contraponto, o documentário não possui o caráter pedagógico, bem como não prevê o arquivamento das fontes (entrevistas audiovisuais) integralmente, para posterior consulta de pesquisadores interessados. Já no caso da videografia, o armazenamento das fontes para possíveis futuras consultas é uma preocupação e uma realidade.

Pelo fato de o objetivo da videografia aqui realizada ser o ensino de História em nível superior, o fácil acesso a esse material se faz necessário. Assim, foi optado pela criação de um canal no Youtube para divulgação ampla e prática dos vídeos. Em um primeiro momento, tinha-se a ideia de fazer apenas um vídeo, com não mais que oito minutos de duração. Entretanto, o acervo de material (entrevistas) que foi construído ao longo da pesquisa permitiu uma mudança de planos, e a produção resultou em mais de 40 minutos de vídeo. Para facilitar a utilização em sala de aula, este produto foi disponibilizado em sua versão integral e também dividido em oito episódios, cada um sobre uma passagem da vida do protagonista.

Para a elaboração do vídeo, foram utilizadas as entrevistas já citadas nessa pesquisa, tanto de Ruaro quanto de sua irmã, Zélia, e de seus companheiros de militância, Paulo de Tarso Carneiro, Mário Luís Benetti e José Carlos Monteiro. A entrevista de Ruaro foi gravada no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, em 2004, somente em áudio. Os arquivos digitais com o áudio da entrevista foram cedidos pela equipe do Arquivo, sendo de fundamental importância para a produção do vídeo. Via de regra, o Arquivo disponibiliza apenas a transcrição das entrevistas para pesquisadores. A riqueza de ter a fala de Ruaro em vários trechos do vídeo contribuiu sobremaneira para a narrativa.

⁷² Milton Ohata (2013) transcreve em seu livro uma carta-depoimento de Eduardo Coutinho endereçada a Paulo Paranaguá.

As demais entrevistas foram gravadas com uma câmera fotográfica da marca Nikon, modelo D3100, sem utilização de microfone auxiliar, em 2016 e 2017. Também não foram utilizados equipamentos auxiliares para iluminação ou qualquer outra ferramenta. A câmera oferecia uma limitação técnica: o limite de gravação de cada vídeo era de dez minutos. Assim, a cada intervalo de dez minutos era preciso pausar e iniciar uma nova gravação. Ocorreram alguns lapsos em que se perderam informações durante esses intervalos. Apesar de tudo, a produção da pesquisa e da videografia não foi inviabilizada. Além disso, imagens de outras fontes⁷³ utilizadas para a pesquisa também foram incluídas, como jornais, processos judiciais, fotografias e documentos pessoais.

3.1 O processo e a metodologia da produção

O processo de produção teve início pela escrita de um roteiro com os recortes das entrevistas, tecendo um esboço incipiente da narrativa videográfica. Buscou-se criar uma narrativa que facilitasse a compreensão do público que não tivesse lido esta dissertação antes de assistir aos vídeos. Apesar disso, é recomendável que o professor leia este texto antes de trabalhar com os vídeos em sala de aula, a fim de compreender de forma mais aprofundada a maneira como os conceitos foram abordados. No roteiro foram registrados os recortes (minutos e segundos iniciais e finais) de cada trecho, com sua transcrição e o nome do arquivo eletrônico.

Feito o roteiro, o segundo passo foi o início da edição dos vídeos. Toda a edição foi realizada em uma ilha do Laboratório de Edição do Centro de Teledifusão Educativa de Caxias do Sul (CETEL), na Universidade de Caxias do Sul. A ferramenta de edição utilizada foi o *software* Adobe Premiere Pro, em sistema operacional Windows. Uma das grandes preocupações ao optar pela videografia era justamente a falta de conhecimento para operar *softwares* específicos de edição de vídeos, bem como a ausência de recursos financeiros para a terceirização dessa mão de obra. No entanto, algumas poucas horas de treinamento foram suficientes para me capacitar a operar o programa.

A escolha das imagens estáticas também foi motivo de preocupações. O acervo que havia sido montado de fotografias e digitalizações de documentos não era muito vasto. Para resolver o problema, foram buscadas na internet imagens referentes aos contextos retratados

⁷³ Todas as fontes já foram citadas no decorrer desta dissertação. Algumas são provenientes de acervos privados pertencentes a familiares e amigos de Ruaro. Outras fontes são públicas, armazenadas em arquivos e/ou sites disponíveis na internet.

nos vídeos. Os dois principais *sites* pesquisados foram o do Memorial da Democracia⁷⁴ para a busca de imagens que ilustrassem a ditadura civil-militar brasileira, e o *site* do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul⁷⁵ (para imagens de Caxias do Sul e do próprio Ruaro durante o período trabalhados nos vídeos, uma vez que Ruaro foi vereador em Caxias do Sul de 1983 a 1988). Além disso, algumas imagens foram coletadas no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Quanto aos recortes das entrevistas, em certa medida foram limitados por questões técnicas. A entrevista de Ruaro é permeada por interferências sonoras da Rádio Atlântida, cujas ondas foram captadas pelo gravador. Alguns trechos chegam a ser inaudíveis. Esta interferência motivou a inclusão de legendas em todas as falas de Ruaro, para facilitar a compreensão. Já as entrevistas gravadas em vídeo para esta pesquisa também tiveram algumas limitações, como interferência de ruídos alheios às entrevistas, situações de forte emoção dos entrevistados e interrupção da entrevista por terceiros. Coutinho (2012) trata essas situações como “a verdade da filmagem”, e defende que ela se trata de um método de gravação, um estilo. Entretanto, optou-se por deixar os vídeos o mais isentos possível deste tipo de intervenção.

Todos os trechos das entrevistas gravadas em vídeo foram incluídos nesta produção videográfica com filtro preto e branco na imagem. A motivação para esta edição foi uma negociação feita após uma entrevista, em que a pessoa entrevistada não se sentiu à vontade para mostrar sua imagem crua, natural. Assim, optamos pelo filtro preto e branco para todas as entrevistas, como forma de padronização. Além disso, mantendo somente as fotografias coloridas, pensou-se em dar ênfase aos áudios das falas de Ruaro.

3.1.1 Episódio 1: Meu nome é João, João Ruaro Filho.

Link para acesso ao episódio 1: <<https://youtu.be/05EsUaI0wqY>>.

No primeiro episódio, *Meu nome é João, João Ruaro Filho*, são abordadas as origens sociais e familiares de Ruaro, até sua entrada no PCB, já no início da década de 1960. Com dois minutos e vinte e quatro segundos de duração, o vídeo é composto pelo áudio da fala de Ruaro ilustrado⁷⁶ por imagens que contextualizam o que está sendo dito, ou mesmo fotografias de

⁷⁴ Link: <www.memorialdademocracia.com.br>. Acesso em 04 de outubro de 2017.

⁷⁵ Link: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid/>>. Acesso em 04 de outubro de 2017.

⁷⁶ As imagens (fotografias e ilustrações) utilizadas nos vídeos constituem-se como fontes para potenciais pesquisas e usos no ensino de História. Apesar disso, a análise delas enquanto fontes e seu tratamento teórico-metodológico não fez parte do objeto desta pesquisa.

Ruaro e familiares. Há neste vídeo também um trecho de entrevista gravada em vídeo da irmã de Ruaro, Zélia. Ela conta sobre o posicionamento de seu pai a respeito do envolvimento dos filhos com os movimentos de resistência. A escolha da música como trilha sonora se deu de forma aleatória, considerando apenas a sua adequada contribuição com a ambientação sonora do tema abordado. Por se tratar de um episódio que remonta a um contexto mais recuado no tempo, optou-se por uma música instrumental que reportasse a um passado mais longínquo.

Este episódio permite uma problematização do papel das origens sociais do indivíduo. Ruaro relata que os ideais de esquerda estiveram presentes em sua formação familiar desde seu avô, que era imigrante italiano. O perigo da ilusão biográfica, como alerta Bourdieu (2005), deve receber olhares atentos, para não incorrer na falsa ideia de que essas origens sejam algo determinante na formação do sujeito. Por outro lado, não é possível negar também a importância destas influências do meio familiar. Assim, a discussão do método biográfico a partir dos pressupostos de Bourdieu pode render discussões construtivas com acadêmicos de História.

Segue abaixo a descrição de cada imagem utilizada no episódio *Meu nome é João, João Ruaro Filho*:

Figura 7 - Mobilização do Dia Internacional da Mulher em São Petersburgo, Rússia.



Fonte: Acervo Estadão - <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,ha-100-anos-mulheres-impulsionavam-revolucao-russa,12711,0.htm>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Em 08 de março de 1917, as mulheres foram às ruas em São Petesburgo para reivindicar melhores condições de vida e a saída da Rússia da Primeira Guerra Mundial. Este evento foi um dos propulsores da Revolução Russa, que ocorreria em novembro daquele ano. A imagem permite ilustrar a fala de Ruaro acerca do posicionamento de esquerda na família.

Figura 8 – Lenin discursando para multidão.

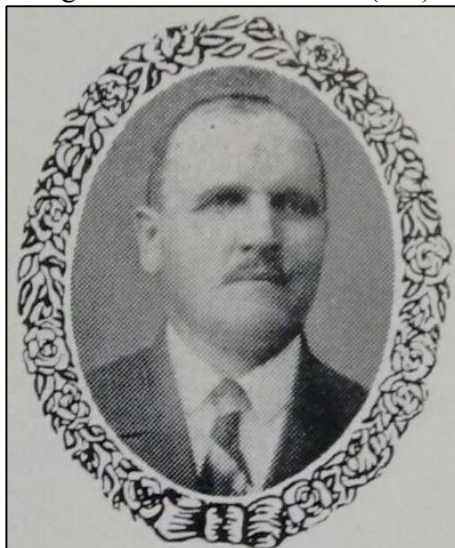


Fonte: Abril de Novo Magazine -

<<https://abrildenovomagazine.wordpress.com/2015/11/07/98o-aniversario-da-revolucao-socialista-de-outubro/>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Imagem de discurso de Lenin na Rússia. Esta fotografia permite ilustrar a fala de Ruaro sobre a origem do posicionamento de esquerda da família.

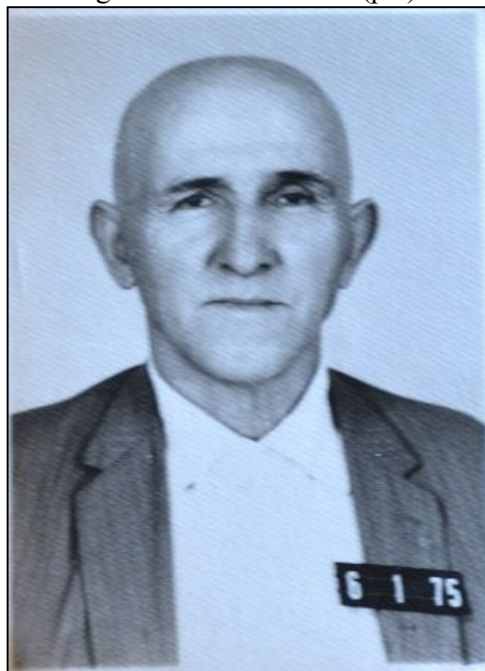
Figura 9 – Giovanni Ruaro (avô)



Fonte: AHMJSA.

Nota: Recorte da lembrancinha fúnebre de Giovanni, avô de Ruaro. Giovanni era imigrante italiano e teve seu nome foi traduzido para João quando chegou ao Brasil. A fonte original está disponível para consulta física no AHMJSA. Giovanni faleceu em Caxias do Sul em 19 de julho de 1968, aos 95 anos de idade. Na fonte, a data de morte de Giovanni está incorreta (12 de agosto de 1880). Um ofício expedido pela Comune di Malo (Província de Vicenza, Itália) registra o nascimento a 2 de abril de 1872. Este ofício é parte do acervo particular cedido por familiares.

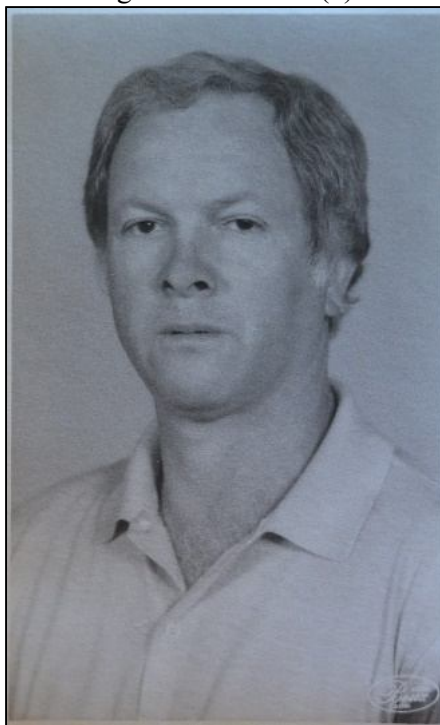
Figura 10 – João Ruaro (pai).



Fonte: APJRF.

Nota: João Ruaro Filho (pai do biografado) era homônimo ao filho. Imagem digitalizada de uma fotografia 3x4. Fotografia de 6 de janeiro de 1975. Falecido em 1986, aos 77 anos de idade.

Figura 11 – Ruaro (1).



Fonte: APJRF.

Nota: João Ruaro Filho. Início da década de 1980.

Figura 12 – João Ruaro Filho e José Ruaro.



Fonte: APJRF.

Nota: João Ruaro Filho (D) e seu irmão gêmeo, José Ruaro (E).
Aproximadamente 1 ano de idade.

Figura 13 – Maria Lydía de Andrade Ruaro.



Fonte: APJRF.

Nota: Fotografia de Maria Lydía de Andrade Ruaro (centro) entre primas não identificadas.

Figura 15 – Jornal Voz do Povo (2).

Caxias do Sul
VOZ DO POVO
2a. pag.

O ASSUNTO ROSENBERG

Por HOWARD FAST

REEXAMINEMOS rapidamente o assunto Rosenberg. Ele, Julius, era modesto engenheiro. Ela só foi envolvida na história por ser a sua mulher. Viviam antes pacífica e simplesmente em um bairro operário de Nova Iorque, com seus dois filhos. Eram judeus, de opiniões progressistas, mas não comunistas, tanto quanto se saiba. Eram pessoas honestas e de princípios, e possuíam extraordinário e corajoso senso da honra.

A sra. Rosenberg tinha um irmão. Seu nome era David Greenglass. Foi envolvido em um roubo praticado no laboratório governamental da bomba atômica. Desde que o prenderam, viu-se diante do risco de ser condenado a uma pena muito pesada, bem como sua mulher.

Greenglass fez confissões. Contratou como advogado e renegado do movimento progressista John Rogge. Dai certo dia, graças a intervenção de Rogge, se concluiu um negócio, segundo o qual Greenglass só foi condenado a 15 anos de prisão e a sua mulher posta em liberdade. Em troca declarou ele em juízo que Julius e Ethel Rosenberg eram os dirigentes de uma rede de espionagem.

É muito clara a explicação. Greenglass, espíto, não tinha nenhum valor como propaganda. Ele não era nada, sua mulher não era nada, e ambos não possuíam nenhum laço com o movimento progressista. Mas a sua irmã era casada com um engenheiro que tinha um mínimo de contatos com o movimento progressista. A cota ganhou então grande valor de propaganda para o ministério da «Justice». David Greenglass faz o seu depoimento. A sua mulher é solta, e Julius e Ethel Rosenberg foram condenados à morte.

— 0 —

Qual o fim do processo e do veredictum contra os Rosenberg? São numerosos, e eu direi alguns. Antes do mais, isto serviu para atizar o fogo nascente do anti-semitismo, que é um elemento geral. A seguir, isto serviu para retomar a caluniosa acusação de que os comunistas americanos são agentes do estrangeiro e espíto. Embora nunca tenha sido provado que Julius e Ethel Rosenberg foi membro do Partido Comunista, há bons motivos para crer que foram feitos esforços para obter que os Rosenberg assinassem documentos envolvendo em seu processo os dirigentes nacionais — atualmente presos — do Partido Comunista dos Estados Unidos. Será eternamente uma honra para os Rosenberg terem tido a coragem de resistir a tal pressão. Entretanto, é interessante observar que o assunto Rosenberg se desenrolou ao mesmo tempo que o processo dos onze dirigentes do Partido Comunista.

Outro objetivo de perseguição aos Rosenberg, e talvez o mais importante, foi demonstrar ao Movimento da Paz norte-americano que além das penas de prisão, a pena de morte poderá ser ditada contra aqueles que acreditam na coexistência pacífica da URSS e dos Estados Unidos.

O INIMIGO ESTA' AQUI ...

Conclusão da terceira pagina

te-americanos em Buenos Aires. Em 1890 o navio ianque «Tallapoosa» repetiu a façanha.

Os Estados Unidos intervieram militarmente em 1835 no Perú, em 1855-54 na Nicaraguá, onde votaram em 1857, em 1904-96, em 1899, e onde mandaram assassinar, há alguns anos, o líder popular Sandino, tendo sido colocado no governo do país um títere de Washington.

Os Estados Unidos atacaram militarmente o Uruguai em 1855'1868, e em 1856 a Colombia, repetindo a agressão a esses países em 1855, 1866, 1868, 1885 e 1895. Agrediram o Haiti em 1888.

Em 1853 o governo americano enviou ao Amazonas a expedição do almirante Herdon. Ao mesmo tempo conspiradores foram enviados ao Peru e à Bolívia. Em 1865 e nos anos seguintes, durante a guerra entre o Paraguai e o Brasil, o governo dos EE. UU. ficou ao lado do tirano Lopez, embora em 1859 o governo americano tenha mandado realizar demonstrações de forças navais no Paraguai, exigindo o «desagravo» por um suposto ataque ao navio americano «Walter Witch». O governo paraguaio viu-se, por isso obrigado a «dar satisfações».

Em 1865-94, o almirante ianque Benham, com uma esquadra norte-americana, tomou posição aberta para intervir no país.

Na Venezuela, os Estados Unidos têm sustentado um bando das outras, as mais sangrentas ditaduras militares, para servir aos interesses petrolíferos da «Standard Oil» e espionhar os interesses nacionais do bravo povo venezuelano. Os EE. UU. promovem choques entre países irmãos, como se viu durante a Guerra do Chaco, entre o Paraguai e a Bolívia.

O sr. Getulio Vargas fingiu ter memória fraca, quando fala na «solidariedade continental» entre os governos dos diversos países como um «todo indissolúvel», pois ainda na campanha eleitoral de 1950 o candidato Vargas confirmava que sua deposição, em 1945, se deu à insólita intervenção do embaixador americano Berle nos assuntos internos do Brasil...

A história antiga e recente das relações entre os governos dos países das Américas, e particularmente entre os governos dos Estados Unidos e os demais países, demonstram irrefutavelmente que os expansionistas norte-americanos são inimigos jurados da independência e da soberania dos demais países latino-americanos. Assim, quem fala numa hipotética ameaça externa ao Continente procura apenas ocultar o fato de que uma nação vem atentando, repetidamente, contra a nossa independência e contra a soberania dos demais países da América Latina. Esse país, como vivamos, são os Estados Unidos da América.

LEIA

PATRIOTA!

Envia á Câmara e ao Senado moções e telegramas contra a ratificação do Acordo Militar!

Buchenwald...

(Conclusão da 3.a pagina)

amarrada, foi atravessada por um golpe de baioneta passada antes através do filho que carregava as costas á modo coreano. Como lela gritasse: «Viva Kim Il Sen e a República», foi-lhe cortada a língua e depois enterrada viva.

Na cidade de Nampo, ocupada de 22 de outubro a 2 de dezembro de 1950, os americanos fizeram mais de mil pessoas. Entre as vítimas contam-se 332 homens, 452 mulheres e 334 crianças.

A lista é enorme. Recolhemos exemplos de 1950 por que eles demonstram que essas atrocidades não são recentes, mas foram praticadas sistematicamente desde o início da guerra de Wall Street contra o povo coreano.

Esses assassinos de crianças inocentes são os mesmos massacradores de prisioneiros de Koje e Pomran. Seus crimes não ficarão impunes.

Assine este apêlo por um Pacto de PAZ

Atendendo ás aspirações de milhões de homens de mundo inteiro, quaisquer que sejam suas opiniões sobre as causas que engendram os perigos de guerra mundial:

Para consolidar a paz e garantir a segurança internacional;

Reclamamos a conclusão de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências: Estados Unidos da America, União Soviética, Republica Popular da China, Grã Bretanha e França.

Consideramos a negativa do governo de qualquer das referidas grandes potências a reunir-se para concluir esse Pacto de Paz, como evidência de desígnios agressivos por parte desse governo.

Fazemos um apêlo a todas as nações amantes da Paz para que apoiem a exigência de um Pacto de Paz entre todos os Estados.

Coloçamos nossas assinaturas ao pé deste Apêlo e convidamos a assiná-lo a todos os homens e mulheres de boa vontade, a todos as organizações que aspiram á consolidação da paz.

Caxias do Sul

Precisa automovel?

CHAME A QUALQUER HORA DO DIA OU DA NOITE PELO

Tel. 111

NAUILE VELOZO DE SOUZA

— ENFERMEIRO —

Atende a qualquer hora

VIDRACEIRO —

Coloca vidros em janelas, portas e venezianas

Executa trabalhos concernentes ao ramo

ENCADERNADOR

Encadernação. Serviços correlatos

Rua Bento Gonçalves — N/CIDADE

A PAZ e o bem-estar é o supremo bem de todos os povos. Um é consequência do outro.

Lutemos, pela paz.

Fonte: Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul - <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=51918&p=0>. Acesso em 19/10/2017. Nota: Jornal Voz do Povo, edição de 25 de janeiro de 1953. Jornal apresenta um convite à leitura do Jornal Voz Operária, que era publicado pelo PCB.

Figura 16 – Jornal Voz do Povo (3).

VOZ DO POVO

Buchenwald lanque na Coréia

Bestialidade em Pomgan - São estes os homens que "não desejam ser repatriados"?

Na mesma dia em que Eisenhower regressava de sua misteriosa viagem à Coreia, onde plausíveis razões poderiam ser dadas, os prisioneiros estadunidenses a maioria de prisioneiros no campo de concentração de Pomgan. Eisenhower voltou declarando que queria "fatos e não palavras". É a informação na mesma página do jornal parecia responder a pergunta feita pelos milhões de mulheres e jovens americanos que estavam nas promessas de paz na Coreia. A maioria lá eram prisioneiros estadunidenses. E os fatos quais eram? Ali estava a resposta: mais de 20 mortos, cerca de duzentos feridos.

Morreram cantando canções patrióticas

Os soldados prisioneiros do Mito de Pomgan estavam em número de nove mil e os prisioneiros estadunidenses de cerca de mil. Há um grupo de prisioneiros estadunidenses no Mito de Pomgan, cerca de quatro mil e os prisioneiros estadunidenses de cerca de mil. Há um grupo de prisioneiros estadunidenses no Mito de Pomgan, cerca de quatro mil e os prisioneiros estadunidenses de cerca de mil.

O inimigo está aqui dentro

"A América para os americanos" (James Monroe)

Volney Kabele

Em seu discurso aos militares, o general "lanque" da 1ª Divisão de Armas, o General Yang, fez indistintamente a defesa de Américo Mito de Pomgan, o campo de concentração de prisioneiros estadunidenses de cerca de mil. Há um grupo de prisioneiros estadunidenses no Mito de Pomgan, cerca de quatro mil e os prisioneiros estadunidenses de cerca de mil.

Guerra de destruição em massa

O massacre de Pomgan ocorreu a grande escala, em que milhares de soldados estadunidenses foram mortos e milhares de soldados estadunidenses foram mortos. O massacre de Pomgan ocorreu a grande escala, em que milhares de soldados estadunidenses foram mortos e milhares de soldados estadunidenses foram mortos.

Assassinos de crianças

Em 1953, há um grupo de prisioneiros estadunidenses no Mito de Pomgan, cerca de quatro mil e os prisioneiros estadunidenses de cerca de mil. Há um grupo de prisioneiros estadunidenses no Mito de Pomgan, cerca de quatro mil e os prisioneiros estadunidenses de cerca de mil.

Voz do Povo

NO 005 (continua)

Que País é este?

CAXIAS DO SUL

Rio Grande do Sul

JOÃO DOMINGOS BERNARDI

Número atual: R\$ 0,50

Anúncios: R\$ 2,00

• Publicador R\$ 30,00

Responso: editor e de distribuição

Rio - Terra - liberdade

Fonte: Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul - <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=51918&p=0>. Acesso em 19/10/2017. Nota: Jornal Voz do Povo, edição de 25 de janeiro de 1953. Apresenta um convite à leitura do Jornal Voz Operária, no rodapé da página.

Figura 17 – Jornal Voz do Povo (4).

Leis Americanas no Brasil

Jamaís!

Voz do Povo

DOMINGO — 25 DE JANEIRO DE 1953

Tres leis americanas de "assistencia e defesa mutua" de 1952. — de "seguranca mutua" e o "Batte Act" — Seriam aplicadas no Brasil com a ratificacao do acordo militar

O presidente dos EE.UU. com poderes para enviar soldados para a Coreia
O secretario da guerra dos EE.UU. com poderes para supervisionar nossas FORÇAS ARMADAS — Um administrador americano com poderes ditatoriais sobre o COMERCIO BRASILEIRO

O acordo militar entre os Estados Unidos e o Brasil...
Tudo o que se trata de...
Ainda não se sabe se...

Jamaís!

domingo — 25 de janeiro de 1953

...o não se sabe se...
...o não se sabe se...
...o não se sabe se...

MISTÉRIO E MENTIRAS DE PERNAS CURTAS

Nos últimos dias de julho...
Ainda não se sabe se...
Ainda não se sabe se...

Liquidacao da legislação trabalhista

A lei que cria o Conselho...
...o não se sabe se...
...o não se sabe se...

NEREU GUARDA O SEGREDO AMERICANO

Mas há um artigo no...
...o não se sabe se...
...o não se sabe se...

Leis americanas, nunca!

É claro que o governo...
...o não se sabe se...
...o não se sabe se...

Governo americano para o Brasil

Nos últimos dias de julho...
...o não se sabe se...
...o não se sabe se...

Um novo poder do "administrador"

Fato é que a maioria...
...o não se sabe se...
...o não se sabe se...

LEIA Voz Operária

o jornal do classe proletário

EDIÇÃO DE HOJE

4 páginas

Fonte: Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul - <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=51918&p=0>. Acesso em 19/10/2017.
 Nota: Jornal Voz do Povo, edição de 25 de janeiro de 1953. Jornal apresenta um convite à leitura do Jornal Voz Operária no canto inferior esquerdo.

Figura 18 – Caxias do Sul (1).



Fonte: AHMJA.

Nota: Vista aérea de Caxias do Sul, Praça Rui Barbosa (atual Praça Dante Alighieri), década de 1940. A imagem ilustra o local de nascimento e primeira infância de Ruaro.

Figura 19 – Certificado de Reservista de Ruaro.

	2ª VIA	MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA	
		5ª ZONA AÉREA	
		BASE AÉREA DE CANOAS	
		(OM em que serviu)	
CERTIFICADO DE RESERVISTA DE 1.ª CATEGORIA			
DSM 5	N.º 198909	SÉRIE A	
Certifico que <u>JOÃO RUARO FILHO</u>			
Nascido a <u>17/REV/1938</u> - <u>CAXIAS DO SUL</u> - <u>RS</u> ;		(data) (município) (est.)	
filho de <u>João Ruaro</u>			
e de <u>Maria Lidia de Andrade</u>			
é reservista de 1.ª categoria, ficando relacionado como <u>soldado de 2ª Classe</u>			
<u>Q IG FI</u>			(graduação)
na Reserva			
Identificação: (qualificação militar)		N.º de Registro <u>39.039-II/RS</u>	
Altura <u>1,65m</u>		Cútiis <u>branca</u> Olhos <u>cast esc</u>	
Cabelos <u>cast cl</u>		Tipo sanguíneo <u>"A" POSITIVO</u>	
Sinais particulares <u>não apresenta</u>			
			
(Assinatura do reservista)			

Fonte: APJRF.

Nota: Segunda via do certificado de reservista de Ruaro. Ilustra sua fala quando ele menciona o período em que prestou serviço militar obrigatório.

Figura 20 – Carteira Profissional de Ruaro (1).

6

BENEFICIÁRIOS
Pessoas que dependem economicamente:

NOME	Data do nascimento	Estado Civil

CARTEIRAS ANTERIORES

Número	Série	Data da entrega
		de de 19.....
		de de 19.....
		de de 19.....
		de de 19.....

7

CONTRATO DE TRABALHO

Nome do estabelecimento, comércio ou instituição.....
A. J. RENNER S. A.

INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO

Cidade..... **PORTO ALEGRE**

Estado..... **Rio Grande do Sul**

Rua..... **Frederico Meitz** n.º **1606**

Espécie do estabelecimento..... **Indústria do Vestuário**

Natureza do cargo..... **Servidor de Calças**

Data da admissão..... **8** de **7** de 19 **59**

Registro n.º..... **8667** a fl.

Remuneração (especificada)..... **Cr\$ 21.00 p. h.**

A. J. RENNER S. A. Indústria do Vestuário

M. S. Spulski
Assinatura do empregador

Data da saída..... **18** de **ABRIL** de 19 **66**

W. Bischoff
Assinatura do empregador

Fonte: APJRF.

Nota: Página 7 da Carteira Profissional de Ruaro, onde se encontra o registro de contrato de trabalho com a empresa A.J. Renner S.A. Indústria do Vestuário, de Porto Alegre. Admissão: 8 de julho de 1959. Demissão: 18 de abril de 1966.

3.1.2 Episódio 2: O irmão, o amigo, o camarada.

Link para acesso ao episódio 2: <https://youtu.be/N_V7t2I3I50>.

No segundo episódio, *O irmão, o amigo, o camarada*, que conta com quatro minutos e trinta e cinco segundos de duração, Zélia, Carneiro, Benetti e Monteiro relatam suas impressões sobre o “Ruaro familiar” e o “Ruaro amigo”. Em todos os casos, foi perguntado aos entrevistados de que maneira descreveriam Ruaro para alguém que não o conheceu. As quatro descrições trazem elementos em comum, como o bom humor, a sensibilidade, a retidão de caráter e o gosto pela leitura. Neste episódio são utilizados trechos de entrevistas em vídeo e áudio, bem como algumas fotografias que ilustram e corroboram as falas dos depoentes. A escolha da música para a trilha sonora deste episódio se deu também pelo critério da ambientação sonora. Trata-se de uma música instrumental, de melodia alegre, que pode evocar sentimentos de amizade e fraternidade.

Este vídeo permite uma problematização também a partir dos escritos de Bourdieu (2005). O autor explica que cada indivíduo é ao mesmo tempo uno e múltiplo. Essa multiplicidade fica evidenciada quando os entrevistados relatam um Ruaro brincalhão, que gostava muito de crianças e vivia rodeado por elas, que demonstrava sensibilidade ao tratar outras pessoas. Esse perfil pode não ser o que o senso comum tende a identificar como sendo de um militante de um grupo armado radical de esquerda.

Seguem abaixo as imagens utilizadas para ilustrar as falas de Ruaro no episódio *O irmão, o amigo, o camarada*:

Figura 21 – Ruaro e Paulo de Tarso Carneiro.



Fonte: APJRF.

Crédito: Denise Pessoa.

Nota: Encontro de Paulo de Tarso Carneiro (E) e Ruaro (D) em Caxias do Sul, no inverno de 2015.

Figura 22 – Festa de casamento de Mário e Sandra Benetti.



Fonte: Acervo particular, cedida por Mário Luiz Benetti.

Nota: Festa de casamento de Mário e Sandra Benetti, na década de 1980. Mário enaltece a personalidade bem humorada de Ruaro, o que é ilustrado por esta fotografia, em que o biografado aparece fazendo brincadeiras.

Figura 23 – Família Ruaro (1).



Fonte: Acervo particular, cedida por Mário Luiz Benetti.

Nota: Festa de aniversário de Mário Júnior Benetti (filho primogênito de Mário Luiz e Sandra Benetti, no início da década de 1990. Da esquerda para a direita: Ruaro, Denise (filha), Mário Júnior Benetti (afilhado) e Juraci de Castilhos Ruaro (esposa). A imagem ilustra a fala de Mário, quando conta que Ruaro vivia e vestia-se com simplicidade.

Figura 24 – Família Ruaro (2).



Fonte: APJRF.

Crédito: Denise Ruaro Radaelli.

Nota: Festa de aniversário da filha Denise, em abril de 2011. Ruaro aparece em meio a sobrinhos-netos e netas (filhas de seu enteado Carlos Alberto Borsarini), enquanto sua irmã Zélia relata sua relação com as crianças da família.

Figura 25 – Família Ruaro (3).



Fonte: APJRF.

Crédito: Fotocine Caxias.

Nota: Casamento da filha Denise com o genro Marcelo Radaelli, em novembro de 2012. Ruaro aparece segurando a sobrinha-neta Laura no colo, enquanto sua irmã Zélia faz comentários sobre sua relação carinhosa com as crianças da família.

Figura 26 – Família Ruaro (4).



Fonte: APJRF.

Crédito: Denise Ruaro Radaelli.

Nota: Fotografia da comemoração de 76º aniversário de Ruaro, em 17 de fevereiro de 2015. Da esquerda para a direita: Amélia Joana (irmã), Zélia (irmã), Júlio (sobrinho-neto) e Ruaro. A imagem ilustra a fala de Zélia enquanto ela faz comentários sobre a relação carinhosa de Ruaro com os familiares.

3.1.3 Episódio 3: O Militante

Link para acesso ao episódio 3: <<https://youtu.be/MCCq4JdPJZg>>.

O terceiro episódio da série de vídeos, *O Militante*, possui cinco minutos e vinte segundos de duração. Nele constrói-se uma narrativa sobre o perfil de Ruaro enquanto militante. Carneiro, Monteiro e Benetti relatam suas percepções sobre a atuação política do amigo, desde sua militância contra a ditadura civil-militar até seus últimos anos de vida (década de 2010). São apresentados também trechos da entrevista de Ruaro, em que ele próprio conta como se deu o início de sua militância comunista, bem como relata algumas experiências vividas e sua percepção sobre o contexto político do início da década de 1960. Sobrepondo o áudio das falas de Ruaro, visualizam-se imagens que ilustram as falas.

Diferentemente dos dois episódios anteriores, a escolha da música “Pra não dizer que não falei de flores”, de Geraldo Vandré, como trilha sonora se deu pelo valor histórico desta música e por sua representatividade para os movimentos de esquerda desde 1968, ano de sua composição. Esta música trazia mensagem de esperança, estimulando a luta contra a ditadura civil-militar. A análise desta música pode ser uma das abordagens didáticas feitas a esse episódio. Para tanto, sugerimos que os acadêmicos possam ler o artigo “O contexto e o

intertexto na música Pra não dizer que não falei de flores, de Geraldo Vandré” (SANTANA, et al., 2011), para que a análise da letra da música possa se fazer de forma apropriada.

Como outra possibilidade de abordagem didática, é possível continuar a trabalhar as teorias e metodologias que envolvem a biografia histórica de tipo renovada, já iniciado com os episódios um e dois. É possível perceber as várias faces de um mesmo indivíduo que, apesar de membro da resistência armada, é identificado pelos companheiros como um pacificador, humanista, com habilidades para resolução de conflitos e diálogo com diferentes públicos. Além disso, é possível abordar também a história e historiografia da década de 1960 no Rio Grande do Sul e no Brasil, a partir dos comentários tecidos por Ruaro sobre o contexto político em Porto Alegre.

Seguem abaixo as imagens que ilustram as falas de Ruaro no episódio *O Militante*.

Figura 27 – Colégio Estadual Dom João Becker.



Fonte: Guascatur - <<http://www.guascatur.com/2017/01/elis-regina-e-chopin-na-vila-iapi.html>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Fotografia ilustra a fala de Ruaro com imagem da escola onde estudava em Porto Alegre, o Colégio Estadual Dom João Becker.

Figura 28 – Carteira de Estudante (1).



Fonte: APJRF.

Nota: Documento de identificação de estudante de Ruaro. Emitido pela UGES em 1963. O documento é contemporâneo ao ingresso de Ruaro ao PCB.

Figura 29 – Histórico Escolar.

REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

COLÉGIO ESTADUAL "DOM JOÃO BECKER"

Póris Alegre - RS
Cidade Estado

CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO CURSO GINÁSIAL

Certificamos que JOÃO RUARO FILHO
filho de JOÃO RUARO
e de NANCIA LIDIA DE ANDRADE
natural de SANTAS DO SUL, nascido em 17 de Fevereiro de 1938
tendo em vista os resultados obtidos no ano letivo de 1963 na quarta série do curso ginásial, foi considerado habilitado no primeiro ciclo do ensino secundário, nos termos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 4.024, de 20/12/1961), sendo obtido durante o curso os resultados constantes do Histórico Escolar abaixo.

HISTÓRICO ESCOLAR

MADE CONSIDERAR EM DESABONO A CONDIÇÃO DO RESUMIDO ALMO.

1º CICLO	T.													
	Por	Lat	Fra	Ins	Mat	His	Geo	Mar	Des				1963	
1963	715	-	-	-	800	-	875	730	-	-	-	-	-	700
Col. Est. D. João Becker	Póris Alegre			1960			Dr. Afegil de Lemos							
21	65	89	76	-	87	-	91	81	83	-	-	-	-	80
Col. Est. D. João Becker	Póris Alegre			1960			Dr. Afegil de Lemos							
22	89	79	76	79	80	-	62	68	93	53	-	-	-	71
Col. Est. D. João Becker	Póris Alegre			1961			Elida Elizabeth Kokol							
23	76	-	58	53	50	-	72	73	55	-	-	-	-	APROV.
Col. Est. D. João Becker	Póris Alegre			1962			Samuel A. Finisfrede							
24	92	-	-	73	53	53	58	82	-	55	-	-	-	APROV.
Col. Est. D. João Becker	Póris Alegre			1963			Samuel A. Finisfrede							

Fonte: APJRF.

Nota: Histórico escolar de Ruaro, que emitido pelo Colégio Estadual Dom João Becker (2ª via). Imagem ilustra a fala de Ruaro quando ele conta sobre sua entrada no PCB através de colegas do colégio.

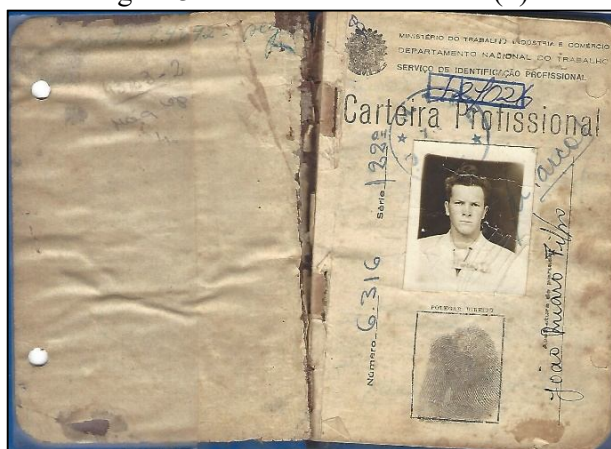
Figura 30 – Carteira de Sindicato (1).



Fonte: APJRF.

Nota: Carteira de sócio do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Calçados de Porto Alegre. Imagem ilustra a fala de Ruaro enquanto fala sobre sua atuação sindical em Porto Alegre.

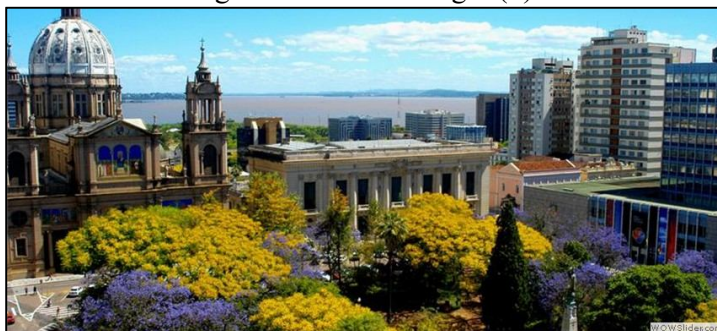
Figura 31 – Carteira Profissional (2).



Fonte: APJRF.

Nota: Carteira Profissional de Ruaro. Imagem ilustra a fala de Ruaro enquanto ele fala sobre sua atuação sindical em Porto Alegre.

Figura 32 – Porto Alegre (1).



Fonte: Portal Porto Alegre.Travel - <<http://www.portoalegre.travel/site/home.php>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Imagem atual da capital gaúcha que ilustra a fala de Ruaro enquanto ele fala sobre o contexto político da cidade na década de 1960.

Figura 33 – Porto Alegre (2).



Fonte: Wikipedia - <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado_P%C3%BAblico_de_Porto_Alegre>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Imagem atual do Mercado Público de Porto Alegre, um dos principais cartões postais da cidade. A fotografia ilustra a fala de Ruaro enquanto ele fala sobre o contexto político da cidade na década de 1960.

Figura 34 – Voz Operária (1).

VOZ OPERÁRIA
ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO
Nº 121 - MARÇO DE 1975 - CR\$ 1,00

EDITORIAL

VIVER E LUTAR

Nosso Partido faz 53 anos esta mês. É mais um aniversário que vamos comemorar sob duras condições de clandestinidade e de perseguição policial. Estas condições se aprofundam, hoje, acutadamente agravadas. A ditadura fascista concentra sobre nosso Partido sua ação repressiva e terrorista. É, como toda ditadura fascista, fanfarroneia que vai nos liquidar.

A experiência histórica mostra exatamente o contrário. O fascismo é que não tem vez no mundo contemporâneo e caminha, inexoravelmente para ser varrido da vida política dos povos. Basta lembrar o fim da Itália de Mussolini e da Alemanha de Hitler. Basta ter em vista o que eram esses dois países antes da II Guerra Mundial e o que são hoje. É exemplos mais recentes encontramos em Grécia e Portugal.

Nosso povo e nosso Partido também viveram essa experiência. Não é a primeira vez, no Brasil, que o anti-comunismo e xacobeado se atribui a missão de destruir nosso Partido. E muitas vezes chegou a anunciar ter alcançado seus objetivos. É conhecido o hábito ridículo de se referir a nós como o extinto Partido Comunista Brasileiro. Mas os fatos estão aí. Somos um Partido extinto que comemora, lutando com nosso povo por seus mais profundos interesses e aspirações, 53 anos de existência!

Ante o terror assassino da ditadura, torna-se prioritário a tarefa de defender e salvar a organização partidária. É uma exigência de situação concreta. Deve marcar nossa atenção permanentemente. Nesse sentido, é indispensável o estudo atento e contínuo das experiências do nosso trabalho, de ação do inimigo, dos meios corretos e eficientes de enfrentar e anular essa ação. Trata-se de um esforço incessante para aperfeiçoar as normas e métodos de funcionamento de todos os órgãos e organizações do Partido. É um dever estatutário do membro do Partido - "contribuir para o respeito às normas de segurança e o constante exercício da vigilância partidária". Mais ainda. Os Estatutos também determinam - que é dever do comunista "zelar pela segurança do Partido, não revelar seus segredos e comportar-se com firmeza diante do inimigo de classe". Assim, devemos salvaguardar o Partido pela prática de uma atividade que frusta a perseguição policial e, também, no caso de queda nas mãos de reação, por um comportamento revolucionário que não forneça absolutamente nenhuma informação sobre os segredos do Partido.

A defesa do Partido não constitui, porém, um fim em si. Isto porque, em primeiro lugar, nossa própria força, a capacidade de crescer e de revigorar nossas fileiras, e capacidade

de enfrentar o inimigo e derrotá-lo, dependem fundamentalmente de nossas ligações com as massas, da influência que sobre elas exercemos, do apoio / que elas nos derem, que delas recebemos. Em segundo lugar, porque não somos uma seta, uma comunidade fechada, que viva para a satisfação pessoal / de seus próprios membros, mas na organização revolucionária, que vive a atua em função das lutas de classe operária e das amplas massas populares pelos seus interesses imediatos e finais. É participando acertada e abnegadamente nessas lutas que o Partido pode exercer seu papel de vanguarda e se transformar em uma força política capaz de influir decisivamente para que o nosso povo finalmente conquiste a democracia e independência econômica e o progresso social, e o Socialismo.

Portanto, a exigência prioritária de defender e salvaguardar o Partido não constitui um fim em si, mas corresponde à / necessidade de desenvolver e intensificar a atividade do Partido entre as massas. O Partido precisa existir para cumprir seu papel revolucionário.

Neste 53º aniversário, o regime fascista nos impõe uma clandestinidade extremamente / dura, pesadas dificuldades ao nosso funcionamento. Mas a situação internacional nos é favorável, pois são nossos ideais que florescem e frutificam o mundo. É em nosso país que o corpo, se amplia e intensifica a luta de nosso povo, na qual estamos e estaremos cada vez mais integrados, pela democracia, pelo desenvolvimento econômico independente e a afirmação de soberania nacional, pelo progresso social.

Não há nenhuma dúvida de que essa luta será vitoriosa, abrindo as perspectivas de um futuro radioso para a classe operária, as massas trabalhadoras, todo o nosso povo.

!!!

ENTREVISTA DE PRESTES NA 3ª PÁGINA

Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/imprensa-resistencia>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Edição de março de 1975 do Jornal Voz Operária, publicação do PCB. Imagem ilustra a fala de Ruaro sobre sua militância no partido. O acesso ao documento pelo link acima permite também outras análises e abordagens que podem ser desenvolvidas pelo professor e os acadêmicos.

Figura 35 – Manifestação (1).



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://memorialdademocracia.com.br/card/passeata-dos-cem-mil-afrenta-a-ditadura>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Imagem da passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro em 1968, ilustra a fala de Ruaro quando ele relata uma passeata ocorrida cerca de 4 anos antes, em Porto Alegre.

Figura 36 – Ruaro (2).



Fonte: APJRF.

Nota: Fotografia de Ruaro (ao centro) discursando em evento público durante seu mandato de vereador em Caxias do Sul. Imagem ilustra a fala de Monteiro quando ele fala sobre a capacidade de síntese e de oratória de Ruaro.

3.1.4 Episódio 4: VAR-Palmares

Link para acesso ao episódio 4: <<https://youtu.be/fPsd-BKJObI>>.

O quarto episódio, *VAR-Palmares*, possui duração de três minutos e quinze segundos. Apresenta trechos de fala de Ruaro, sobreposta por fotografias e imagens de documentos que ilustram o depoimento e permitem provocações para outras problematizações e pesquisas dos acadêmicos. São trazidos também trechos da entrevista de Carneiro, em que este expõe informações sobre a VAR-Palmares. A música de fundo deste episódio é o “Hino da Internacional Comunista”, em versão instrumental. Esta escolha se deu como uma forma de representar musicalmente as origens ideológicas da VAR-Palmares.

A partir da visualização deste episódio, é possível problematizar a história do PCB e o surgimento da luta armada no Brasil. Além disso, a própria organização interna da VAR-Palmares e seus braços no interior do país são abordados por Carneiro neste episódio. Fica evidente neste vídeo que a existência de focos deste grupo era uma realidade em cidades interioranas, como Caxias do Sul, por exemplo. Assim, constata-se que a resistência à ditadura e a luta armada não estavam restritas às grandes capitais brasileiras.

As imagens que sobrepõem as falas de Ruaro também trazem algumas provocações didáticas, como materiais de divulgação de grupos de resistência armada. Além disso, conta-se também com uma página do *Jornal Pioneiro*, datado de 22 de maio de 1965, em que foi divulgada uma pequena poesia de Cyro de Lavra Pinto, intitulada “Hórridos planos”. Nela, o autor diz:

“Os planos de terror, por pérfidos armados,
Atros planos de horror, de muitos brasileiros.
Sempre a patuar⁷⁸ [sic] aqui com rubros estrangeiros
Prosseguem com ardor em todos os Estados.

São planos Infernais, de hostis politiqueiros,
De estudantes venais, de operários malvados,
Unidos, a tentar, entre anseios airados,
Importar paredons e importar cativeiros.

São planos que, ontem e hoje, a súcia que atraíçôa,
Tendo em mira o poder que os povos agrilhôa,
Insana e relutante, espera ver triunfantes.

E embora o mando atual, atento à malta horrenda,
Entre argúcias, sem par, a desbarate e prenda,

⁷⁸ Esse termo indica o pacto com a ameaça comunista estrangeira.

Ela age com **insulta**⁷⁹ em atos arrogantes.

A partir destes versos é possível provocar discussões e/ou pesquisas dos acadêmicos acerca do papel da imprensa, tanto local quanto em nível mais amplo, no golpe civil-militar e na manutenção da ditadura. A poesia apresenta ainda referência à Revolução Cubana, falando dos “paredons”. Ruaro também conta neste episódio que a VAR-Palmares possuía inspiração no caso de Cuba. Além disso, ao falar em “rubros estrangeiros”, o autor faz clara referência ao PCUS e à URSS.

A música escolhida para a trilha deste episódio também pode ser abordada didaticamente, convidando os acadêmicos a conhecerem e analisarem a letra deste hino, em versão brasileira⁸⁰. O autor deste hino foi o francês Éugène Pottier, que o compôs após a Comuna de Paris, com inspiração na “Marselhesa”. Desde então vem sendo entoado e adotado por diversos segmentos dos movimentos de esquerda pelo mundo. Sua letra possui versões em vários idiomas.

Outra informação que pode estimular futuras pesquisas dos acadêmicos é trazida por Ruaro, nos instantes finais do vídeo, quando este conta que havia um planejamento para uma ação armada de expropriação contra a agência do Banco do Brasil de Caxias do Sul. A ação não foi levada a cabo porque os militantes foram presos. Na edição de 02 de maio de 1970, a capa do Jornal Pioneiro⁸¹ traz como reportagem principal a notícia sobre o desmantelamento do foco subversivo que planejava esta expropriação. A reportagem afirma que, por ocasião destas investigações, foram presos o irmão gêmeo de Ruaro, José, além de Paulo de Tarso Carneiro, Edmur Péricles, Afrânio Costa e Dario Vianna dos Reis, entre outros militantes não identificados no texto.

Seguem abaixo as imagens que foram utilizadas para a montagem do episódio *VAR-Palmares*.

⁷⁹ Destaque em negrito conforme fonte original, disponível para consulta online no acervo do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul através do *link* <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=49295&p=14&Miniatura=false&Texto=falset>>. Acesso em 09/09/2017.

⁸⁰ Sugestão de *link* para acesso à letra do Hino da Internacional Comunista: <http://www.unioeste.br/projetos/histedopr/bibliografia/INTERNACIONAL_COMUNISTA.pdf>. Acesso em 09/09/2017. Sugestão de *link* para acesso ao hino com a letra cantada: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/musica/inter_portug.mp3>. Acesso em 09/09/2017.

⁸¹ Jornal disponível para consulta online no acervo do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul através do *link* <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=49551&p=0>>. Acesso em 09/09/2017.

Figura 37 – Voz Operária (2).

VOZ OPERÁRIA

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO

Nº 121 - MARÇO DE 1975 - CR\$ 1,00

EDITORIAL

VIVER E LUTAR

Nosso Partido faz 53 anos este mês. É mais um aniversário que vamos comemorar sob duras condições de clandestinidade e perseguição policial. Estas condições se apresentam, hoje, acentadamente agravadas. A ditadura fascista concentra sobre nosso Partido sua ação repressiva e terrorista. E, como toda ditadura fascista, fanfarroneia que vai nos liquidar.

A experiência histórica mostra exatamente o contrário. O fascismo é que não tem vez no mundo contemporâneo e caminha, inexoravelmente para ser verri do da vida política dos povos. Basta lembrar o fim da Itália de Mussolini e da Alemanha de Hitler. Basta ter em vista o que eram esses dois países antes da II Guerra Mundial e o que são hoje. E exemplos mais recentes encontramos em Grécia e Portugal.

Nosso povo e nosso Partido também viveram essa experiência. Não é a primeira vez, no Brasil, que o anti-comunismo e xacerbado se atribui a missão de destruir nosso Partido. E muitas vezes chegou a anunciar ter alcançado seus objetivos. É conhecido o hábito ridículo de se referir a nós como o extinto Partido Comunista Brasileiro. Mas os fatos estão aí. Somos um Partido extinto que comemora, lutando com nosso povo por seus mais profundos interesses e aspirações, 53 anos de existência!

Ema 2

de enfrentar o inimigo e derrotá-lo, dependem fundamentalmente de nossas ligações com as massas, da influência que sobre elas exercemos, do apoio / que elas nos derem, que delas recebemos. Em segundo lugar, porque não somos uma seita, uma comunidade fechada, que viva para a satisfação pessoal / de seus próprios membros, mas uma organização revolucionária, que vive e atua em função das lutas de classe operária e das amplas massas populares pelos seus interesses imediatos e finais. E é participando acertada e abnegadamente nessas lutas que o Partido pode exercer seu papel de vanguarda e se / transformar em uma força política capaz de influir decisivamente para que o nosso povo finalmente conquiste a democracia e a independência econômica o progresso social, e o Socialismo.

Portanto, a exigência prioritária de defender e salvaguardar o Partido não constitui um fim em si, mas corresponde à / necessidade de desenvolver e intensificar a atividade do Partido entre as massas. O Partido precisa existir para cumprir seu papel revolucionário.

Neste 53º aniversário, o regime fascista nos impõe uma clandestinidade extremamente / dura, pesadas dificuldades ao nosso funcionamento. Mas a situação internacional nos é favorável, pois são nossos ideais que florescem e frutificam o mundo. E em nosso país toma corpo, se amplia e intensifica a luta de nosso povo, na qual estamos e estaremos cada vez mais integrados, pela democracia, pelo desenvolvimento econômico independente e a afirmação da soberania nacional, pelo progresso social.

Não há nenhuma dúvida de que essa luta será vitoriosa, abrindo as perspectivas de um futuro radioso para a classe operária, as massas trabalhadores, todo o nosso povo.

{ { {



ENTREVISTA DE PRESTES NA 3ª PÁGINA

Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/imprensa-resistencia>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota 1: A mesma imagem também foi utilizada no episódio *O Militante*.

Nota 2: Edição de março de 1975 do Jornal Voz Operária, publicação do PCB. Imagem ilustra a fala de Ruaro sobre as decisões do PCB acerca das estratégias de resistência à ditadura civil-militar.

Figura 38 – Luís Carlos Prestes.



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/card/luta-armada>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Luís Carlos Prestes faz discurso no encerramento do V Congresso do PCB em 1960. Imagem ilustra a fala de Ruaro sobre as estratégias políticas do PCB.

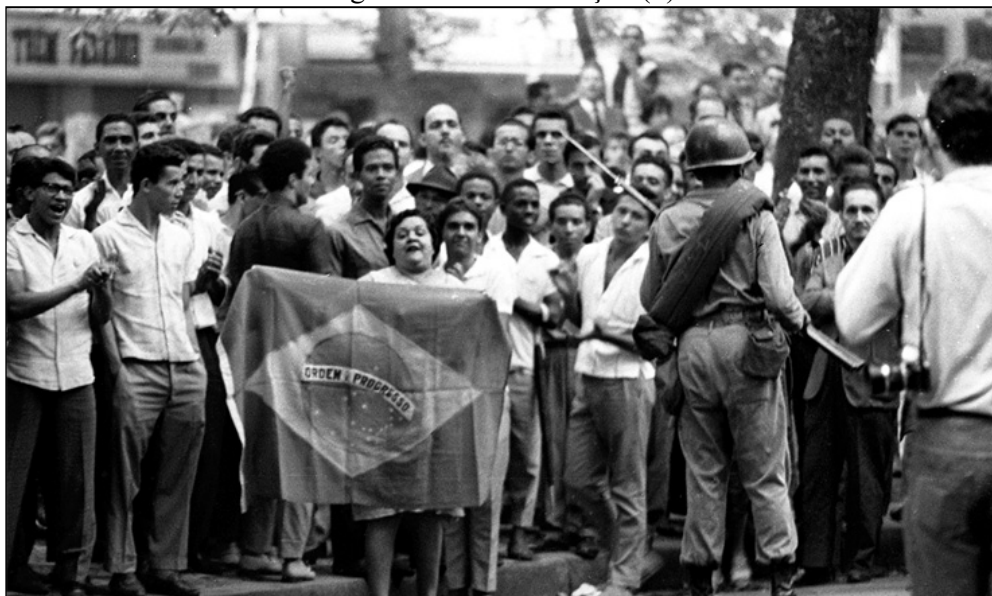
Figura 39 – XX Congresso do PCUS.



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://memorialdademocracia.com.br/card/krushev-denuncia-crimes-de-stalin>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Fotografia do XX Congresso do PCUS, em Moscou, em 1956. Imagem ilustra a fala de Ruaro sobre as estratégias políticas do PCB e as orientações do PCUS.

Figura 40 – Manifestação (2).



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/card/golpe-de-1964>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Fotografia de manifestação contra o golpe no Rio de Janeiro, em 1964. Imagem ilustra a fala de Ruaro sobre as estratégias políticas do PCB e as orientações do PCUS. A imagem remonta à ideia de democracia e do poder do povo, enquanto Ruaro comenta que os sindicatos em alguns países europeus eram muito fortes.

Figura 41 – Movimento Estudantil (1).



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://www.memorialdademocracia.com.br/card/movimento-estudantil>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Fotografia de reunião de líderes estudantis em favor do ensino público. A imagem remonta à ideia de democracia e do poder do povo, enquanto Ruaro comenta que os sindicatos em alguns países europeus eram muito fortes.

Figura 42 – Movimento Estudantil (2).



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/card/batalha-na-maria-antonia-acaba-em-morte#card-78>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Fotografia de conflito entre estudantes em São Paulo, entre acadêmicos da USP e do Mackenzie, causado por discordâncias entre os estudantes acerca da arrecadação de fundos para o XXX Congresso da UNE. A imagem remonta à ideia conflitos armados, em contraponto à fala de Ruaro, que comenta que em alguns países da Europa a revolução socialista não poderia se dar por conflito armado.

Figura 43 – Jornal do Brasil.

Ontem foi o Dia dos Cegos

(Página 12)

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Sábado, 14 de dezembro de 1968

Ano LXXVIII — Nº 213

Governo baixa Ato Institucional e coloca Congresso em recesso por tempo ilimitado

O Ato Institucional nº 5

Assinado pelo Presidente da República e por todos os membros do Estado, o Ato Institucional nº 5, assinado assim:

Art. 1º — São abolidas a Constituição de 24 de janeiro de 1964 e a Constituição assinada com os anêximos relativos a esse Ato Institucional.

Art. 2º — O Presidente da República poderá decretar o recesso do Congresso Nacional, dos Assembleias Legislativas e dos Conselhos de Universidades por Ato Complementar, em razão de ato ou fato de natureza política, econômica ou financeira que interesse ao Brasil, ou de qualquer outra natureza que interesse ao Brasil, ou de qualquer outra natureza que interesse ao Brasil.

Art. 3º — Decretada a recesso parlamentar, o Poder Executivo correspondente fica autorizado a legislar em todas as matérias previstas nos Constituintes ou no seu Organismo de Matérias.

Art. 4º — Decretada a prorrogação de sessões, os atos, as deliberações, as resoluções e as decisões, se permitidas a prorrogação de uma sessão.

Art. 5º — São mantidas as normas da Constituição, e as normas da Constituição e as normas da Constituição que não tenham sido alteradas pelo Ato Institucional, e as normas da Constituição e as normas da Constituição que não tenham sido alteradas pelo Ato Institucional.

Art. 6º — O Presidente da República, no exercício de suas funções, poderá decretar a suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 7º — Os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 8º — No exercício de suas funções, o Presidente da República, poderá decretar a suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 9º — As normas da Constituição, as normas da Constituição e as normas da Constituição que não tenham sido alteradas pelo Ato Institucional, e as normas da Constituição e as normas da Constituição que não tenham sido alteradas pelo Ato Institucional.

Art. 10º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 11º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 12º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 13º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 14º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 15º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 16º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 17º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 18º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 19º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 20º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 21º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 22º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 23º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 24º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 25º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 26º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 27º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 28º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 29º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 30º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 31º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 32º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 33º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 34º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 35º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 36º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 37º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 38º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 39º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 40º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 41º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 42º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 43º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 44º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 45º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 46º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 47º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 48º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 49º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

Art. 50º — A suspensão dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes e os membros dos Estados e Municípios que não se apresentarem perante os Constituintes.

TRADIÇÃO QUE SE RENOVA



O Presidente dirige a entrega de espadas aos seus governadores

IDENTIDADE PROFUNDA



Os Ministros militares conferenciam durante a homenagem a Marinha

HORA DRAMÁTICA



Corrida foi espalada quando o Brasil venceu a Chile no Copa de 62

O Governo, depois de uma expectativa de várias horas, baixou, ontem à noite, o Ato Institucional n.º 5, e, com base nele, o Ato Complementar n.º 33, que decretava o recesso do Congresso Nacional, sem prazo determinado. Durante o dia e a noite de ontem o povo manteve calma e não houve perturbação nas ruas, apesar das apreensões de alguns cidadãos que, decidiram permanecer em seus escritórios ou nas ruas, à espera da palavra oficial do Governo através de A Voz de Brasil — e deixaram de chegar ontem às suas casas.

Houve grande movimentação, ontem, nos quartéis do Rio, onde existiam rigoroso o regime de prontidão. Na Vila Militar, os cas-
 trolados estão em posição de deslocamento. A Polícia Federal tem 500 homens, na Guanabara, "prontos para agir", e também estão totalmente mobilizados a Polícia Militar, a Polícia Civil e a Guarda Civil.

Várias reuniões sucederam-se na área militar. O Ministério do Exército apresentou movimento incoerente, devido à presença dos comandantes das principais unidades aquarteladas no Rio. Ora eles estavam no gabinete do Ministro do Exército, ora no do comandante do I Exército. Mas foi a reunião do Presidente da República com o Conselho de Segurança Nacional que determinou a promulgação do Ato Institucional n.º 5.

Bonifácio declara que Ato resulta de várias crises

Após tomar conhecimento, pelo rádio, do Ato Institucional n.º 5, o presidente da Câmara, Deputado José Bonifácio, disse que ele "resulta de crises e dificuldades do Governo e do mal-estar do povo. Não é o momento para examinar, mas sim para manifestar ainda uma vez mais a esperança de que crises como estas sejam resolvidas de maneira e possibilitar o desenvolvimento brasileiro."

Arreventou o Sr. José Bonifácio "estas coisas, que jamais devemos esquecer, e neste país têm sido tradição: preceitos têm sido eleições, e nós, os eleitores, formulamos apelo mais uma vez para que o Brasil permaneça e se transforme numa grande nação, como faz jus pelo trabalho de uma povo. Com essas palavras, e obedecendo ao novo regime, declarei minha missão encerrada."

O presidente da Arena, Sr. Daniel Krieger, após ouvir, pelo rádio, a leitura do novo Ato, no Rio, dirigiu-se, com alguns parlamentares, para uma residência na zona sul, a fim de examinar o quadro político. Adverteu a possibilidade de um pronunciamento dos dirigentes da Arena.

TELEFONES

ALUGUELOS

ANÚNCIOS

COMUNICAÇÕES

OPORTUNIDADES

Fonte: Memorial da Democracia - <<http://memorialdademocracia.com.br/card/ai-5-confere-poder-total-aos-militares>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Imagem da primeira página do Jornal do Brasil, edição de 14 de dezembro de 1968, divulgando o AI-5. A imagem ilustra a fala de Ruaro, em que ele fala sobre o cerceamento das vias diplomáticas de resistência.

Figura 44 – Imprensa de resistência (1).

Editorial: impulsionar as tendências de classe...
PÁG. 3

FUNDO CEMAP
DK

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES
UNÍ-VOS!

FRENTE OPERÁRIA

ORGÃO DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO (TROTSKISTA), SEÇÃO BRASILEIRA DA IV INTERNACIONAL

NOB 0,30

PRIMEIRA QUINZENA DE JUNHO
1967- ANO XV - Nº 167-

MANIFESTO DE 1º DE MAIO DO
8º CONGRESSO MUNDIAL DA
QUARTA INTERNACIONAL
AS MASSAS EXPLORADAS DO MUNDO

O 8º CONGRESSO DA IV INTERNACIONAL SE DIRIGE AS MASSAS EXPLORADAS DO MUNDO
AS MASSAS DOS ESTADOS OPERÁRIOS
AS MASSAS DOS PARTIDOS COMUNISTAS E SOCIALISTAS DOS PAÍSES CAPITALISTAS
AS MASSAS DA ÁFRICA, DA ÁSIA, DA AMÉRICA LATINA
AS MASSAS QUE LUTAM PARA TRANSFORMAR AS REVOLUÇÕES NACIONALISTAS EM REVOLUÇÕES
SOCIALISTAS

O CAPITALISMO SE PREPARA PARA IRROMPER NO MUNDO COM A GUERRA MUNDIAL ATÔMICA, PROCURANDO POR ESSE MEIO SUSTENTAR-SE, DEFENDER O QUE AINDA RESTA DO REGIME; DO SISTEMA CAPITALISTA MUNDIAL.

O CAPITALISMO, IMPOTENTE PARA CONSERVAR SUA EXISTÊNCIA POR OUTROS MEIOS, PREPARA TODA A SUA CAPACIDADE ECONÔMICA, CIENTÍFICA E MILITAR, PARA A ELABORAÇÃO, PREPARAÇÃO DE TODAS AS ARMAS ATÔMICAS, À ESTRUTURAÇÃO, DURANTE UM PERÍODO DA ESTRATEGIA MUNDIAL PARA DESENCADEAR AS ARMAS ATÔMICAS CONTRA TODOS OS ESTADOS OPERÁRIOS E CONTRA AS MASSAS DOS PAÍSES QUE LUTAM CONTRA O CAPITALISMO. NÃO FAZÁ DISTINÇÃO NEM DE PAÍSES NEM DE ESTADOS, PROCURARÁ CONCENTRAR TODO O SEU PODERIO MILITAR AÍ ONDE SE ENCONTREM AS CONCENTRAÇÕES PROLETÁRIAS, ONDE ENCONTRE A CONCENTRAÇÃO DE MASSAS MAIS ELIVADAS DA ÁSIA, ÁFRICA, E AMÉRICA LATINA E CONTRA OS ESTADOS OPERÁRIOS. O SEU OBJETIVO

SERÁ O DE DESTRUIR O QUE É O PODERIO MUNDIAL DESTA ÉPOCA DA HISTÓRIA: A CONCENTRAÇÃO DAS MASSAS. É A FORMA PELA QUAL O CAPITALISMO MUNDIAL PROCURARÁ FAZER FRENTE À VONTADE REVOLUCIONÁRIA DAS MASSAS DO MUNDO DE DERROTAR O SISTEMA CAPITALISTA E DE LUTAR PELO SOCIALISMO.

TODA A INTELIGÊNCIA E A CAPACIDADE, TODA A POSSÍVEL TÉCNICA ATUAL E A QUE VENHA A SER DESENVOLVIDA, DOS SÁBIOS E DOS CIENTISTAS AO SERVIÇO DO CAPITALISMO, PROCURARÁ ELEVAR, DINAMIZAR E EXTENDER O PODERIO DAS ARMAS ATÔMICAS. NÃO HÁ NENHUMA DESCOBERTA, NÃO HÁ NENHUM INVENTO, NÃO HÁ NENHUM PROGRESSO SOB O SISTEMA CAPITALISTA. TODAS AS ENERGIAS DO CAPITALISMO ESTÃO DIRIGIDAS À ELABORAÇÃO DE ARMAS ATÔMICAS, À REPRESSÃO DOS MOVIMENTOS NACIONALISTAS, À REPRESSÃO CONTRA OS LEVANTES DAS MASSAS EM QUALQUER PARTE DO MUNDO.

Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/imprensa-resistencia#clandestinos>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Imagem de jornal clandestino mantido pelo Partido Operário Revolucionário-Trotskyista (PORT) – também clandestino, em junho de 1967. A imagem ilustra a fala de Ruaro, em que ele fala sobre o surgimento de grupos de esquerda armada. O acesso ao documento através do *link* acima pode suscitar novas problematizações acerca dos movimentos de esquerda por parte dos acadêmicos e professores.

Figura 45 – Imprensa de resistência (2).



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/imprensa-resistencia#clandestinos>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Imagem de jornal mantido por grupos de esquerda clandestina, de 1 de novembro de 1971.

A imagem ilustra a fala de Ruaro, em que ele fala sobre o surgimento de grupos de esquerda armada. O acesso ao documento através do *link* acima pode suscitar novas problematizações acerca dos movimentos de esquerda por parte dos acadêmicos e professores.

Figura 46 – Imprensa de resistência (3).



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/imprensa-resistencia#clandestinos>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Imagem de jornal mantido pela VAR-Palmares, datado de maio de 1970. A imagem ilustra a fala de Ruaro, em que ele fala sobre o surgimento da VAR. O acesso ao documento através do *link* acima pode suscitar novas problematizações acerca deste grupo.

Figura 47 – Revolução cubana.



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/card/cuba-guerrilha-derruba-ditadura#card-107>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Fotografia de Che Guevara e Fidel Castro na Sierra Maestra, durante a Revolução Cubana. A imagem ilustra a fala de Ruaro, em que ele fala sobre a inspiração política da VAR-Palmares.

Figura 48 – VAR-Palmares - militantes.



Fonte: Jornal Pioneiro.

Crédito: Jonas Ramos. Agência RBS.

<<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/politica/noticia/2014/04/ex-coordenador-da-var-palmares-lembra-da-repressao-e-prisoas-em-caxias-do-sul-em-1970-4465898.html>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Da esquerda para a direita: Maeth Boff, Ruaro, Paulo de Tarso Carneiro e Orlando Michelli – todos ex-militantes da VAR-Palmares na Serra Gaúcha. A imagem ilustra a fala de Ruaro, em que ele relata como chegou à VAR.

Figura 49 – Ruaro (3).



Fonte: APJRF.

Crédito: Studio Beux.

Nota: Fotografia de Ruaro, no início da década de 1980. O objetivo de ilustrar a fala de Ruaro com uma foto sua é de manter o foco do espectador para o papel do indivíduo, o sujeito histórico.

Figura 50 – Imprensa de resistência (4).

FUNDO	CEMAP
AC	PI/794

C. MENEZES AS TESES DO C. CENTRAL PAG. 8

REVOLUÇÃO

CEMAP - REVOLUCIONÁRIA
CLASS. _____

Nº 1 12. out. 1967

DA "AMPLA FRENTE" À FRENTE AMPLA

O Oportunismo

A subordinação dos interesses de classe proletariado aos interesses da burguesia define, para Lenin, o oportunismo. São suas características a adaptação dos princípios às circunstâncias, a contemporização, a política de apaziguamento, a atitude daquêles que rejeitam a destruição do sistema capitalista a trêço da concessões feitas pela burguesia. O reformismo é a expressão dessa atitude. Toda política oportunista faz, na prática, o jogo da burguesia, pois invariavelmente se deixa arrastar na luta de interesses personalistas ou de grupos da classe dominante. É da colaboração com a burguesia à traição dos interesses do proletariado, não vai senão um passo.

A "Ampla Frente"

Com má dialética e bom oportunismo, querendo ver a qualidade onde somente existe a quantidade, a Resolução Política do CC, de maio de 1965, antecedendo a Iacorda, propunha uma "ampla frente" de resistência, oposição e combate à ditadura. Nesta ampla frente, conquistada na luta eleitoral, os "comunistas devem ser o elemento unificador por excelência, capaz de encontrar em cada caso concreto a melhor maneira de unir as mais amplas forças contrárias à ditadura em torno de plataformas unitárias e de candidatos que mereçam a confiança popular". Em resumo: não contente em conciliar o proletariado e a burguesia, propõe-se a tarefa de unificar as facções da oposição burguesa. De abandono de uma política

da proletária para a burguesia, passamos a uma política burguesa para o proletariado. Um ano depois, as Teses viriam reforçar as proposições da Resolução Política.

A Frente Ampla

A partir de 1965, Iacorda caracterizava sua franca divergência com a política econômica da ditadura. Utilizava uma agressividade de tática, atacando não a ditadura - que, diga-se de passagem, éle nunca foi contrário - mas, a orientação econômica governamental, responsabilizando-a pela impopularidade da "revolução". Castelo Branco não revidou diretamente a Iacorda. Contra-atacou não só prestigiando Roberto Campos, mas firmando a política econômico-financeira do ministro do Planejamento como o próprio núcleo da concepção do governo, arcando conscientemente com todo o ônus da impopularidade. Afinal, afirmava o líder da maioria na Câmara, podemos ser impopulares se todos o Exército do nosso lado.

O pequeno apêio inicialmente obtido por Iacorda entre os setores da burguesia descontentes com a crise econômica, tenderia a se esvaziar. As arestas entre esses setores e a ditadura iam se aprofundando e, hoje, mesmo aqueles elementos do empresariado que há dois anos boqueteavam em torno do plano desenvolvimentista de Dias Leite, procuram adjetivos para louvar a segurança nos investimentos e a "paz social" obtida à custa da repressão policial sobre o proletariado. Todos se aproveitam da cri

Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/impressa-resistencia#clandestinos>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Imagem de jornal mantido por grupos clandestinos de esquerda, datado de 12 de outubro de 1967. A imagem ilustra a fala de Ruaro, quando ele fala sobre os objetivos dos grupos de esquerda armada.

Figura 51 – Jornal Pioneiro (1).

Página 6 CAXIAS DO SUL, 22 de maio de 1965 «PIONEIRO»

Sarincci S. A.

FABRICA DE ESPELHOS — PORTA RETRATOS DE VIDROS E QUADROS — Vidros por Atacado e Varejo — Simples — Duplos — Triplo — Triplex e Fantasia — Colocação de vidros a domicílio — Espelhos e Emoldurações - Pastilhas de Vidro VIPAX - Blocos - Tijolos - Telhas - Ladrilhos - Pavés -

Manufacturas — Vitrificação de Vidros PIROPLAX — Acessórios para Automóveis em Geral. FUMICA — Dorplex.

INDUSTRIA E COMERCIO DE VIDROS

Rua Pinheiro Machado, 1640 — Fone, 304 — CAXIAS DO SUL — Matriz: Rua C. Colombo, 747 — Fone, 6503 — P. ALEGRE

Mecânica Guaporé Ltda.

Especializada em carros

SIMCA CHAMBORD

mantendo uma equipe profissional a cargo do competente mecânico GUAPORÉ

Rua Os 18 do Forte, 1047
Caxias do Sul

Bilhete da JOC

Início de Conversa

Para início de conversa, vamos dizer porque estamos aqui nesta página do jornal. Este espaço foi cedido à nossa disposição, um gesto de gentileza, pela própria direção de O PIONEIRO. É um espaço de convivência aberto à JOC e, através da JOC a toda a juventude trabalhadora desta cidade. Não é necessário dizer o quanto essa confiança nos deixa orgulhosos. É um orgulho a serem tão bem justificados. Afinal de contas, estamos nas páginas do JORNAL DA CIDADE, o jornal que procura, entre as mais alucinadas do colégio de seu amável Diretor, penetrar em todos os ângulos e dialogar com todos os povos que habitam Caxias do Sul. Foi com esse intuito que esta página nos foi aberta, para dar aos trabalhadores uma oportunidade mais direta de falar sobre si, sobre seus problemas e suas lutas. A ideia de transmissão de Caxias, essa laboriosidade e continuidade em todo o país, encontra esta oportunidade. É a JOC que há alguns anos vem lutando pela promoção das operárias, assumindo mais esta responsabilidade social.

Para marcar também a sua existência, prezado leitor.

As nobres credenciais, com que nos apresentamos, são as de um movimento operário de jovens que se encontra espalhado pelos quatro cantos do mundo. Espalhamos presenças em mais de cem países, da Europa, América, Ásia, África e Oceania. Somos um movimento organizado, um movimento que tem uma experiência de mais de cinquenta anos em todo o planeta. A JOC é de fato uma Internacional Operária. Mas não uma Internacional do tipo e da revolução. A nossa luta é uma luta pela compreensão, pelo respeito da pessoa humana (do operário). Somos cristãos. E dizemos isso com sempre sem medo do pecado, da hipocrisia. Cristãos que procuram viver no Evangelho até as suas últimas consequências que são escutas de amor e de justiça. A nossa luta é para dizer ao operário que ele não precisa ser ignorante, ele merece cultura e dignidade. Mas queremos também que a educação das operárias não seja um ato de ódio de classe, mas um movimento de co-criação entre todos de homens.

Assim, com esta mensagem, estamos aqui todos os sábados contando com a



Hórridos Planos

Cyru de Laern Pinta

Os planos de ferro, por perfidos armados, Alcos planos de ferro, de muitos brasileiros. Sempre a poliar aqui, com curvas estranhas. Preocupação, sem andar, em todos os Estados.

São planos infamados, de heitas polifacetas. De condutas venais, de operários malvados. Tímidos, e tentos, sobre anáguas armadas. Importar produtos e importar cadáveres.

São planos, que oprimem o feio, a sôco que ocupou. Tanto em mira e poder, que os povos agrários. Inúteis e resistentes, sobre os levantados.

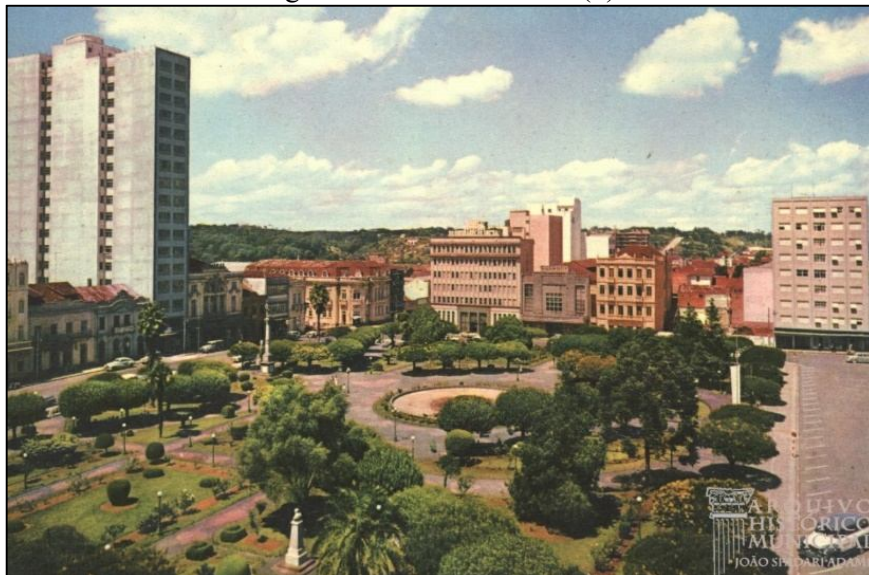
E embora o mundo atual, aferra à muita horrenda. Entre agitados, sem per, e destruído e perdido. E, não sem resulto, um atos arrogantes.

Fonte: Jornal Pioneiro – Acervo do Centro de Memória da Câmara de Municipal de Caxias do Sul - <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=49295&p=14&Miniatura=false&Texto=false>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Imagem da edição de 22 de maio de 1965 do jornal Pioneiro, de Caxias do Sul. A imagem ilustra a fala de Ruaro, na medida em que ele fala sobre os planos que existiram (em 1970) de uma ação armada de expropriação ao Banco do Brasil na cidade. O acesso à fonte através do [link](#) acima permite maiores problematizações a partir do poema Hórridos Planos (em destaque). Outra possibilidade de análise se abre com a matéria “Início de conversa”, na mesma página, de autoria da Juventude Operária Católica (JOC)⁸². O fato de o espaço cedido à JOC e a poesia “Hórridos Planos” serem publicados na mesma página do jornal pode resultar em novo objeto de pesquisa.

⁸² A JOC é um movimento da Igreja Católica, fundado em 1923, em Bruxelas, voltado para trabalhadores entre 14 e 30 anos. Durante a ditadura civil-militar, foi perseguida pelos órgãos de repressão. Para mais informações, consultar o Centro de Documentação e Informação Científica (CEDIC) da PUC-SP através do [link](http://www.pucsp.br/cedic/colecoes/colecoes_audiovisuais_sonoras/juventude_operaria.html) <http://www.pucsp.br/cedic/colecoes/colecoes_audiovisuais_sonoras/juventude_operaria.html>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Figura 52 – Caxias do Sul (2).



Fonte: AHMJSA.

Nota: Fotografia aérea de Caxias do Sul na década de 1960. A imagem ilustra a fala de Ruaro, pois mostra a Praça Rui Barbosa, onde se localizava a agência do Banco do Brasil que os militantes da VAR-Palmares pretendiam expropriar.

Figura 53 – Caxias do Sul (3).



Fonte: AHMJSA.

Nota: Fotografia de Caxias do Sul (data não informada). Assim como a fotografia anterior, esta imagem ilustra a fala de Ruaro, retratando parcialmente a Praça Rui Barbosa, onde se localizava a agência do Banco do Brasil que os militantes da VAR-Palmares pretendiam expropriar.

Figura 54 – Movimento estudantil (3).



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/card/golpe-militar-depoe-governo-constitucional>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Fotografia retrata incêndio no prédio da UNE no Rio de Janeiro no dia 1º de abril de 1964. A imagem ilustra a fala de Ruaro, levando o espectador a imaginar as consequências que uma ação armada poderia ter em Caxias do Sul.

3.1.5 Episódio 5: A Prisão

Link para acesso ao episódio 5: <https://youtu.be/yCbXps_sCZw>.

Já no quinto episódio, *A Prisão*, com nove minutos e quarenta segundos de duração, Ruaro, Carneiro e Zélia trazem informações acerca das prisões de Ruaro em Porto Alegre e em São Paulo. Sobrepondo as falas de Ruaro, são exibidas imagens que ilustram o contexto político da época (segunda metade da década de 1960), bem como apontam características das táticas da polícia e das Forças Armadas nas investigações e ações dos órgãos de repressão, inclusive com consequências para as famílias dos acusados. Algumas imagens de fontes desta pesquisa foram incluídas neste episódio, como partes dos processos judiciais respondidos por Ruaro. Esses processos eram fontes até então inéditas para a historiografia. A música escolhida para este episódio foi “*Sobrevivendo*”, de Victor Heredia, interpretada por Mercedes Sosa. Esta escolha se deu pelo conteúdo da letra da música, bastante emblemático, haja vista que muitos presos políticos não sobreviveram às masmorras da ditadura.

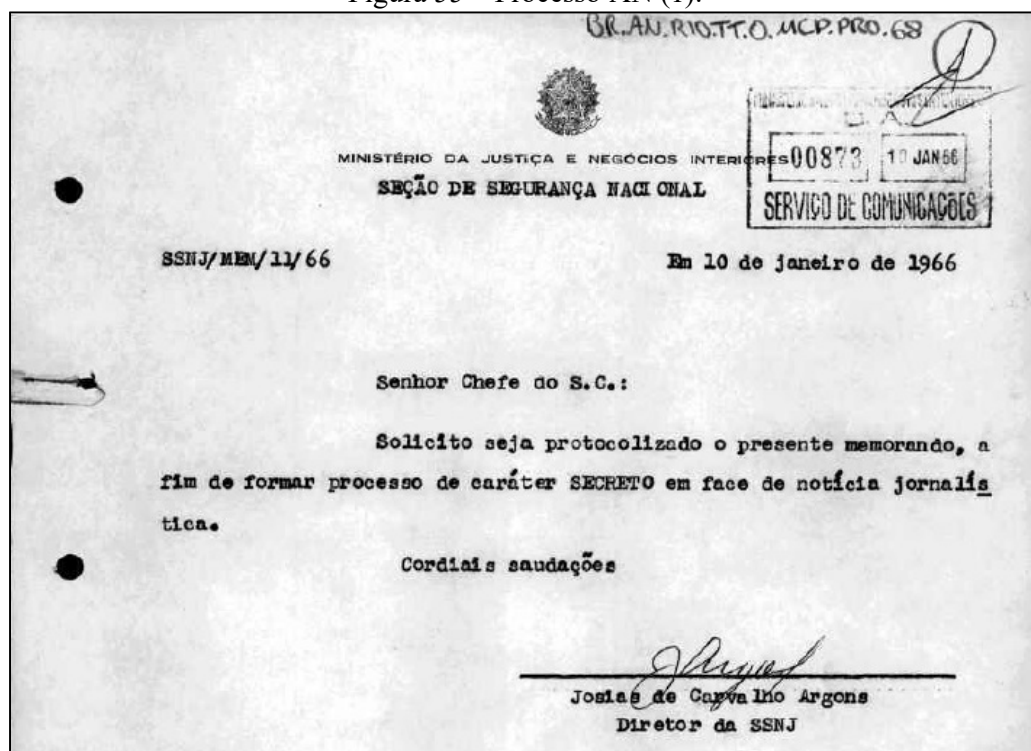
Um dos aspectos destacados neste episódio pela fala de Ruaro, é a ausência de operários no movimento de resistência armada ou, ao menos, na VAR-Palmares. Didaticamente, esta fala de Ruaro pode ser problematizada com a leitura da dissertação de mestrado de Yuri Rosa de Carvalho (2014), supramencionada na revisão bibliográfica, que aborda a trajetória política de seu avô, um trabalhador militante do MR-8. A partir desse

contraponto, é possível promover um debate ou pesquisa com os acadêmicos de História (ou outras ciências que também estudam os movimentos sociais) a respeito da participação de operários nos movimentos armados de resistência à ditadura civil-militar brasileira.

Outra sugestão didática é a problematização da fala de Ruaro, quando este comenta que teve vontade de fugir de São Paulo, o que significava desertar da missão assumida junto à VAR-Palmares. É possível trabalhar esta fala a partir do conceito de *projeto* de Gilberto Velho (2003), também já abordado nesta dissertação. Nota-se, no depoimento de Ruaro, dúvidas, medos, inquietações que desembocaram em uma mudança de projeto. Aquele que até então era um militante convicto de seus ideais, por força dos *campos de possibilidades* aos quais teve contato, veio a questionar suas próprias ações e as do grupo a que pertencia. Ruaro relata não ter conseguido evadir do movimento porque seu envolvimento àquela altura já era muito grande. Ademais, cerca de um mês após chegar em São Paulo, Ruaro foi preso.

Seguem abaixo as imagens utilizadas para ilustrar as falas de Ruaro no episódio *A prisão*.

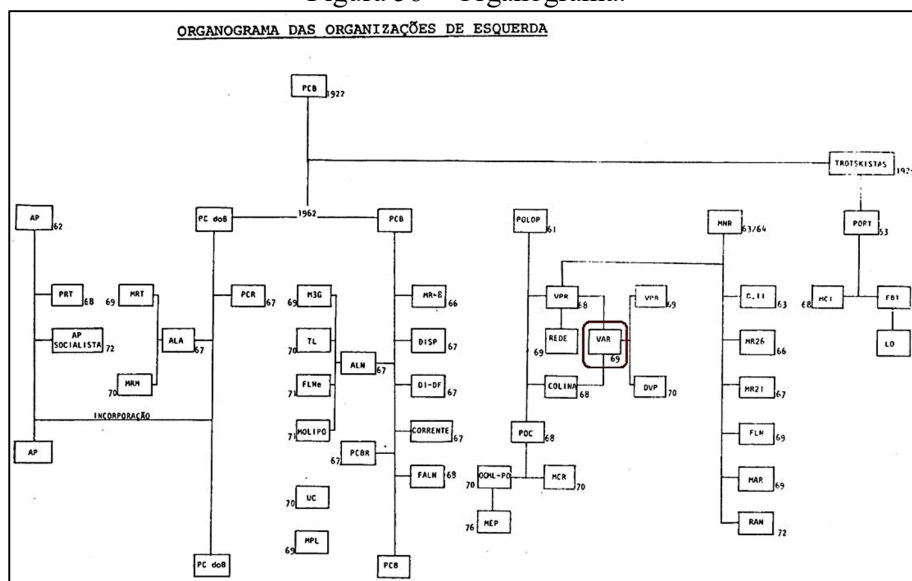
Figura 55 – Processo AN (1).



Fonte: Arquivo Nacional.

Nota: Imagem de parte do processo instaurado pela ditadura para apurar o caso da tentativa de sabotagem ao avião da FAB em Porto Alegre, em maio de 1965. O documento ilustra a fala de Ruaro quando este começa a explicar como se deu sua prisão na capital gaúcha para averiguação deste caso.

Figura 56 – Organograma.



Fonte: REIS FILHO, Daniel Aarão; SÁ, Jair Ferreira de (Org.). *Imagens da Revolução: Documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda dos anos 1961-1971*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

Nota: Organograma das organizações de esquerda do Brasil, com a VAR-Palmares em destaque. Imagem ilustra a fala de Ruaro quando ele se refere à criação da VAR-Palmares.

Figura 57 – Processo AN (2).

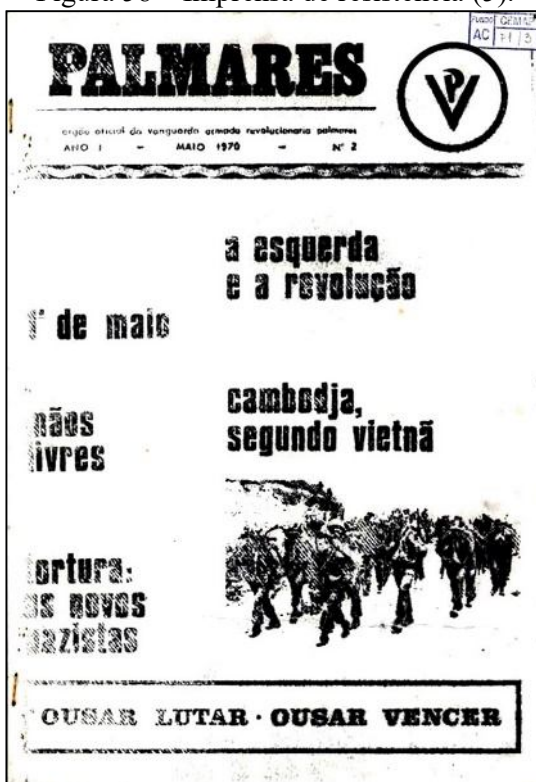
Extraído do depoimento do Indiciado - JÓÃO RUARO FILHO

.... às fls. 124, 125, 126 e 127 - ... "Que mais tarde compareceu ao endereço dado, ali conhecendo MIGUEL, na casa do qual, se faziam reuniões/ políticas, conhecendo ali também, outros elementos como RUBEENÁRIO, GARY BALDI, PAULO CAMPOS e outros de que não se recorda ... que muitas reuniões se faziam até que a revolução de 31 de março e seus dias posteriores, obrigaram os elementos a não mais se reunirem; que mais tarde ... foi com vida, a reativarem as reuniões, com o que assentiu, passando a se reunir o Indiciado, RUBEENÁRIO, GASTÃO MENDES e outros de quem não se recorda e numa das reuniões foi dado o nome dos trabalhos ali desenvolvidos / como da Frente Popular contra o governo do Presidente Castello Branco, / instalado e objetivando a volta de JANGO ao Poder; que numa reunião, de que não se lembra a data, MIGUEL apresentou um senhor de uns 45 anos, de estatura mediana, cabelos curtos e já embranquecendo, de nome JAIME, que disse integrante da Frente Popular, recentemente vindo de Montevideo, com a instrução de formar Grupos de Resistência ao Governo ... que ao grupo/ eram distribuídas missões de "pizamentos" e distribuição de "panfletos" subversivos, tendo também sido combinados "nomes de guerra" ... e LUCAS, procurando também o Indiciado, o convidava para missões de pizamentos / que foram feitos nas Avenida Farrapos e Avenida Ceará ... Que MIGUEL para cia participante como o Indiciado e sedente de sua casa para as reuniões ... Comandando e discutindo contra o Governo além de arrecadar dinheiro/ para a Frente Popular, dinheiro que era arrecadado por simpatizantes, / formando um fundo para a panfletagem e pizamentos ... que por volta das/ 19:00 horas ou 19:30, comparecem ao local combinado e ali encontram UBI- RAJARA e mais distante se encontrava JAIME; que em seguida passaram a / conversar quando JAIME se aproximou e passaram a conversar os três, JAI- E, UBI RAJARA e o INDICIADO, quando JAIME disse qual o serviço que se fa- -ia à noite;..."

Fonte: Arquivo Nacional.

Nota: Parte de processo instaurado pela ditadura para investigar o caso da tentativa de sabotagem ao avião da FAB em Porto Alegre, em maio de 1965. O documento retrata um trecho do depoimento de Ruaro para a investigação. Ilustra a fala de Ruaro quando este começa a explicar o contexto de sua prisão na capital gaúcha para averiguação deste caso.

Figura 58 – Imprensa de resistência (5).



Fonte: Memorial da Democracia -

<<http://m.memorialdademocracia.com.br/imprensa-resistencia#clandestinos>>.

Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota 1: A mesma imagem já foi utilizada no episódio *VAR-Palmares*.

Nota 2: Imagem de jornal publicado pela VAR-Palmares, datado de maio de 1970. A imagem ilustra a fala de Ruaro, em que ele relata informações sobre as publicações clandestinas da década de 1960.

Figura 59 – Repressão (1).



Fonte: Memorial da Democracia -<<http://m.memorialdademocracia.com.br/card/terror>>.

Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Fotografia de cidadão sendo revistado pelo Exército em Angra dos Reis/RJ em 1969.

Imagem ilustra a fala de Ruaro enquanto ele conta como foi a abordagem no momento de sua prisão em 1965.

Figura 60 – Imprensa de resistência (6).



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/imprensa-resistencia#alternativos>>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Imagem do jornal alternativo Reporter Autônomo Independente, de dezembro de 1977. Apesar de ter sido produzido mais de uma década depois, o desenho de militar prestes a torturar uma pessoa ilustra a fala de Ruaro enquanto ele conta como foi a abordagem no momento de sua prisão em 1965, que apesar de negar ter sofrido violências físicas, foi um momento marcado pela tensão e medo das possíveis torturas que se seguiriam.

Figura 61 – Imprensa de resistência (7).

ERASIMO

Vigio o virus do comunismo 24 horas por dia

Por duas vezes durante a longa entrevista que concedeu ao Repórter, o coronel Erasmo Dias, secretário de segurança de São Paulo, prometeu "sair de arma na mão": quando se manifestou contra a anistia ampla e irrestrita e, de pois, quando reagiu contra uma possível legalização do partido comunista. Para Erasmo, o comunismo é, "como o câncer, um virus que destrói o corpo social".

Entrevista a Luiz Alberto Bettencourt
Fotos de Paulo Adário



Repórter - O senhor foi acusado por uma comissão especial de inquérito de abuso de poder durante a invasão da PUC em São Paulo pela polícia, mas disse depois, num programa de televisão, que só aceitaria um juízo sobre seu procedimento se ele fosse referendado por um plebiscito. O senhor acha que já chegou a hora de fazer plebiscitos no país?

Erasmo - Falar em plebiscito foi força de expressão. Alá, sobre este assunto da invasão da PUC eu não gostaria de falar porque tudo o que tinha à dizer na Assembleia Legislativa durante meu depoimento de seis ou nove horas, já dei todas as explicações necessárias. Podia apenas reafirmar que, no cumprimento das leis e normas vigentes, no princípio de respeito à autoridade, na manutenção da ordem, eu como autoridade serei sempre chamado a tomar decisões e as tomarei como tenho tomado, perfeitamente dentro da lei. Em caráter preventivo, como tenho feito ou repressivo, quando o caso exige. A população, temos certeza que entendeu e compreende que algumas medidas não de ser tomadas sempre que tendo em vista o bem comum, a segurança coletiva de modo geral, que é a nossa obrigação. Foi dentro desse contexto que cheguei a entender que a análise pura e simples de qualquer fato de modo unilateral, de modo apaixonado e de modoradical, não corresponde a realidade do fato e a opinião pública é realmente muito ciosa, muito consciente do que representa o respeito à autoridade, à ordem e às leis. É isso.

Repórter - O senhor acha, então, que o julgamento da comissão foi um julgamento apaixonado?

Erasmo - Não digo apaixonado, mas político. E toda análise política, qualquer que seja o regime, budista, maquista, fetichista, comunista, fascista, assim numa força de expressão, a autoridade tem que ser respeitada... as leis tem que ser obedecidas. O confronto da polícia com a população ou uma face dela não é desejável a ninguém, mas chega um certo ponto, quando a autoridade é desrespeitada a ordem fica prestes a ser conturbada a anarquia fica quase a um passo e o ilícito penal se caracteriza, eu pergunto: qual é a função da autoridade? O que é que o senhor faria no meu lugar? É um problema de inércia da função.

Repórter - O senhor acha que o movimento estudantil é um ilícito penal?

Erasmo - O movimento estudantil, como qualquer tipo de movimento, você não pode dizer que é um ilícito penal mas as características de comportamento de uma parcela desse movimento estudantil eu provo, em gênero, número e grau que ele vive, enfim o negócio é muito complexo pra ser julgado a partir de um ato apenas. É a mesma coisa que julgar alguém no momento em que morre; quando ele morre tem uma experiência anterior. Mas é o seguinte: a medicina preventiva se mostra como a única forma de manter o corpo humano mais vivente. Não é isso? Como é que a gente faz? Faz medicina preventiva, exame de fezes, exame de sangue e é o medico que pode detectar, no corpo humano, um estado de degenerescência fruto de condições ecológicas ou biológicas, não é isso? É a tal história: no corpo social, eu, como secretário de segurança, sou uma espécie de médico preventivo; eu tenho, pela minha função, capacidade e obrigação de acompanhar o que acontece. Exemplo, pra dar uma idéia: durante uma ou duas horas do meu dia, eu só leio panfletos, só leio panfletos. A grande massa da opinião pública não lê panfletos, mas eu leio, eu leio. E

dades e probabilidades que existem de tudo isso levar a consequências desastrosas de conturbação social. Eu tenho acompanhado isso a vida inteira, eu sou partícipe de todo o movimento que tem havido em São Paulo de 1962 até aqui de modo que conheço os fatos e circunstâncias envolvidos, a técnica, a metodologia, o modo de agir dessa gente toda e tenho por obrigação detectá-lo. Infelizmente, quando a gente aponta todos esses fatos determinados setores da sociedade têm por bem não tomar conhecimento, como se fosse uma espécie de virus natural. Pra mim não é natural não; virus do comunismo no corpo social é a mesma coisa do virus do câncer no corpo humano. Eu tenho detectado uma evolução disso tudo desde 1974 e tenho provado que todos esses episódios estão ligados. Pra ter uma idéia, isso aqui é prova de infiltração comunista estudantil (Erasmo abre o dossiê que pusera sobre a mesa), isso aqui eu apresentei à

Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/impressa-resistencia#alternativos>>.

Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Imagem do jornal alternativo Reporter Autônomo Independente, de dezembro de 1977. Apesar de ter sido produzido mais de uma década depois, a manchete principal alude à importância que a Doutrina de Segurança Nacional dava ao combate ao comunismo.

Figura 62 – Diário de Notícias.

Diário de Notícias - Porto Alegre - 13 de Agosto de 1965

Advogado comunista chefiava a "gang" que tentou destruir o C-47 da F.A.B.

O advogado Renato Ruaro, conhecido na Rua da Constituição de Porto Alegre, foi o chefe da "gang" que tentou destruir o C-47 da F.A.B. (Força Aérea Brasileira). Ruaro, que atua no escritório de advocacia de seu nome, foi acusado de liderar um grupo de indivíduos que se dedicaram a sabotagem e terrorismo. Segundo fontes próximas, Ruaro teria planejado a destruição do avião C-47 da F.A.B. em maio de 1965. O plano consistia em utilizar dinamite para destruir o avião enquanto ele estava em solo. Ruaro alega que não sabia nada sobre o plano e que foi enganado por um dos membros do grupo. Ele afirma que o grupo era formado por indivíduos que buscavam a libertação da América Latina.

SITUAÇÃO DAS AVIOES DO AER. SALGADO FILHO NO PARQUE DE 19 PARA 30 DE MAIO DE 1965

A FRUSTRADA TENTATIVA DE SABOTAGEM

Pouca informação sobre o lançamento do avião, porém de detalhes de sabotagem sobre o C-47, o aparelho está no ar e o piloto está seguro. O avião foi lançado em 19 de maio de 1965, após uma tentativa frustrada de sabotagem. O avião foi lançado em 19 de maio de 1965, após uma tentativa frustrada de sabotagem. O avião foi lançado em 19 de maio de 1965, após uma tentativa frustrada de sabotagem.

EM DIA COM O TURFE

Com o término de Três dias de corridas, o Turfe de Porto Alegre se encerrou. O evento foi realizado no Hipódromo de Porto Alegre e contou com a presença de milhares de torcedores. O vencedor da corrida principal foi o cavalo "Imperdivel".

PECAS DA DESTRUIÇÃO

As peças do avião destruído foram encontradas em um campo próximo ao aeroporto. As peças foram coletadas e enviadas para análise. As peças foram coletadas e enviadas para análise.

TRANSCO APRENDERE AS CARCINHAS AMBULANTES

Um motorista de ambulância foi preso por dirigir sem a devida licença. O motorista foi preso por dirigir sem a devida licença. O motorista foi preso por dirigir sem a devida licença.

CONDENADO A 10 ANOS DE RECLUSÃO PELO TRIBUNAL

Um indivíduo foi condenado a 10 anos de reclusão por crimes de terrorismo. O indivíduo foi condenado a 10 anos de reclusão por crimes de terrorismo. O indivíduo foi condenado a 10 anos de reclusão por crimes de terrorismo.

Desaparecido

Um indivíduo desaparecido há alguns dias foi encontrado em uma cidade vizinha. O indivíduo desaparecido há alguns dias foi encontrado em uma cidade vizinha. O indivíduo desaparecido há alguns dias foi encontrado em uma cidade vizinha.

Fuê gubar

Um indivíduo foi preso por dirigir sem a devida licença. O indivíduo foi preso por dirigir sem a devida licença. O indivíduo foi preso por dirigir sem a devida licença.

Desaparecido

Um indivíduo desaparecido há alguns dias foi encontrado em uma cidade vizinha. O indivíduo desaparecido há alguns dias foi encontrado em uma cidade vizinha. O indivíduo desaparecido há alguns dias foi encontrado em uma cidade vizinha.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital - <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093726_04&pasta=ano%20196&pesq=Ruaro>. Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Edição de 13 de agosto de 1965 do jornal Diário de Notícias, de Porto Alegre. Reportagem traz informações sobre as investigações acerca da tentativa de sabotagem do avião da FAB, ocorrida em maio do mesmo ano. A imagem posterior que aparece no vídeo é apenas um recorte ampliado desta mesma fonte, evidenciando a parte em que aparece a imagem de Ruaro como um dos envolvidos no caso. Estas imagens ilustram o relato de Ruaro sobre sua prisão em Porto Alegre.

Figura 63 – Processo AN (3).

Extraído do depoimento de Indiciado - JOÃO BUARO FILHO

..... às fls. 127 e 128 - ...^o que em seguida passamos a conversar, quando JAIME se apresentou e passaram a conversar os três, JAIME, IRAJÉ e o INDICIADO, quando JAIME disse qual o serviço que se faria à noite ...; que se deslocaram e dirigiram-se para as cercanias da Radial e a umas duas quadras antes, JAIME, que trazia no embrulho de jornal, envelope do braço, falou que o "serviço" seria a "DINAMITAÇÃO DA RADIAL"; que na ocasião desembrulhou três bananas de dinamite com um pavio de aproximadamente uma quinze centímetros, dizendo que o pavio deveria ser acêdo com um cigarro/ e a dinamite colocada debaixo dos transmissores; que entregou ao Indiciado a dinamite entregando-lhe também, um revólver preto, grande, para ser usado na ameaça contra o vigia ...; que encarregou o Indiciado de CHEFE DA OPERAÇÃO, ficando com RUBENRARIO, CASSIO MENDES, UBERAJARA CAVALLINI, BAIXINHO e um elemento que o Indiciado ouviu falar, digo, ser chamado de CHUANO; ...^o

..... às fls. 129 e 130 - ...^o que verificaram estar a Radial num terreno lamacento e delimitado por uma rede de alpin ou equivalente e que no interior das instalações, havia mais de uma pessoa ou mais de três...; // sendo por JAIME marcada uma reunião no fim da linha de Banda Auxiliadora (local de encontro) para quarta-feira, dia 17...; que iniciaram a reunião ...; que mostrou dinamite em bananas, estopim de cor preta e estopim branco, chamado detonante...; que na mesma reunião JAIME demonstrou a montagem de uma espécie de granada, utilizando uma garrafa com gasolina e pavio de estopim ...^o

Fonte: Arquivo Nacional.

Nota: Parte de processo instaurado pela ditadura para investigar o caso da tentativa de sabotagem ao avião da FAB em Porto Alegre, em maio de 1965. O documento retrata um trecho do extrato do depoimento de Ruaro para a investigação. A imagem ilustra a fala de Ruaro quando este relata momentos que viveu durante os interrogatórios para colher este depoimento.

Figura 64 – Processo AN (4).

(C Ó P I A)

Armas do Estado - CARIMBO: S E C R E T O

Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria de Segurança Pública
Serviço de Informações

Porto Alegre, RS, 01 fev 66

ASSUNTO : JOMIL DOMINGOS OLTRAMARI e JOSÉ LUCAS ALVES Fº.
ORIGEM : SSP/SI
REFERÊNCIA : Of nº SSNJ/16/66 e Of nº SSNJ/25/66
CLASSIFICAÇÃO : ===
DIFUSÃO : Seção de Segurança Nacional do M.J.N.I.

INFORMAÇÃO 046 - SSP /66

1. A Auditoria da 3ª Região Militar deverá prestar melhores esclarecimentos sobre JOMIL DOMINGOS OLTRAMARI, citado no Ofício nº SSNJ/16/66, datado de 5 de janeiro de 1966.
2. A 2ª Seção da 5ª Zona Aérea está em condições de prestar melhores esclarecimentos sobre JOSÉ LUCAS ALVES FILHO, em referência no Ofício nº SSNJ/25/66, datado de 11 de janeiro de 1966.

CARIMBO: ARMAS DO ESTADO, com os seguintes dizeres:

Serviço de Informações Segurança
Pública Rio Grande do Sul

CONFERE: Ruaro
DAT. Nº 66 7

CONFORME: O. Costa
Secretaria SSP/SI

Fonte: Arquivo Nacional.

Nota: Parte de processo instaurado pela ditadura para investigar o caso da tentativa de sabotagem ao avião da FAB em Porto Alegre, em maio de 1965. O documento retrata uma solicitação de maiores informações sobre Jomil Domingos Oltramari. A imagem ilustra a fala de Ruaro quando este se refere a Oltramari em seu relato. A imagem posterior que aparece no vídeo é apenas um recorte ampliado desta mesma fonte, evidenciando a parte que se refere diretamente a Oltramari.

Figura 65 - Correio da Manhã.

10 CADENERO

CORREIO DA MANHÃ - Rio de Janeiro, 47 de Jan. de 1970

NOIVO DE ANGELA DEVE SER ELEMENTO DESTACADO DO TERROR

As autoridades militares não convencidas da importância, no esquema subversivo em curso no País, do noivo ou namorado de Angela Camargo Seixas, que foi ferida por ocasião da ação policial militante...

Ontem, o 1º Regimento Militar liberou uma carta apreendida naquela "aparelho", dirigida a Angela, que ainda se encontra hospitalizada. Sem acentuação do algarismo, a carta tem o seguinte texto: "Meu amor, agora estou podendo escrever com mais calma. É engraçado! Embora eu estivesse com uma vontade enorme de vê-la, de falar com você, de saber, no menos, como você estava etc., eu não me sentia com tranquilidade de bastante para conversar com você, de escrever para você. E que eu estava sem dignidade psicológica muito grande. A mudança repentina na minha vida, na minha atividade, foi muito grande. Os acontecimentos não desorientaram sem que eu tivesse condições de influir em nada. Eu que sempre fui muito ativo, desde o começo, fui tratado como André. Só faltava que eu trocasse a minha roupa e me dar de comer. Foi colocado em vários locais e não se podia falar o necessário para fora."

CONSTRANGIMENTO

Prossigam: "Os acontecimentos se desenrolaram na rua e eu tinha que ficar de muito. Isso me constrangia bastante. Agora sei como o Carlos (lembra-se dele) se sentia. Depois era o problema da falta quase total de informações. Eu tinha necessidade de saber o que acontecia, de discutir com alguém, de dar opiniões, enfim, contribuir de alguma forma para a superação da crise. Em relação a você e ao André, o meu primeiro sentimento foi de preocupação de que tivesse acontecido alguma coisa com você. Eu não sabia se você tinha sido avisada a tempo. Eles devem estar te procurando para chegar até mim e eu não queria nem pensar no que poderia acontecer a você. Esta foi, portanto, os primeiros instantes de preocupação fundamental."

PS. O nosso padrinho ou já chegou ou está a caminho. Que bom, né? PPS. Saiba notícia da minha família e da sua? PPS. RASGUEU."

FORÇAS ARMADAS EM NOVA AÇÃO CONJUNTA ELIMINAM FOCO DE SUBVERSÃO

Exército, Marinha, Aeronáutica, DOPS e Forças Armadas, em operação conjunta, nos últimos dias, depararam-se com a organização subversiva Vanguarda Armada Palmarensis - VAPALmares, produzindo 24 de seus membros e apreendendo material subversivo, armas e munições. Até o momento, em São Paulo, foram presos 202 terroristas, pertencentes a várias organizações. O processo de repressão se intensificou com a Operação Bandeirante que, em setembro do ano passado, desmantelou a Aliança Libertadora Nacional e prendeu 20 de seus membros, reconhecidos por 11 atos de terrorismo na Capital paulista. A Operação Bandeirante iniciou sua ação conjunta a Vanguarda Armada Palmarensis, sob o comando de João Batista de Souza, do setor de operações do movimento.

A Operação Bandeirante, que coordena os trabalhos de repressão aos terroristas, enviou ao II Exército o plano relatório, onde explica pormenorizadamente a desarticulação das organizações subversivas em São Paulo. Segundo o relatório, a lista fornecida pelo II Exército, o total de presos economizaram para fins de processo de 202. São eles: Paulo Ruffalo Moura - Zeminiano ou Alemão -, de cargo de guerrilha em Cuba. No Brasil era instrutor de explosivos e fabricante de bombas para ALN; nasceu no Sulgo. João Antônio Castro Costa - Pinto - e fundador do PCB. Com 31 anos ocorrida em abril de 1967, após preso a São Marçal. Owaldo Lourenço, vulgo Perez, preso em Santos. Alvaro Faria Filho, vulgo Pato, foi preso em Santos. Alvaro Faria Filho, vulgo Pato, foi preso na Guanabara para onde fugiu após as primeiras notícias de desfecho da guerra em Cuba. Era responsável pela fábrica clandestina de armamento da Rua Pedro Mendes, a qual foi destruída. Francisco Bispo de Carvalho Filho - trabalhava na fábrica de armamento com Olívio Angelo. Dorgival de Souza Damasceno - em seu "aparelho", na Rua Correia de Farias, 28, Jardim Vila Teresina. Arthur Alvim, foi encontrado grande quantidade de armamento, munições, trabalhadores, fuzis, granadas e explosivos. Orestes Allice Garcia; Laurio Montenegro Nogueira - era o despachante da ALN; Geraldo Santana - ex-subchefe da FAB - cassado em 1964. Fabricou vários bombas para a ALN; Cláudio de Castro, Alirton Medeiros Cavalcanti, vulgo Bonão, foi muito ligado a Marco Antônio Brás de Carvalho, vulgo Marquês; Diva Maria Faria Burnier - guardou 180 relógios roubados de Mário Rodrigues Américo Lourenço Masc Lacerda e



Cine Penha não sem causar vítimas

CHUVA FAZ CINEMA DESABAR E INTERDITA MAIS UM BARRACO NA CATACUMBA

O desmoronamento do Cine Penha, na Rua Vaz de Camargo, que há muito estava condenado sem causar vítimas, foi o maior incidente provocado pela chuva de noite de segunda-feira. O barraco de 1.428 metros quadrados pertencente ao Departamento de Engenharia de Estruturas do Instituto Benjamin Constant, A firma deverá pagar o prejuízo.

Disse que Sebastião era amigo de Antônio e Inês vendida o sócio por 200 cruzeiros novos. Depois começou com provocações e acabaram brigando. Agora, já começaram a desfechar a casa e vamos ficar na rua.

Alguns pessoas que moram nas imediações disseram que se o desmoronamento houvesse ocorrido durante o dia certamente teria sido fatal, pois a catraca do cinema serve de estacionamento e as crianças freqüentemente costumam brincar ali.

BARRACO

O dono do barraco interdição pelo SUBSAN, Sebastião Rodrigues, retirou seus móveis ontem e mudou-se para Itaipava. A parede de sua casa estava abalada pela pressão da terra que está se deslocando. Antônio Valentim de Oliveira, que mora no sótão do barraco, disse que não pode se mudar, pois não tem para onde ir. Sua esposa, Antônia, diz que o barraco não está em perigo e que tudo foi "cristina de Sebastião".

Como é lá se mudar, ardejo ao Serviço Social que o barraco estava ameaçado, somente para nos prejudicar.

AVIOES

O Aeroporto Santos Dumont não chegou a ser invadido por causa da chuva e da má visibilidade. O serviço de atendimento da Diretoria de Aeronáutica Civil permanecerá alerta, mas tudo transcorrerá normal. A situação no Galeão foi idêntica.

O Corpo de Salvamentos Marítimos manteve seu serviço de emergência em plantão noturno, que apenas funcionou e foi interrompido, sendo tranquilo o movimento.

Segundo técnicos do Salvamento, a chuva apenas prejudicou a visibilidade e não é perigosa quanto acompanhada de ventos.

Uma equipe do Quartel Central permaneceu toda a noite de prontidão, mas não houve chamado referente a deslizamentos ou desabamentos. Ao menor sinal de chuva forte, o Corpo de Bombeiros entrará em regime de prontidão e um serviço especial de socorro será enviado. A Coordenação Especial de Defesa Civil - CEDOC - está em regime de plantão permanente.

PEDRA

A casa alugada na Urea é residência do sr. José Lodiado Alves da Silva e, na ocasião do desabamento da pedra, apenas sua filha, Vera Regina, de 18 anos, estava em casa. O albedão ficou com um enorme buraco e a pedra destruiu a pia, o chuveiro e a parede do box.

TREZE MORTOS EM MOCOCA

BELO HORIZONTE (Guerua) - Fortes aguaceiros caem no região imbuída de Minas com São Paulo, ajudando em Mocooca, cidade paulista, para a divisa, uma tromba d'água matou várias pessoas. Há cidades sob a tromba d'água matou várias pessoas. Há cidade sob a tromba d'água matou várias pessoas. Há cidade sob a tromba d'água matou várias pessoas.

CHUVAS TORRENCIAIS

Em numerosas regiões de Minas Gerais continuam a cair fortes chuvas, causando interrupção do tráfego rodoviário. Por outro lado, houve notícias de muitos deslizamentos de terra, de modo a não permitir uma estatística imediata dos prejuízos materiais e do desmoronamento de pessoas. O governo mineiro coordenou medidas de socorro às populações atingidas, pois a todo momento se tem conhecimento de danos e transtornos causados, em várias zonas, por chuvas aguaceiras.

Além das cidades mencionadas, a Secretaria de Segurança tem recebido telegramas de outras partes que falam de chuva e morte. Assim, em Albergaria, uma tromba d'água destruiu o telhado de uma casa em Catralina e Condielito. Próximos a repórter. Uma chuva que ainda não mudou e a fumaça que centenas de pessoas estão passando à beira de algumas estradas. As autoridades estaduais, porém, continuam providenciando aos corpos de água espúria, até que o tráfego seja plenamente restabelecido.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital - <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_08&pasta=ano%20197&pesq=Ruaro>. Acesso em 15 de outubro de 2017. Nota: Edição de 23 [?] de janeiro de 1970 do jornal Correio da Manhã, do Rio de Janeiro. A fonte traz reportagem noticiando a prisão do grupo de militantes da VAR-Palmares de São Paulo, dentre eles Ruaro e Dilma Rousseff. A imagem ilustra o relato de Ruaro, quando ele começa a contar como foi sua prisão em São Paulo, em janeiro de 1970.

Figura 66 – Aparelho VAR-Palmares – Osasco/SP.



Fonte: Google Maps – Street Viewer. Rua Professor Oliveira Santiago, Bairro Jardim D’Abril, Osasco/SP. Link: <https://www.google.com.br/maps/@-23.5757427,-46.7791105,3a,75y,195.7h,82.34t/data=!3m6!1e1!3m4!1snuIwCuoLP8frist3_5TtQ!2e0!7i13312!8i6656?dcr=0>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota 1: Não foi possível localizar o imóvel de número 85 que consta nas fontes como sendo o aparelho da Var-Palmares. A imagem foi obtida pela ferramenta Google Maps, com atualização no ano de 2010.

Nota 2: A imagem das imediações do antigo aparelho da VAR-Palmares onde Ruaro residia em Osasco/SP ilustra seu relato sobre o momento de sua prisão, em janeiro de 1970.

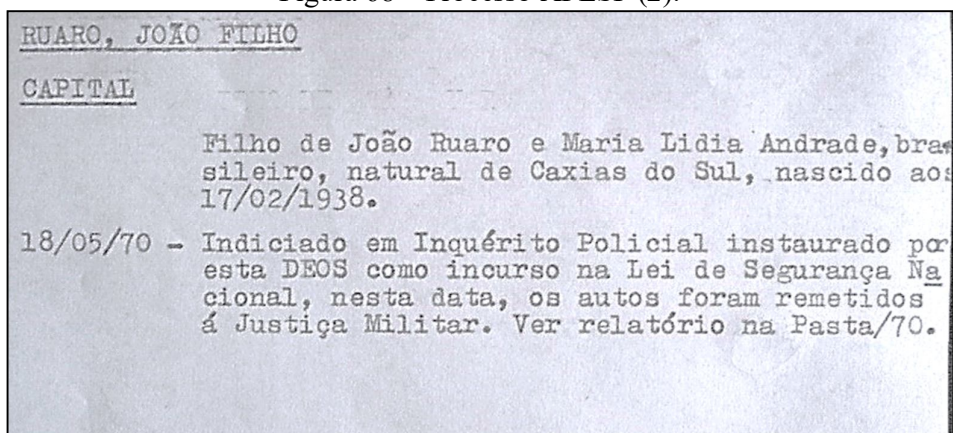
Figura 67 – Processo APESP (1).



Fonte: APESP.

Nota: Recorte de jornal não identificado. Parte integrante do processo instaurado pela ditadura contra Ruaro após sua prisão em Osasco/SP. Imagem ilustra a fala de Ruaro sobre as circunstâncias de sua prisão.

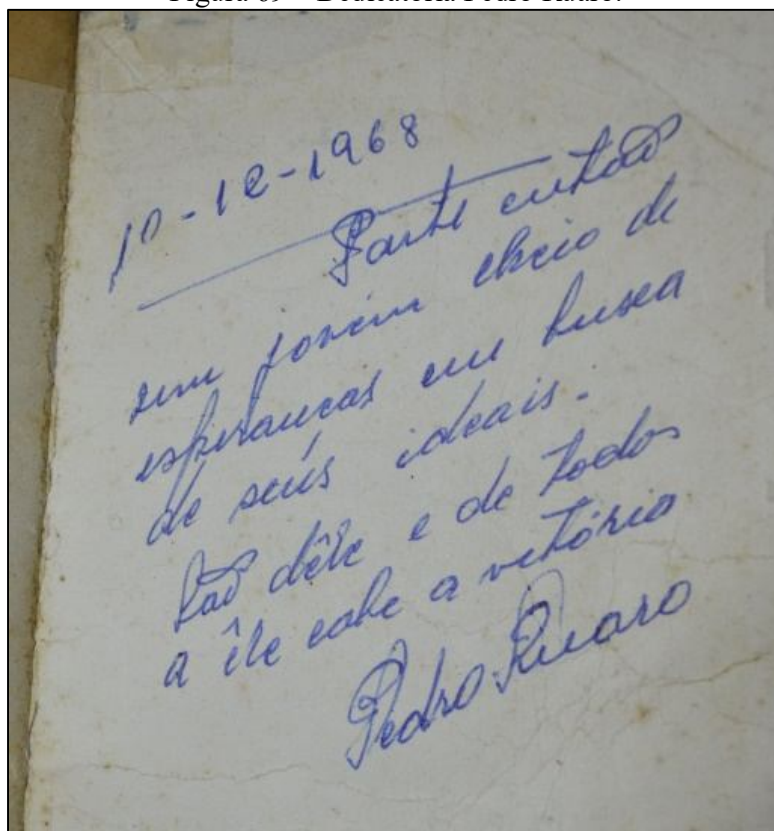
Figura 68 – Processo APESP (2).



Fonte: APESP.

Nota: Ficha de identificação, parte do processo instaurado pela ditadura contra Ruaro após sua prisão em Osasco/SP. Imagem ilustra a fala de Ruaro sobre as circunstâncias de sua prisão.

Figura 69 – Dedicatória Pedro Ruaro.



Fonte: Acervo particular. Cedido por Pedro Ruaro.

Nota: Fotografia de uma dedicatória feita por Pedro Ruaro (irmão) em 10 de dezembro de 1968 para Ruaro. A dedicatória diz: “Parte então um jovem cheio de esperanças em busca de seus ideais. São dele e de todos. A ele cabe a vitória. Pedro Ruaro”. Embora a data remeta a um ano antes da partida de Ruaro para SP, Pedro afirmou em conversa particular que a dedicatória foi feita quando Ruaro partiu para Osasco. Esta imagem ilustra a fala de Ruaro sobre a forma como se deu a decisão por sua realocação na região sudeste.

Figura 70 – Ruaro (4).



Fonte: Jornal Pioneiro.

Crédito: Porthus Júnior. Agência RBS. *Link*:

<<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2016/04/morre-em-caxias-do-sul-o-ex-vereador-joao-ruaro-filho-5777946.html>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Fotografia de Ruaro obtida em janeiro de 2011, durante entrevista concedida ao jornal Pioneiro em sua casa. O objetivo de ilustrar a fala de Ruaro com uma foto sua é de retomar o foco do espectador para o papel do indivíduo, o sujeito histórico.

3.1.6 Episódio 6: A Tortura

Link para acesso ao episódio 6: <<https://youtu.be/f8Lm6VaIRyM>>.

O sexto episódio, *A Tortura*, com cinco minutos e cinquenta e sete segundos de duração, trata dos depoimentos de Ruaro e de Carneiro acerca das torturas vividas por Ruaro, físicas e psicológicas, bem como dos traumas delas provenientes. As imagens que sobrepõem as falas de Ruaro ilustram o depoimento, representando alguns militares, documentos produzidos pelos órgãos de repressão, material de divulgação de campanhas contrárias à ditadura e que denunciavam as torturas, além de ilustrações de práticas de torturas. A música da trilha sonora, “*Ojos Negros*”, de Lázaro Nascimento, foi escolhida por sua melodia. Evocando tristeza e melancolia, a música pareceu estar em consonância com uma temática tão sensível como a tortura.

Sugere-se, como atividade didática, estudos mais aprofundados por parte dos acadêmicos a respeito das torturas nos regimes ditatoriais brasileiros, bem como comparações com práticas de torturas atuais. Além disso, as torturas psicológicas também merecem especial atenção. Ruaro ressalta em seu depoimento que, pior do que as torturas físicas, que

machucavam e podiam até levar à morte, eram ainda as torturas psicológicas, cujas marcas nem sempre o tempo curava.

A fala de Ruaro a respeito de suas torturas, quando refere que teria sido menos castigado do que os demais companheiros, cabe ser problematizada junto aos acadêmicos com estudos sobre os efeitos psicológicos dos processos de tortura. Os motivos que levam um torturado a minimizar seu sofrimento podem ser abordados, do ponto de vista da Psicologia, enquanto uma forma inconsciente de o indivíduo criar mecanismos de defesa frente a uma situação traumática. Entretanto, este campo da Psicologia não foi objeto na presente pesquisa. Além disso, é válido lembrar que, de acordo com as entrevistas de Ruaro, ele não teria sofrido torturas físicas quando esteve preso em Porto Alegre. Ele relata que só foi submetido a sevícias físicas quando foi preso pela OBAN em São Paulo.

Seguem abaixo as imagens que foram utilizadas na montagem do episódio *A tortura*.

Figura 71 – General Amaury Kruel.



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/card/golpe-de-1964/3>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Fotografia do general Amaury Kruel, comandante do 2º Exército. Imagem ilustra a fala de Ruaro quando ele relata um diálogo com militares da Aeronáutica durante sua prisão em Porto Alegre.

Figura 72 – Presidente general Castelo Branco.



Fonte: Memorial da Democracia - <http://m.memorialdademocracia.com.br/card/golpe-de-1964/3>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Fotografia de Castelo Branco. Ilustra a fala de Ruaro quando ele relata sua prisão em Porto Alegre.

Figura 73 – Processo APESP (3).

2

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

N.º _____

ANOTAÇÃO PARA O PRONTUÁRIO

O prêso João Ruaro Filho, foi nesta data recolhido à disposição da Delegacia de Ordem Social

Motivo da prisão: Averiguação: Terrorismo

São Paulo, 27 de junho de 1970

[Assinatura]
DELEGADO

NOTA — Um talão para cada prêso.

Fonte: APESP.

Nota: Ficha de anotação para prontuário policial, parte do processo instaurado pela ditadura contra Ruaro após sua prisão em Osasco/SP. Imagem ilustra a fala de Ruaro sobre sua prisão.

Figura 74 – Processo APESP (4).

<u>RUARO, JOAO FILHO</u>	
<u>CAPITAL</u>	
Filho de João Ruaro e Maria Lídia Andrade, brasileiro, natural de Caxias do Sul, nascido aos 17/02/1938.	
18/05/70 -	Indiciado em Inquérito Policial instaurado por esta DEOS como incurso na Lei de Segurança Nacional, nesta data, os autos foram remetidos à Justiça Militar. Ver relatório na Pasta/70.

Fonte: APESP.

Nota: Ficha de identificação, parte do processo instaurado pela ditadura contra Ruaro após sua prisão em Osasco/SP. A mesma imagem foi utilizada no episódio *A Prisão*. Imagem ilustra a fala de Ruaro sobre as circunstâncias de sua prisão.

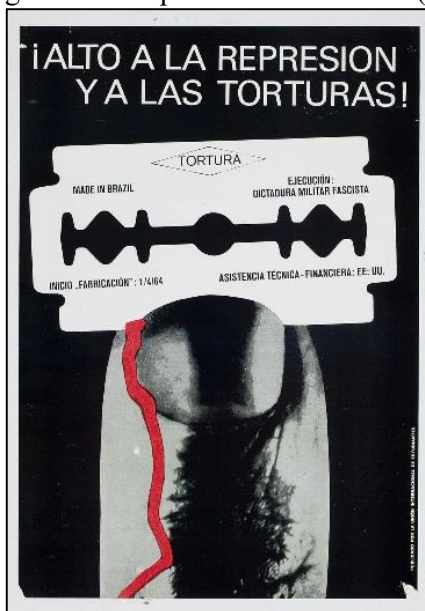
Figura 75 – Processo APESP (5).

D. F. S. P. INSTITUTO NACIONAL DE IDENTIFICAÇÃO		SÉRIE					ANO DO NASCIMENTO						
		1938					1938						
SIGLA 1-2 ESTADUAL		REG. ESTADUAL 3-9		DELEGACIA 10-13		N.º AUTOS 14-17		3701-70		I. N. T. N.º 18-25			
NOME		JOAO RUARO FILHO					"Bergon", "Silva", "Rolin", "Luis"						
PAI		JOAO RUARO FILHO					MÃE MARIA LIDIA ANDRADE						
DATA DO NASCIMENTO 26-28		17-2-1938		NACIONALIDADE 29		bras. Caxias do Sul		SEXO 31		br. masc.			
RESIDENCIA		R. Prof. Oliveira Santiago, 85					LOCAL DE TRABALHO Desempregado						
INCIDENCIA PENAL 35-37		LEI DE SEGURANÇA NACIONAL											
38 - ESTADO CIVIL		<input type="checkbox"/> 1. CASADO <input checked="" type="checkbox"/> 2. SOLTEIRO <input type="checkbox"/> 3. SEPARADO <input type="checkbox"/> 4. DESQUITADO <input type="checkbox"/> 5. VIÚVO <input type="checkbox"/> 7. DIVORCIADO		<input type="checkbox"/> 4. PRISÃO ADMINISTRATIVA <input type="checkbox"/> 5. MANDADO DE PRISÃO		51 - MEIOS EMPREGADOS		54-55 LOCAL DA OCORRÊNCIA					
39 - GRAU DE INSTRUÇÃO		<input type="checkbox"/> 1. ANalfabeto <input checked="" type="checkbox"/> 2. PRIMÁRIO COMPLETO <input type="checkbox"/> 3. PRIMÁRIO INCOMPLETO <input type="checkbox"/> 4. SECUNDÁRIO <input type="checkbox"/> 5. PROFISSIONAL <input type="checkbox"/> 6. SUPERIOR <input type="checkbox"/> 7.		41 - NATUREZA DA INFRAÇÃO		<input type="checkbox"/> 1. ARMA DE FOGO <input type="checkbox"/> 2. ARMA CORTANTE OU PERFORANTE <input type="checkbox"/> 3. ARMA CONTUNDENTE <input type="checkbox"/> 4. FOGO <input type="checkbox"/> 5. VENENO <input type="checkbox"/> 6. SEM INSTRUMENTO <input type="checkbox"/> 7. VEICULO <input type="checkbox"/> 8. INDETERMINADOS <input checked="" type="checkbox"/> 9. OUTROS		<input type="checkbox"/> 01. HABITACÃO COLETIVA <input type="checkbox"/> 02. CASA DE TOLERANCIA <input type="checkbox"/> 03. CAFE, BAR ETC. <input type="checkbox"/> 04. EDIFÍCIO PÚBLICO <input type="checkbox"/> 05. CASA COMERCIAL <input type="checkbox"/> 06. INDÚSTRIA <input type="checkbox"/> 07. HOTEL, PENSÃO <input type="checkbox"/> 08. HOSPITAL <input type="checkbox"/> 09. PRÉDIO EM OBRAS <input type="checkbox"/> 10. PENITENCIÁRIA, REFORMATÓRIO		<input type="checkbox"/> 01. HABITACÃO COLETIVA <input type="checkbox"/> 02. CASA DE TOLERANCIA <input type="checkbox"/> 03. CAFE, BAR ETC. <input type="checkbox"/> 04. EDIFÍCIO PÚBLICO <input type="checkbox"/> 05. CASA COMERCIAL <input type="checkbox"/> 06. INDÚSTRIA <input type="checkbox"/> 07. HOTEL, PENSÃO <input type="checkbox"/> 08. HOSPITAL <input type="checkbox"/> 09. PRÉDIO EM OBRAS <input type="checkbox"/> 10. PENITENCIÁRIA, REFORMATÓRIO			
40 - NATUREZA DA AÇÃO POLICIAL		<input checked="" type="checkbox"/> 1. PORTABIA <input type="checkbox"/> 2. FLAGRANTE <input type="checkbox"/> 3. AVERIGUAÇÃO		42-46 DATA DO FATOS		52-53 CAUSAS PRESUMÍVEIS		<input type="checkbox"/> 01. ALIENAÇÃO <input type="checkbox"/> 02. ALCOOLISMO <input type="checkbox"/> 03. AMBÍÇÃO <input type="checkbox"/> 04. CIUME <input type="checkbox"/> 05. DEVAISSIDÃO <input type="checkbox"/> 06. IMPERÍCIA, IMPRUDÊNCIA OU NEGLIGÊNCIA <input type="checkbox"/> 07. ÓDIO OU VINGANÇA <input type="checkbox"/> 08. ENTORPECENTES <input type="checkbox"/> 09. INDETERMINADAS <input checked="" type="checkbox"/> 10. OUTRAS				<input type="checkbox"/> 11. PROPRIEDADE AGRÍCOLA <input type="checkbox"/> 12. PROSTIBULO <input checked="" type="checkbox"/> 13. RESIDENCIA PART. <input type="checkbox"/> 14. TRANSPORTE COLETIVO <input type="checkbox"/> 15. VIA FERREA <input type="checkbox"/> 16. MAR, RIO, LAGOA <input type="checkbox"/> 17. VIA PÚBLICA <input type="checkbox"/> 18. IGNORADO <input type="checkbox"/> 19. OUTROS	
47 - DIA DA SEMANA		<input checked="" type="checkbox"/> 1. DOMINGO <input type="checkbox"/> 2. SEGUNDA-FEIRA <input type="checkbox"/> 3. TERÇA-FEIRA <input type="checkbox"/> 4. QUARTA-FEIRA <input type="checkbox"/> 5. QUINTA-FEIRA <input type="checkbox"/> 6. SEXTA-FEIRA <input type="checkbox"/> 7. SÁBADO <input type="checkbox"/> 8. FERIADO		48-49 HORA		50 - NÚMERO DE FILHOS							

Fonte: APESP.

Nota: Ficha de identificação, parte do processo instaurado pela ditadura contra Ruaro após sua prisão em Osasco/SP. Imagem ilustra a fala de Ruaro sobre as torturas sofridas durante os interrogatórios.

Figura 76 – Imprensa de resistência (8).



Fonte: Memorial da Democracia - <http://m.memorialdademocracia.com.br/card/terror/4>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Propaganda contra a repressão e as torturas no Brasil publicada pela *Unión Internacional de Estudiantes*. Ilustra os relatos de Ruaro acerca das sessões de tortura.

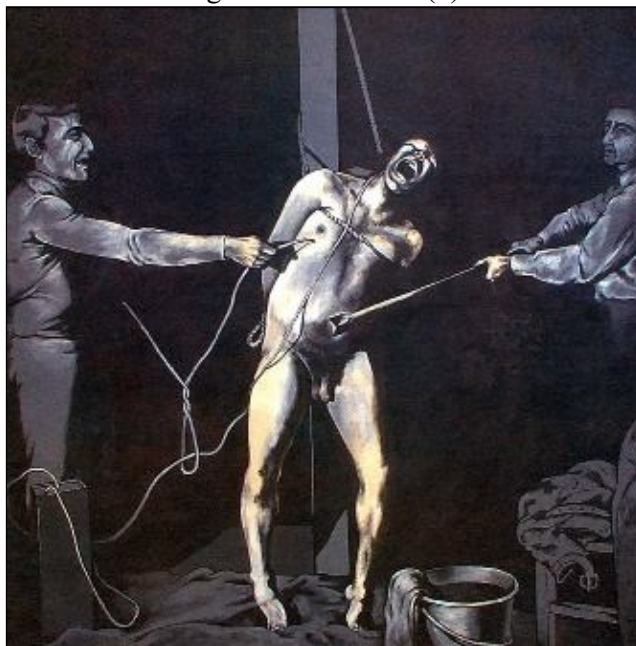
Figura 77 – Tortura (1).



Fonte: Memorial da Democracia - <http://m.memorialdademocracia.com.br/card/terror/4>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Tela de Júlio Parc, a partir dos relatos de frei Beto. Ilustração de método de tortura aplicado pela ditadura. Ilustra os relatos de Ruaro acerca das sessões de tortura.

Figura 78 – Tortura (2).



Fonte: Memorial da Democracia - <http://m.memorialdademocracia.com.br/card/terror/4>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Tela de Júlio Parc, a partir dos relatos de frei Beto. Ilustração de método de tortura aplicado pela ditadura. A imagem ilustra os relatos de Ruaro acerca das sessões de tortura.

Figura 79 – Tortura (3).



Fonte: Memorial da Democracia - <http://m.memorialdademocracia.com.br/card/terror/4>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Tela de Júlio Parc, a partir dos relatos de frei Beto. Ilustração de método de tortura aplicado pela ditadura. A imagem ilustra os relatos de Ruaro acerca das sessões de tortura.

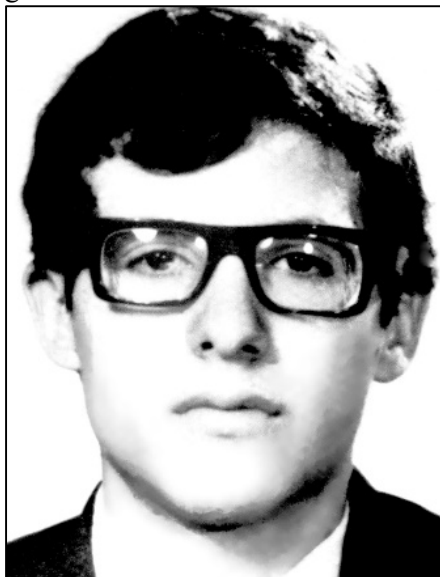
Figura 80 – Tortura (4).



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/card/terror/4>> Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Tela de Júlio Parc, a partir dos relatos de frei Beto. Ilustração de método de tortura aplicado pela ditadura. A imagem ilustra os relatos de Ruaro acerca das sessões de tortura.

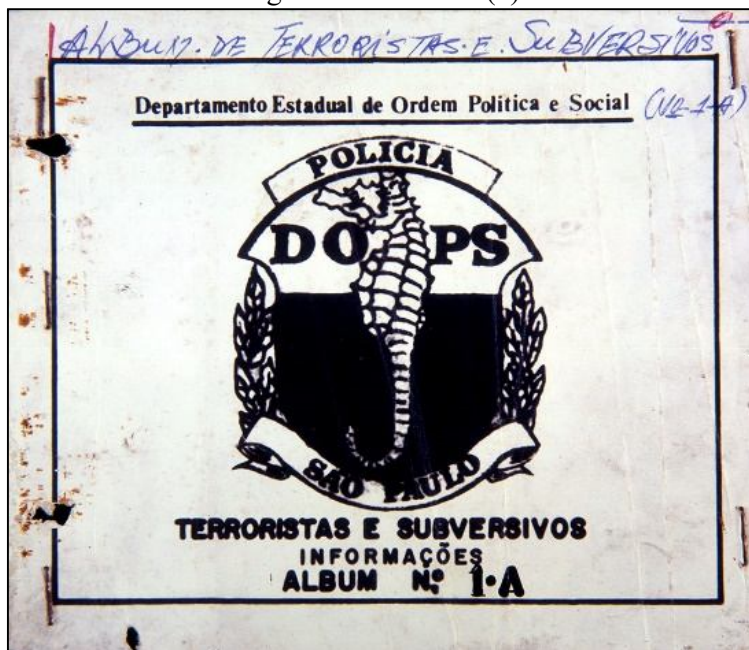
Figura 81 – Alexandre Vannucchi Leme.



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/card/por-vannucchi-missa-e-protesto-na-catedral#card-134>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Alexandre Vannucchi Leme, estudante morto no DOI-Codi de São Paulo em 1973. A imagem ilustra os relatos de Ruaro acerca das sessões de tortura e assassinatos nas dependências dos órgãos de repressão.

Figura 82 – Tortura (5).



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://memorialdademocracia.com.br/card/terror>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Capa do álbum “Terroristas e Subversivos”, compilado pelo Dops de São Paulo. A imagem ilustra os relatos de Ruaro acerca das sessões de tortura e assassinatos nas dependências dos órgãos de repressão.

Figura 83 – Imprensa de resistência (9).



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/imprensa-resistencia#alternativos>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Imagem do jornal alternativo Reporter Autônomo Independente, de dezembro de 1977. A manchete principal alude à importância que a Doutrina de Segurança Nacional dava ao combate ao comunismo e ilustra os relatos de Ruaro sobre a aplicação de torturas.

Figura 84 – Imprensa de resistência (10).

As ameaças verdadeiras à segurança são a miséria do povo, a falta de saúde, a ignorância, o conformismo, a falta de liberdade. O poder autoritário, alienado do povo, se torna portanto paranoide, discriminatório, violento. Passa a servir à injustiça, não ao povo. Um regime próximo do povo não precisa oprimi-lo nem reprimi-lo. Um regime próximo do povo não teme o povo. Um regime próximo do povo não precisa temer a subversão. O povo não vai subverter uma situação que o favorece. Não me parece existir por acaso o recrudescimento da violência em nosso país, em todos os níveis sociais. A delinquência campeia. A droga. A busca egoísta dos paraísos artificiais. Um dos motivos de tudo isso bem pode ser o fato de que, ao povo, lhe foram roubadas as ruas, as praças públicas, onde os grandes problemas deveriam ser debatidos.

Helio Penzance

Muitos anos de medo

Repórter – O que você acha da atual situação política brasileira? Você crê que vá haver mesmo uma diminuição da repressão?

Hélio – Usando o conceito de relatividade, que anda na moda, devo confessar-me relativa e modestamente otimista. O fechamento autoritário chegou a um ponto que a nação brasileira sentiu-lhe os perigos. O próprio Governo sentiu-lhe os perigos. É preciso abrir ou a nação suloca a o modelo neocapitalista vigente corre riscos graves. O mérito do do governo Geisel consiste em ter conseguido manter, apesar do isolamento a que se condenou, um mínimo de sensibilidade para perceber que uma nação não é uma casta, ou uma corporação, ou uma classe, mas todo o povo. É preciso dar um mínimo de lugar à voz do povo, aos interesses das massas. A partir desse mínimo, na medida que a massa compareça ao cenário político, então será possível ampliar, reformular, progredir para a democracia. Ninguém pode governar o Brasil do alto de exclusivas vantagens privilegiadas, que isolam e minorizam o povo. O povo brasileiro constrói, com o seu trabalho, o crescimento nacional. Este povo, se consegue fazer isto com suas mãos, não é infante, nem menor de idade. Não é beletismo que testemunha a fundamental maturidade de um povo. É o trabalho. É o Brasil tem crescido e se modernizado, o que significa que o povo tem o direito de influir decisivamente na construção dessa obra que é sua.

Repórter – Uma das críticas que se faz hoje à Psiquiatria é de que ela é mais um instrumento de repressão social atuando sobre os desvios do comportamento do que uma maneira efetiva de ajudar o doente. O que você acha disso?

Hélio – Todo saber produzido num sistema social e político tem seu recorte ditado pela estrutura desse sistema. A psiquiatria, obviamente, não escapa a esta regra. O psiquiatra recebe do sistema a tarefa gravíssima de determinar o que seja a normalidade psíquica, quais são os parâmetros que a configuram, o que é aceitável ou não do ponto de vista conceito de saúde ou doença mental. Normalidade psíquica, nessa linha de pensamento, é toda conduta que se coaduna com os interesses dominantes de um determinado sistema. Num sistema autoritário, por exemplo, a docilidade, a subserviência, a obediência cega, a falta de senso crítico são considerados traços normais, ao passo que a rebeldia, a independência, a originalidade, o destemor, a coragem de desafiar a autoridade podem vir a ser avaliados como sintomas de perturbação emocional ou mental. Isto ocorre em diferentes planos: no plano familiar, educacional, profissional, existencial e político. Veja-se por exemplo, o que se passa na União Soviética: lá pratica-se o internamento de dissidentes políticos em estabelecimentos psiquiátricos. O Estado, em nome de seus interesses políticos, decreta o que seja a normalidade psíquica e os psiquiatras, a serviço do Estado, adotam esse critério. Entre nós, os dissidentes – ou subversivos – não sofrem este tipo de internamento. Costumam ser internados noutro tipo de estabelecimento.

É preciso que o psiquiatra, pela função social que lhe é atribuída possa fazer uma crítica severa e permanente de suas próprias premissas ideológicas e da ideologia dominante, para que o seu trabalho venha a servir realmente, à saúde e a criatividade de quem o procura.

Repórter – Até que ponto o campo de atuação de um psiquiatra-psicanalista no Brasil está livre da repressão?

Hélio – A psicanálise clínica, em nosso país, não está sujeita a qualquer restrição. Pode-se analisar, em consultório, neuroses, psicoses, perversões, distúrbios de caráter, inibições, sintomas e angústias, tudo na santa paz de Deus. Mas se se resolve desenvolver todas as consequências revolucionárias contidas no pensamento psicanalítico, aí é provável que as coisas mudem.

A ciência psicanalítica constitui o mais poderoso instrumento de desmistificação que o homem contemporâneo possui.

Através dela, é possível compreender até que ponto o exercício autoritário do poder é capaz de lesar os direitos que o ser humano tem ao prazer, à felicidade e à liberdade. A psicanálise do fascismo (vide Reich) leva a uma implacável desocultação da verdade. Não sei se um movimento da psicanálise neste sentido seria tolerado nas condições vigentes de temperatura e (re)pressão.

Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/imprensa-resistencia#alternativos>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Imagem do jornal alternativo Reporter Autônomo Independente, de dezembro de 1977. A reportagem à direita traz uma reportagem sobre psiquiatria no contexto da ditadura e da repressão. O título em destaque e o conteúdo de toda a página ilustram as falas de Ruaro sobre o medo e a tortura psicológica sofrida pelos presos-políticos. O acesso ao jornal Reporter, através do [link](#) acima, pode proporcionar novas problematizações e objetos de pesquisa aos professores e acadêmicos.

Figura 85 – Imprensa de resistência (11).



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/imprensa-resistencia#alternativos>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Imagem do jornal alternativo Reporter Autônomo Independente, de dezembro de 1977. A charge faz uma crítica aos abusos da polícia e da Justiça Militar e às prisões indevidas durante a ditadura. A imagem ilustra a fala de Ruaro sobre os interrogatórios a que fora submetido.

Figura 86 – Imprensa de resistência (12).



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/card/chega-o-pasquim-para-fazer-rir-e-pensar>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Charge de Ziraldo no jornal O Pasquim, de 14 de janeiro de 1971. A charge faz uma crítica aos abusos da polícia e da Justiça Militar durante a ditadura. A imagem ilustra a fala de Ruaro sobre os interrogatórios a que fora submetido.

Figura 87 – Imprensa de resistência (13).



Fonte: Memorial da Democracia -

<<http://m.memorialdademocracia.com.br/imprensa-resistencia#alternativos>>.

Acesso em 14 de outubro de 2017.

Nota: Imagem do jornal alternativo Reporter Autônomo Independente, de dezembro de 1977. A mesma imagem foi utilizada também no episódio *A Prisão*. O desenho de militar prestes a torturar uma pessoa faz uma crítica aos abusos da polícia e da Justiça Militar durante a ditadura. A imagem ilustra a fala de Ruaro sobre os interrogatórios a que fora submetido.

Figura 88 – Repressão (2).



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://memorialdademocracia.com.br/card/trabalhadores-cidade-e-campo>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Policiais invadem o Sindicato dos Portuários em Santos, em abril de 1964. A imagem ilustra a fala de Ruaro sobre os interrogatórios e as torturas a que fora submetido.

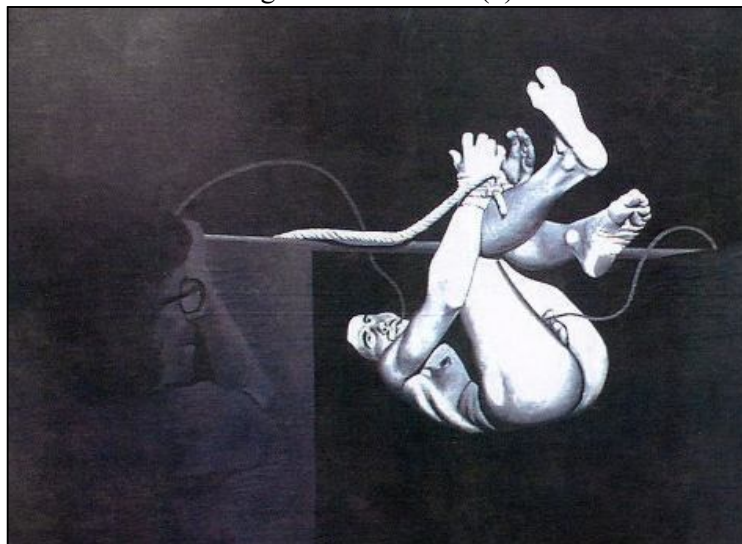
Figura 89 – Ruaro (5).



Fonte: APJRF.

Nota: Fotografia de Ruaro na década de 1960. O objetivo de ilustrar a fala de Ruaro com uma foto sua é de retomar o foco do espectador para o papel do indivíduo, o sujeito histórico.

Figura 90 – Tortura (6).



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/card/terror/4>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Tela de Júlio Parc, a partir dos relatos de frei Beto. Ilustração de método de tortura aplicado pela ditadura (choques elétricos no pau-de-arara). A imagem ilustra os relatos de Ruaro acerca das sessões de tortura.

3.1.7 Episódio 7: Uma família comunista

Link para acesso ao episódio 7: <<https://youtu.be/p1cZ6Vts4VA>>.

O sétimo vídeo, *Uma família comunista*, com dois minutos e quarenta e sete segundos, retrata aspectos do envolvimento dos irmãos de Ruaro na militância política de esquerda. Durante todo o episódio ouve-se o depoimento de Ruaro a respeito da militância de seus irmãos, bem como sobre o posicionamento de seu pai sobre o assunto. Ilustrando as falas, visualizam-se fotografias de fontes diversas, como processos judiciais, documentos oficiais, fotos do APJRF e recorte de jornal. A música da trilha sonora é “A Banda”, de Chico Buarque de Hollanda. Sua composição se deu em 1966, fazendo referências irônicas à ditadura civil-militar. A problematização e análise da letra desta canção é sugerida como uma das intervenções pedagógicas a partir deste episódio.

Outras sugestões de atividades didáticas junto aos acadêmicos de História, é a retomada dos apontamentos do primeiro vídeo, que remonta à influência paterna sobre a ideologia política seguida pelos filhos. Percebe-se que ao menos quatro dos irmãos Ruaro tiveram algum nível de envolvimento na resistência à ditadura civil-militar. Este episódio permite questionar quais os limites do papel da família e/ou do meio social na formação do indivíduo.

Seguem abaixo as imagens que foram utilizadas no episódio *Uma família comunista*.

Figura 91 – João Ruaro Filho e José Ruaro.



Fonte: APJRF.

Nota: João Ruaro Filho (D) e seu irmão gêmeo, José Ruaro (E).

Aproximadamente 1 ano de idade. A mesma imagem foi utilizada no episódio 1.

Figura 92 – João Ruaro Filho e José Ruaro adultos.



Fonte: APJRF.

Nota: João Ruaro Filho (D) e seu irmão gêmeo, José Ruaro (E) comemorando 58 anos de idade.


Figura 93 – Júlio Ruaro (1).



Fonte: APERS.

Nota: Carteira Profissional de Júlio Ruaro – irmão de Ruaro que também foi preso, acusado de envolvimento com organizações consideradas subversivas. Júlio faleceu em 13 de junho de 1976, vítima de complicações do diabetes desencadeadas pela sua prisão, pois ele não recebeu as medicações de uso contínuo que utilizava. Depois da prisão, Ruaro conta que a doença do irmão não pôde mais ser controlada. Imagem ilustra a fala de Ruaro sobre a participação dos irmãos nas organizações de esquerda.

Figura 94 – Júlio Ruaro (2).


PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
CASA MILITAR
SUBSECRETARIA DE INTELIGÊNCIA

SEC. JUSTIÇA E SEGURANÇA
 Nº FL. 44
 RUP. 1/1

Em conformidade com a Portaria nº 008, de 16 JAN 96, da Subsecretaria de Inteligência da Presidência da República, e em atendimento a requerimento de GENI ASSUNTA RUARO, protocolado no dia 15 MAIO 98, referente a seu falecido esposo JÚLIO RUARO, informo que nos arquivos em poder desta Subsecretaria há registros sobre fatos e situações com as seguintes indicações a respeito do "de cujus":

JÚLIO RUARO, brasileiro, filho de JOÃO RUARO FILHO e MARIA LÍDIA DE ANDRADE RUARO, nascido no dia 08 AGO 46, em São Francisco de Paula/RS.

Em 70, integrou relação elaborada pela SSP/RS de pessoas tidas como subversivas, onde consta que foi detido no dia 08 ABR 70 e posteriormente liberado, não possuindo vinculação com organização subversiva.

Ainda em 70, hospedou em sua residência, em Caxias do Sul/RS, dois irmãos que estavam sendo procurados como subversivos e militantes da Vanguarda Armada Revolucionária-Palmares (VAR-Palmares).

É o que se contém arquivado neste Órgão até a presente data.*****

Brasília/DF, 01 de julho de 1998

Fonte: APERS.

Nota: Relatório expedido pela Casa Militar da Presidência da República, Subsecretaria de Inteligência, em 01 de julho de 1998, onde são apresentadas as informações que o governo brasileiro tinha arquivadas a respeito da atuação política de Júlio. Este documento foi solicitado para fins de comprovação em um processo movido contra do estado do RS que requeria indenização pelas perseguições e torturas. Imagem ilustra a fala de Ruaro sobre a participação dos irmãos nas organizações de esquerda.

Figura 95 – Ismael Ruaro.

traído do depoimento da testemunha - ISMAEL RUARO

... às fls. 149 e 150 - ... "Que o local desta conversa se processou /
 pra... à Rua Barão do Amazonas, decorrendo aproximadamente 40 minutos /
 de op. ...; que durante a palestra o indivíduo de nome JAIMES falou cla-
 ramente que desejava informações para um futuro assalto à Unidade do /
 depoente, tendo perguntado inclusive, de que armamento dispunha no seu /
 interior; que ainda no decorrer da conversa, o indivíduo referido pro-
 puz ao depoente fosse pelo nome feita a limpeza de armas, que parecia /
 no depoente, possuir tal indivíduo; ..."

Fonte: Arquivo Nacional.

Nota: Extrato de depoimento de Ismael Ruaro (irmão), que era militar, sobre a investigação da tentativa de sabotagem do avião da FAB em 1965. Imagem ilustra a fala de Ruaro sobre a participação dos irmãos nas organizações de esquerda.


Figura 96 – Jornal Pioneiro (2).



Fonte: APERS. A fonte também está disponível para consulta virtual no site do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul - <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=49551&p=0>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Notícia do jornal Pioneiro de 02 de maio de 1970 revela o dismantelamento de focos subversivos de Caxias do Sul, com a prisão de José Ruaro, entre outros militantes. É noticiada também a descoberta dos planos para assalto ao à agência do Banco do Brasil de Caxias do Sul. As duas imagens posteriores que aparecem no vídeo são recortes ampliados desta mesma fonte, dando destaque para o trecho que fala sobre a prisão de José. As três imagens ilustram a fala de Ruaro sobre a militância de seus irmãos.


Figura 97 – Ruaro (6).

ORIGEM	DATA	PESQUISADOR	REGISTRO GERAL
CI	26 08 75	UNIFICADO 28.04.81	8003526624
NOME: JOÃO RUARO FILHO			
FORMA USUAL: João Ruaro Filho			
NÚMERO: C.N. nº 8.013		CIDADE: CAXIAS DO SUL/RS	
nº A/10		RESPONSÁVEL (pai, mãe) (se a parte for menor de idade)	
nº 159Vº			

Fonte: APERS.

Nota: Ficha de identificação de Ruaro junto ao Instituto de Identificação da Polícia Civil do RS, datada de 1975. A imagem ilustra a fala de Ruaro sobre a militância de seus irmãos.

Figura 98 – José Ruaro.

ORIGEM	DATA	PESQ.	REGISTRO
C.I.	02.03.84		7006654918
NOME	JOSE RUARO		NASC. 17.02.1938
SINATURA	José Ruaro		
NOME DO PAI	JOAO RUARO		
NOME DA MÃE	MARIA LYDIA DE ANDRADE		
RESID.	Det. São Gabriel - SMO		
DOCUMENTO	C.N. nº 8014	OBS. ORIG. aut. Reg. Pol. CAX. SUL/RS	
TÍTULO	Alto	Nº 1156947	
QUANTAS	160		
CIDADE	CAXIAS DO SUL/RS		

Fonte: APERS.

Nota: Ficha de identificação de José Ruaro junto ao Instituto de Identificação da Polícia Civil do RS, datada de 1984. A imagem ilustra a fala de Ruaro sobre a militância de seus irmãos.

Figura 99 – Irmãos Ruaro.



Fonte: APJRF.

Nota: Da esquerda para a direita: Ruaro e seus irmãos José e Ismael. Fotografia provavelmente da década de 1940. Imagem ilustra a fala de Ruaro sobre a atuação política de seus irmãos, bem como o posicionamento de seu pai sobre tal atuação.

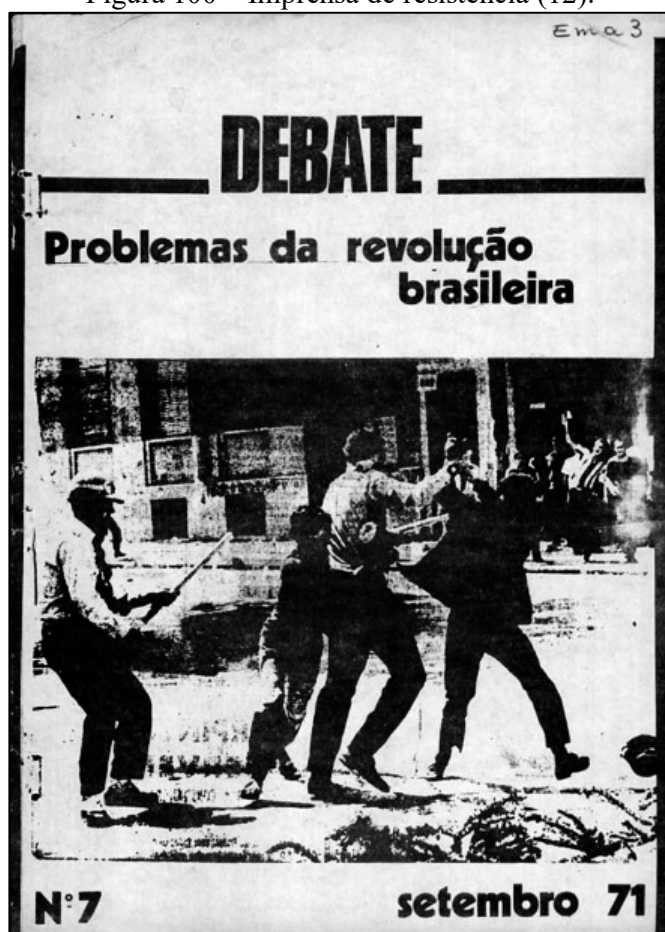
3.1.8 Episódio 8: 40 anos depois

Link para acesso ao episódio 8: <<https://youtu.be/iTcPCamO84I>>.

O oitavo e último episódio desta videografia, *40 anos depois*, com quatro minutos e trinta e dois segundos, traz as impressões de Ruaro e de seus companheiros de militância a respeito de sua trajetória política na resistência à ditadura civil-militar. Em sobreposição às falas de Ruaro, foram incluídas imagens fotografias da época da ditadura, que contextualizam e ilustram as falas, digitalizações de documentos oficiais e também fotos de Ruaro durante seu período de vereança (década de 1980) e da Comissão Nacional da Verdade (década de 2010). A trilha sonora é feita pela música “Será”, da banda Rota Lunar. A escolha se deu pelo fato de seu refrão trazer um questionamento sobre a validade de esforços empreendidos para um determinado objetivo, além de ser uma banda local da cidade de Caxias do Sul.

Como o título sugere, os depoimentos para este episódio foram colhidos cerca de 40 anos depois dos fatos ocorridos. Percebe-se, então, uma reflexão elaborada de cada um dos entrevistados, demonstrando inclusive que houve algumas mudanças de posicionamento. A fala de Ruaro demonstra bem esse tipo de mudança. O conceito de projeto e de campo de possibilidades de Velho (2003), supracitado nesta dissertação, também pode ser utilizado para compreender essas mudanças de posicionamento político. Os trabalhos publicados pelo Projeto Clínicas do Testemunho⁸³ (SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA, 2014) podem auxiliar nas reflexões em sala de aula.

Figura 100 – Imprensa de resistência (12).

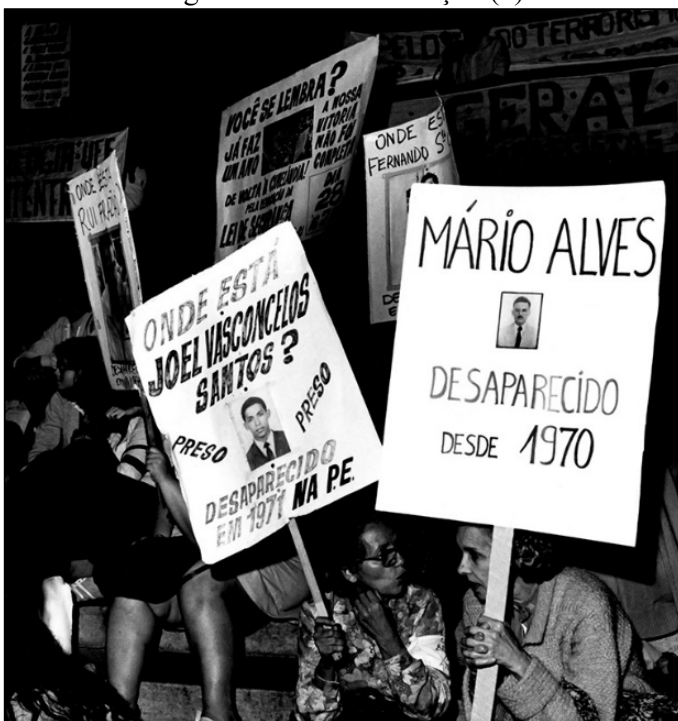


Fonte: Memorial da Democracia - <<http://memorialdademocracia.com.br/imprensa-resistencia#exilados>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Publicação veiculada por organizações de esquerda desde o exterior. Ilustra a fala de Ruaro quando ele critica a opção pela luta armada.

⁸³ As publicações do Projeto Clínicas do Testemunho e demais informações a respeito do projeto podem ser acessadas no endereço <http://www.appoa.com.br/clinicas_do_testemunho>.

Figura 101 – Manifestação (3).



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://memorialdademocracia.com.br/card/exercito-massacra-mario-alves-no-rio>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Manifestação em agosto de 1980, no Rio de Janeiro, cobra explicações sobre desaparecidos políticos. Imagem faz um contraponto à fala de Ruaro, que expressa arrependimento pela luta armada, e afirma que havia, de fato, terrorismo sendo praticado por parte da esquerda.

Figura 102 – Manifestação (4).



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://memorialdademocracia.com.br/card/passeata-dos-cem-mil-afrota-a-ditadura>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro, em 1968. Povo vai às ruas se manifestar contra a ditadura. Imagem ilustra a fala de Ruaro, que expressa arrependimento pela luta armada.

Figura 103 – Movimento Custo de Vida.

MOVIMENTO DO CUSTO DE VIDA

A HISTÓRIA DO MOVIMENTO DO CUSTO DE VIDA

1973 - Carta dos clubes de mães às autoridades
 1975 - Pesquisa dos trabalhadores em 2.000 casas à respeito do custo de vida.
 1976 - Abaixo-assinado com 18.500 assinaturas e Assembleia (Colegio Santa Maria) de 4.000 pessoas pedem: congelamento de preços, aumento de salários, mais creches e escolas.
 1977 - Janeiro: reunião de 80 representantes de 18 bairros para retomar o Movimento do Custo de Vida
 1977 - 5 de agosto: 700 representantes de bairro elegem a comissão diretora do Movimento do Custo de Vida
 1978 - Jan/Fev.: lançamento do abaixo-assinado em diversas regiões da periferia da Grande São Paulo
 1978 - 12 de março: lançamento oficial do abaixo-assinado com a participação de 7.000 pessoas, no Colegio Arquidiocesano
 1978 - 27 de agosto: entrega do abaixo-assinado contendo 1.300.000 assinaturas na praça da Sé. Compareceram cerca de 20.000 pessoas, mas nenhuma autoridade.
 1978 - 29 de outubro: assembleias das **panelas vazias**, nas regiões Oeste, Sul e Leste, em Santo André e Campinas protestam contra o não atendimento de nossas reivindicações.

O Movimento do Custo de Vida exige:

- congelamento dos preços dos gêneros primeira necessidade.
- aumento dos salários acima do aumento do custo de vida.
- abono salarial imediato e sem descontos para todas as categorias de trabalhadores.

O problema do custo de vida não é fácil de resolver. A luta contra a carestia é dura e demorada. Mas é só lutando e nos organizando que nós, o povo, vamos conseguir acabar com ela.

Unidos venceremos as dificuldades e estaremos contribuindo para que, no futuro, haja uma política em que as desigualdades econômicas sejam eliminadas e tenhamos liberdade para decidir o que é melhor para nós.



Lançamento do abaixo-assinado no Colegio Arquidiocesano



Assembleia de entrega do abaixo-assinado na Praça da Sé

1979 A luta continua ...

Fonte: Memorial da Democracia - <<http://memorialdademocracia.com.br/card/alta-do-custo-de-vida-mobilizacoes#card-140>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Panfleto de divulgação das reivindicações do Movimento Custo de Vida. Imagem ilustra a fala de Ruaro, fala sobre a importância da organização dos trabalhadores para galgar mudanças sociais.

Figura 104 – Repressão (3).

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
11 EXÉRCITO
- QUARTEL GENERAL -
| COB/11 EX | (OB) - DOU |

| GRADE DE PRESOS - DO EXÉRCITO |

Relação dos elementos que se encontram presos neste Destacamento, do dia 29
para 30 de JUNHO de 1971

	N O M E S	PRÉSO POR	ENTRADA	PRISÃO	DESTINO	OBS
1-	EDGARD DE ALMEIDA MARTINS / ("ANISIO DOS SANTOS", "ANTO- NIO DE BIASI", "PAULO ARMANDO DUARTE", "CID", "GUSTAVO", "MA- THIAS", "MILTON", "RENATO" ou "MIRO")	C/ 1-2-4	17/01	XAD/4		INT.
2-	ANTONIO ANDRÉ CAMARGO GUERRA ("ANTONIO HERCULANO DE MATTOB", "PEDRO JOSÉ DOS REIS", "MÁR- CIO", "RAFAEL", "FERNANDO", HO- MERO" ou "ALEXANDRE")	DEOPS	13/03	XAD/2		INT.
3-	ALTINO RODRIGUES DANTAS JU- NIOR ("FREDERICO ANTONIO MAN- ZONI", "ALE ARDO KANSON", "RE- NATO PIMENTA", "DANIEL VILLAR ARAÚJO", "EDUARDO JANOT PACHE- CO", "DANIEL" ou "RENATO")	DEOPS	03/06	XAD/2		INT.
4-	LENIRA MACHADO DANTAS ("ELZA RAMOS", "ELZA" ou "CÉLIA")	DEOPS	03/06	ESP/6		INT.
5-	BRUNO MENDONÇA COSTA ("ÁLVARO")	DEOPS RGS	06/06	XAD/4		INT.
6-	RAUL KROEFF MACHADO CARRION ("VITOR" ou "JÚLIO")	DEOPS RGS	06/06	XAD/3		INT.
7-	JONAS TADEU DA SILVA MALACO ("CARLOS")	A/2	14/06	XAD/2		INT.
8-	PAULO ESPER PIMENTA ("FERNANDO")	C/2	16/06	XAD/4		INT.
9-	CARMO WILLIAN OLIVEIRA NERI	DPF	18/06	XAD/5		
10-	HECTOR CAMILETTI	DEIC	18/06	XAD/2		
11-	ERNESTO CASANOVA	DEIC	18/06	XAD/3		
12-	FRANCO MARTINS ARAÚJO	DPF	18/06	XAD/5		
13-	ALBERTO FERREIRA VIEI- RA	I Ex.	19/06		LIB.	INT.
	MARIA DE MIRANDA SIPAHI	I	22/06	ESP/6		INT.

Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/card/terror/1>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Lista de nomes de presos do Exército. Imagem ilustra a fala de Ruaro, fala sobre o desinteresse do governo brasileiro em divulgar a nominata dos militantes de esquerda para o empresariado.

Figura 105 – Exilados.



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://m.memorialdademocracia.com.br/card/luta-armada>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Grupo de presos políticos que foram enviados para o exílio no Chile, em troca do embaixador da Suíça, que havia sido sequestrado. Imagem ilustra as considerações de Ruaro sobre a luta armada que fora empreendida pelos militantes contra a ditadura.

Figura 106 – Comissão Nacional da Verdade (1).



Fonte: Comissão Nacional da Verdade - <<http://www.cnv.gov.br/fotos.html>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Entrega do relatório da CNV à presidenta Dilma Rousseff, em 10 de dezembro de 2014. Imagem ilustra as considerações de Ruaro sobre a luta armada que fora empreendida pelos militantes contra a ditadura.

Figura 107 – Comissão Nacional da Verdade (2).



Fonte: Comissão Nacional da Verdade - <<http://www.cnv.gov.br/fotos.html>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Entrega do relatório da CNV à presidenta Dilma Rousseff, em 10 de dezembro de 2014. Imagem ilustra as considerações de Ruaro sobre a luta armada que fora empreendida pelos militantes contra a ditadura.

Figura 108 – Ruaro (7).



Fonte: AHMJSA.

Nota: Ruaro, em evento como vereador, na década de 1980. O objetivo de ilustrar a fala de Ruaro com uma foto sua é de manter o foco do espectador para o papel do indivíduo, o sujeito histórico.

Figura 109 – Ruaro (8).



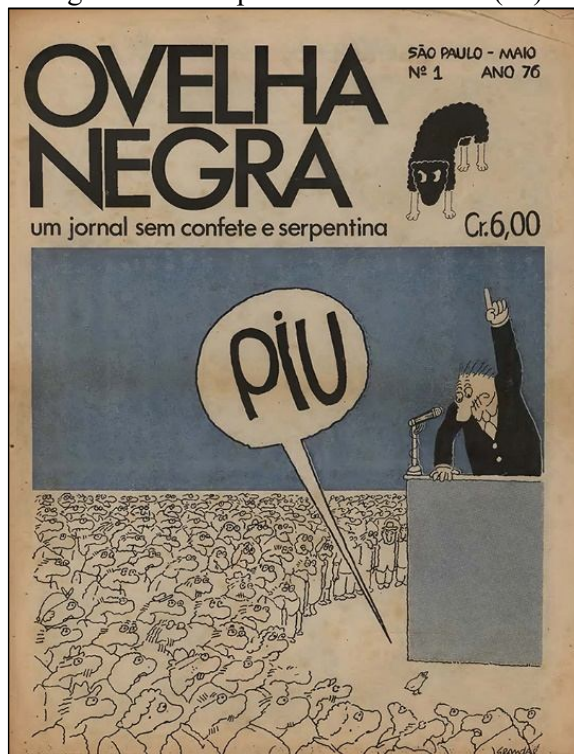
Fonte: Jornal Pioneiro.

Crédito: Porthus Júnior. Agência RBS. *Link:*

<<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2016/04/morre-em-caxias-do-sul-o-ex-vereador-joao-ruaro-filho-5777946.html>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Fotografia de Ruaro obtida em janeiro de 2011, durante entrevista concedida ao jornal Pioneiro em sua casa. Esta imagem também foi utilizada no episódio *A Prisão*. O objetivo de ilustrar a fala de Ruaro com uma foto sua é de retomar o foco do espectador para o papel do indivíduo, o sujeito histórico.

Figura 110 – Imprensa de resistência (15).



Fonte: Memorial da Democracia - <<http://memorialdademocracia.com.br/imprensa-resistencia/alternativos/15>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Publicação de imprensa alternativa ilustra a fala de Ruaro sobre lições aprendidas em sua experiência na prisão.

Figura 111 – Ficha Ruaro - Deops.

Nome: FILHO - JOÃO RUARO

Qualificação: Filho de João Ruaro Filho e de Maria Lídia Andrade, brasileiro, nat. de Caxias do Sul, RGS, nascido aos 17/2/1938.

Assunto: Indiciado em Inquérito Policial "por praticar atos destinados a provocar a guerra revolucionária e subversiva", conf. consta de Relatório datado de 18.5.70 (Doc. arq. na Pasta nº 14 de Relatórios de Inquéritos e Sindicâncias sob nº 2) AS/ em 5.6.70-

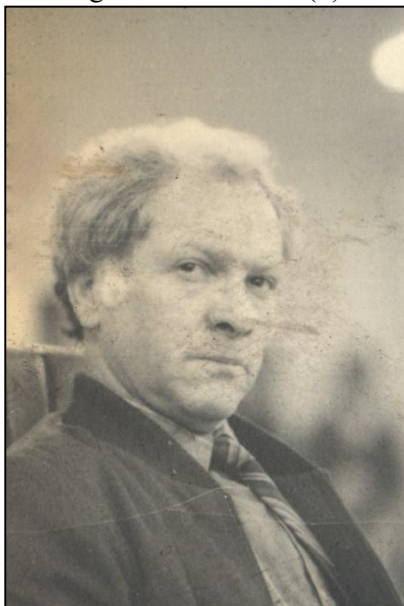
ASSUNTO - Rec. Presos Tiradentes, pelo of. de nº.. 1835-71, de 20-9-71, comunicando que nesta data estão sendo colocados em LIBERDADE, com Alvará de Soltura,

Fonte: APESP. Disponível para consulta⁸⁴ através do link

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/deops_ficha>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Ficha de Ruaro junto ao DEOPS-SP. Ilustra a fala de Ruaro a respeito de sua experiência na cadeia como preso político.

Figura 112 – Ruaro (9).

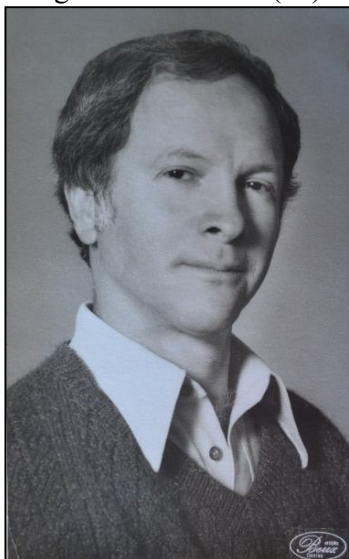


Fonte: Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul - <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=56457&p=0>>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

Nota: Foto oficial de Ruaro como vereador. O objetivo de ilustrar a fala de Ruaro com uma foto sua é de manter o foco do espectador para o papel do indivíduo, o sujeito histórico.

⁸⁴ Necessário fazer um breve cadastro no site para poder acessar os documentos.

Figura 113 – Ruaro (10).



Fonte: APJRF.

Crédito: Studio Beux.

Nota: O objetivo de ilustrar a fala de Ruaro com uma foto sua é de manter o foco do espectador para o papel do indivíduo, o sujeito histórico. A mesma imagem foi utilizada também no episódio VAR-Palmares

Figura 114 – Panfleto Ruaro.



Fonte: APJRF.

Nota: Panfleto de campanha para vereador de Ruaro. O objetivo de ilustrar a fala de Ruaro com uma foto sua é de manter o foco do espectador para o papel do indivíduo, o sujeito histórico.

Figura 115 – Ruaro (11).



Fonte: APJRF.

Nota: Fotografia da posse de Ruaro como vereador em Caxias do Sul, em 1983. O objetivo de ilustrar a fala de Ruaro com uma foto sua é de manter o foco do espectador para o papel do indivíduo, o sujeito histórico.

Os oito episódios disponibilizados podem receber ainda outras abordagens didáticas, a partir dos conhecimentos prévios dos professores e estudantes e da historiografia já publicada. Os assuntos trabalhados nos vídeos permitem problematizações desde contextos macro, como por exemplo, em nível mundial ou nacional, até micro, focando a análise no indivíduo como sujeito da História.

Link para acesso ao vídeo completo, com trinta e oito minutos e seis segundos de duração: <<https://youtu.be/KBNBn4P456Q>>.

Optamos por descrever o processo criativo e o método utilizado com as ferramentas para não apenas favorecer a compreensão do mesmo, mas também para que novos trabalhos de videografia possam ser gerados, como uma forma de socializar e facilitar o início da produção. Acreditamos que, apenas mostrar o resultado final – os vídeos – seria cômodo, enquanto que mostrá-los e descrever a jornada de sua feitura, defende melhor o propósito do programa de Mestrado Profissional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A justificativa desta pesquisa se faz pertinente na medida em que a segunda metade da década de 2010 está sendo marcada por profunda instabilidade no Brasil. O cenário político apresenta escândalos de corrupção com uma frequência preocupante. A conjuntura de crise econômica e política coloca parte da população em situação de insatisfação e desesperança. O esquecimento e o silenciamento a que foram submetidas as vítimas da ditadura permitem que discursos saudosistas da ditadura e a favor de uma nova intervenção militar ganhem fôlego.

As fontes analisadas para esta pesquisa demonstraram que as organizações de resistência política à ditadura civil-militar brasileira possuíam núcleos no interior do país, como foi o caso da Serra Gaúcha e, mais especificamente, Caxias do Sul. Desta forma, colaborando com a desconstrução da falsa ideia de uma esquerda armada que estava restrita aos grandes centros urbanos do país (São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro).

Relatos da atuação tanto de grupos de esquerda armada, quanto das forças repressivas em Caxias do Sul confirmam a presença destes movimentos e tensões nesta região. As fontes analisadas apresentam inclusive a existência de planos de uma ação de expropriação à agência do Banco do Brasil da cidade. Planos estes frustrados pela repressão.

O estudo da trajetória política de Ruaro demonstrou que os ideais comunistas encontravam-se no seio de sua família paterna, e que permearam sua formação pessoal. Seus relatos, bem como os de sua irmã, Zélia, apresentam referências às concepções políticas de seu avô e seu pai alinhadas à esquerda, influenciando na formação ideológica dos filhos.

As referências a essa herança ideológica representam o papel do meio familiar e social em que se dão o crescimento e a formação de cada indivíduo. Embora não sejam necessariamente determinantes, reforça-se a importância de se levar em consideração as influências externas para a constituição dos sujeitos históricos.

Militante do Partido Comunista Brasileiro, integrante do grupo de esquerda armada VAR-Palmares, líder sindical e defensor da causa operária. Lembrado por amigos e familiares como referência de carinho, inteligência, ternura e firmeza. Este é o Ruaro que as fontes consultadas permitiram reconstruir nesta escrita biográfica.

Cuidados metodológicos foram tomados para garantir a rigor científico face à relação subjetiva que envolve a historiadora e o objeto de pesquisa (filha e pai). A análise de fontes diversificadas e o aporte teórico adequado para a problematização das mesmas foram essenciais para evitar que o papel de filha se sobrepujasse ao de pesquisadora.

As fontes também trouxeram a público situações de descontinuidades e mudanças de rumos na vida de Ruaro. Seus relatos de desilusões, de incertezas e as mudanças de posicionamentos engendradas pelos meandros da memória no decorrer do tempo demonstram as vicissitudes de continuidades e descontinuidades que Bourdieu (2005) e Velho (2003) trabalham com os conceitos de ilusão biográfica e projeto.

Os conhecimentos e habilidades desenvolvidos por Ruaro no decorrer de sua vida e de sua militância, compreendidos à luz do conceito de recurso (BOURDIEU, 2005), contribuíram para a compreensão deste sujeito histórico e de sua trajetória. A soma das origens familiares, das experiências permitidas pelos campos de possibilidades (VELHO, 2003) e das leituras e estudos efetuados por Ruaro o constituíram no sujeito apresentado nesta pesquisa.

O estudo descortinou fatos marcantes da militância de Ruaro, como sua entrada para o PCB em 1963 através de colegas de escola em Porto Alegre e a posterior migração para a VAR-Palmares, defendendo a via armada para a sonhada revolução. Através de sua trajetória, lê-se parte da História Política recente do Brasil. Percebem-se algumas das divergências internas do PCB que originaram grupos dissidentes de resistência à ditadura pelo método de guerrilha.

Outro aspecto abordado foi o da militância de Ruaro em São Paulo, culminando com sua prisão e experiência de torturas físicas e psicológicas sob o poder da Operação Bandeirante. Estes episódios reforçam e complementam a historiografia do período, apresentando casos de sequestros, violações de direitos humanos, abusos de poder e arbítrios variados, denunciados pela investigação BNM. (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 2014).

A ditadura civil-militar brasileira e todo o seu esquema repressivo deixaram profundas marcas na sociedade brasileira. Marcas de silenciamentos, de violações, violências e de abusos de poder. A herança destas marcas tem permitido a naturalização da violência por parte do Estado. Nas últimas décadas a historiografia do período vem crescendo e vasculhando documentos ainda inéditos, há pouco tempo abertos à população e aos pesquisadores.

Este trabalho permite apresentar à sociedade histórias que haviam sido silenciadas, dando voz a sujeitos que vivenciaram e foram marcados pela ditadura, direta ou indiretamente. Trajetórias como a de Ruaro são um exemplo de possibilidade de abordagem e problematização de um passado recente e sensível, em que ainda se conta com a coetaneidade entre historiador e objeto de pesquisa.

Frente todo o exposto, acredita-se que a produção videográfica aqui apresentada possa realmente colaborar para o ensino de História do Brasil, especialmente em nível superior. O

objetivo deste trabalho terá sido atingido se, em alguma medida, agregar conhecimento e problematizações para a formação dos futuros historiadores e professores de História.

Metodologicamente, procurou-se descrever a produção dos vídeos, com o intuito de facilitar o processo para outros pesquisadores que possam se interessar em trilhar caminhos semelhantes com a produção de vídeos historiográficos.

Além disso, este exercício de escrita videográfica abre mais uma possibilidade de diálogo entre os pesquisadores a respeito dos novos suportes para a escrita da História. Estimula-se a outros pesquisadores para que sigam na busca de respostas para as novas formas de difusão do conhecimento historiográfico. Em tempos de incertezas, crises e reavivamento de setores reacionários e conservadores da sociedade, a pesquisa sobre as ditaduras se faz urgente.

Dessa forma, o trabalho não esgota a temática mas sim, possibilita novas reflexões e escritas sobre biografia e ensino de história, bem como a respeito de outros temas relacionados ao Brasil e o tempo presente.

Para que NÃO se ESQUEÇA!

Para que NUNCA mais ACONTEÇA!

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ANGELO, Vitor Amorim de. **Ditadura militar, esquerda armada e memória social no Brasil**. 2011. 225 f. Tese (Doutorado) - Doutorado em Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.
- ARQUIDIOCESE de São Paulo. **BRASIL: Nunca mais**. 41.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BARROS, José D'Assunção. **A expansão da história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BAUER, Caroline Silveira. **Brasil e Argentina: ditaduras, desaparecimentos e políticas de memória**. Porto Alegre: Medianiz, 2012.
- BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janáina (Org.). **Usos e Abusos da História Oral**. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. Cap. 18. p. 219-229.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 13. ed. Brasília: UnB, [2007]. 2 v.
- BORGES, Vavy Pacheco. **Em busca de Gabrielle: séculos XIX e XX**. São Paulo: Alameda, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. 4.ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 7.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.
- BRASIL. Decreto nº 40, de 15 de fevereiro de 1991. **Promulga A Convenção Contra A Tortura e Outros Tratamentos Ou Penas Cruéis, Desumanos Ou Degradantes**. Brasília, DF, 15 fev. 1991. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D0040.htm>. Acesso em: 27 set. 2017.
- CARVALHO, Yuri Rosa de. **“Se dez vidas tivesse, dez vidas daria”**: o Movimento Revolucionário Tiradentes e a participação da classe trabalhadora na resistência (1964-1971). 2014. 268 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.
- CATELA, Ludmila da Silva. **Situação-Limite e Memória: A reconstrução do mundo dos familiares de desaparecidos na Argentina**. São Paulo: Hucitec, Anpocs, 2001.
- CHAGAS, Fábio André Gonçalves das. **A luta armada gaúcha contra a ditadura militar nos anos de 1960 e 70**. 2007. 292 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.
- COMBLIN, José. **A ideologia da segurança nacional: o poder militar na América Latina**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

COUTINHO, Eduardo. **O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S.l.], v. 15, set. 2012.

DELANOY, Simone Soares. **A presença francesa na arquitetura pelotense** - um estudo sobre o arquiteto Julio Delanoy. 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.

DIAS, Cristiane Medianeira Ávila. A perseguição ao militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) João Carlos Bona Garcia no Brasil e no Chile: o terror sem fronteiras. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, v. 27, p.92-103, 2º semestre 2012. Semestral.

_____. O Terrorismo de Estado (TDE) e a luta armada no Rio Grande do Sul: 1970. **Estudios Históricos**, Rivera, n. 13, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.estudioshistoricos.org/Otros/n13.html>>. Acesso em: 02 abr. 2017.

FALCÓN, Gustavo. **A trajetória política de Mário Alves (1923-1970)**: Um caminho brasileiro para o socialismo. 2007. 223 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

FERNANDES, Ananda Simões. A coordenação repressiva entre a ditadura civil-militar brasileira e o Uruguai (1964-1973). In: PADRÓS, Enrique Serra (Org.). **Conesul em tempos de Ditadura**: reflexões e debates sobre História Recente. Porto Alegre: Evangraf - UFRGS, 2013. p. 179-194.

FICO, Carlos. **O grande irmão da Operação Brother Sam aos anos de chumbo**: o governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FRAGA, Paulo Denisar. Tiellet: o pensador e suas idéias. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 30, nov. 2003. Mensal. Disponível em: <<https://www.espacoacademico.com.br/030/30efraga.htm>>. Acesso em: 07 abr. 2017.

GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas**. 5.ed. São Paulo: Ática, 1999.

GREMAUD, Amaury Patrick; SAES, Flávio Azevedo Marques de; TONETO JÚNIOR, Rudinei. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Atlas, 1997.

GUAZZELLI, Dante Guimaraens. **A lei era a espada**: a atuação do advogado Eloar Guazzelli na Justiça Militar (1964-1979). 2011. 124 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (Ed.). **Anuário Estatístico do Brasil**: 1962. Rio de Janeiro, 1962. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1962.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2017.

KEHL, Maria Rita. Tortura e Sintoma Social. In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (Org.). **O que resta da ditadura**. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 123-132. (Coleção Estado de Sítio).

KUCINSKI, Bernardo; TRONCA, Ítalo. **Pau de arara: a violência militar no Brasil: com apêndices documentais**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013. (Cadernos Perseu. Memória & História). Disponível em: <<http://novo.fpabramo.org.br/sites/default/files/pauararacompleto.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e Abusos da História Oral**. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. Cap. 12. p. 167-182.

MAGER, Juliana Muylaert. Entre o olhar e a escuta: documentário e vídeo-história. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2013, Natal - RN. **Conhecimento Histórico e diálogo social**. ANPUH. Disponível em: <<http://www.snh2013.anpuh.org>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

MAUAD, Ana Maria; KNAUSS, Paulo. Memória em movimento: a experiência videográfica do LABHOI/UFF. **História Oral**, v. 9, n. 1, p.143-158, jan-jun, 2006. Semestral. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

O DIA que durou 21 anos. Direção de Camilo Tavares. Produção de Flávio Tavares. Roteiro: Camilo Tavares. Música: Dino Vicente. [s.i.]: Pequi Filmes, 2012. (77 min.), son., color.

OHATA, Milton (Org.). **Eduardo Coutinho**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

PADRÓS, Enrique Serra. **Como el Uruguay no hay... Terror de Estado e Segurança Nacional. Uruguai (1968-1985): do Pachecato à Ditadura Civil-Militar**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. 850f. Tese (doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____. Conexão repressiva internacional: o Rio Grande do Sul e o Brasil. In: PADRÓS, Enrique Serra et al (Org.). **A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): História e Memória**. Porto Alegre: Corag, 2009a. p. 49-81.

_____. História do Tempo Presente, Ditaduras de Segurança Nacional e Arquivos Repressivos. **Tempo e Argumento: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p.30-45, jan./jun., 2009b. Semestral. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/708/599>>. Acesso em: 24 maio 2016.

PEDROSA, Fernando Velôzo Gomes. **Missão de Paz na República Dominicana**. 2015. Disponível em: <<http://eblog.eb.mil.br/index.php/noticias/4197-missao-de-paz-na-republica-dominicana>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989.

POZZA, Rosilene. Rastros da guerrilha em Caxias. **Pioneiro**. Caxias do Sul, 5-6 abr. 2014. Política, p. 10-11.

SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA (Org.). **Clínicas do Testemunho: Reparação Psíquica e Construção de Memórias**. Porto Alegre: Criação Humana, 2014.

QUADROS, Carlos Fernando de. **Jacob Gorender, um militante comunista: estudo de uma trajetória política e intelectual no marxismo (1923-1970)**. 2015. 219 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História Social, Programa de Pós-graduação em História Social; Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RAUTER, Cristina; PASSOS, Eduardo; BENEVIDES, Regina (Org.). **Clínica e Política: Subjetividade e Violação dos Direitos Humanos**. Rio de Janeiro: Ifb Te Corá, 2002.

REIS, Daniel Aarão (Coord.). **Modernização, ditadura e democracia: 1964 – 2010**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. Série História do Brasil Nação: 1808 – 2010, volume 5.

REIS FILHO, Daniel Aarão; SÁ, Jair Ferreira de (Org.). **Imagens da Revolução: Documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda dos anos 1961-1971**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

REMOND, René (Org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. Tradução de: Dora Rocha. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/106486485/Livro-REMOND-Por-Uma-Historia-Politica#scribd>>. Acesso em: 27 dez. 2015.

SANTANA, Adriana Alves et al. O contexto e o intertexto na música *Pra não dizer que não falei das Flores*, de Geraldo Vandré. **Revista Graduando: Entre o Ser e o Saber - Revista Acadêmica da Graduação em Letras - UEFS**, Feira de Santana, v. 2, n. 2, jan-jun 2011. Disponível em: <<http://www2.uefs.br/dla/graduando/2ed.htm>>. Acesso em: 09 set. 2017.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. Cap. 10. p. 187-205.

_____. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. **História**, Franca, v.33, n.1, p.124-144, Jun 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742014000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 abr. 2017.

SILVA, Kalina Vanderlei. Biografias. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Novos temas nas aulas de história**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVEIRA, Eder da Silva. **Além da traição: Manoel Jover Teles e o comunismo no Brasil do século XX**. 2013. 306 f. Tese (Doutorado) –Curso de Doutorado em História, Programa de Pós-graduação em História, Escola de Humanidades, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo**. 1964-1985. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (Org.). **O que resta da ditadura:** A exceção brasileira. São Paulo: Boitempo, 2010. (Coleção Estado de Sítio).

TELES, Edson. Entre justiça e violência: Estado de exceção nas democracias do Brasil e da África do Sul. In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (Org.). **O que resta da ditadura.** São Paulo: Boitempo, 2010. p. 299-318. (Coleção Estado de Sítio).

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose:** antropologia das sociedades complexas. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ANEXO A – CESSÃO DE DIREITOS DE JOSÉ CARLOS MONTEIRO

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA A UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

1. Pelo presente documento, José Carlos Monteiro, de nacionalidade brasileira, [REDACTED], *professor*, carteira de identidade nº [REDACTED], residente e domiciliado/a [REDACTED]

cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo à Universidade de Caxias do Sul a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral audiovisual prestado no dia 24/03/2017, na cidade de Caxias do Sul, perante a pesquisadora Denise Ruaro Radaelli.

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno de seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

3. Fica pois a Universidade de Caxias do Sul plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Caxias do Sul, *24* de *março* de 2017.

J. Monteiro

Assinatura do Cedente

TESTEMUNHAS:

Marcelo Radaelli

Nome legível: MARCELO RADAELLI

CPF: [REDACTED]

Denise Ruaro Radaelli

Nome legível: Denise Ruaro Radaelli

CPF: [REDACTED]

ANEXO B – CESSÃO DE DIREITOS DE PAULO DE TARSO CARNEIRO

**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA A
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

1. Pelo presente documento, PAULO DE TARSO CARNEIRO, de nacionalidade brasileira, [REDACTED], *apresentado*, carteira de identidade nº [REDACTED], residente e domiciliado/a em Porto Alegre, à rua [REDACTED]

cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo à Universidade de Caxias do Sul a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral audiovisual prestado no dia 19/06/2016, na cidade de Porto Alegre, perante as pesquisadoras Denise Ruaro Radaelli e Lara Moncay Reginatto.

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno de seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

3. Fica pois a Universidade de Caxias do Sul plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

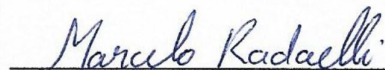
Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Porto Alegre, 19 de julho de 2016.



Assinatura do Cedente

TESTEMUNHAS:



Nome legível: Marcelo Radaelli

CPF: [REDACTED]



Nome legível: Denise Ruaro Radaelli

CPF: [REDACTED]

ANEXO D – CESSÃO DE DIREITOS DE ZÉLIA VANDA RUARO XAVIER

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA A UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

1. Pelo presente documento, Zélia Vanda Ruaro Xavier, de nacionalidade brasileira, [REDACTED] (estado civil), do lar (profissão), carteira de identidade nº [REDACTED], residente e domiciliado/a em [REDACTED], Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo à Universidade de Caxias do Sul a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia 08/08/2016, na cidade Caxias do Sul, perante o(s) pesquisador(es) Denise Ruaro Radaelli.

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno de seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

3. Fica pois a Universidade de Caxias do Sul plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Caxias do Sul, 08 de agosto de 2016.

Local data

Zélia Vanda Ruaro Xavier
Assinatura do Cedente

TESTEMUNHAS:

Marcelo Radaelli
Nome legível: MARCELO RADAELLI

Denise Ruaro Radaelli
Nome legível: DENISE RUARO RADAELLI

CPF: [REDACTED]

CPF: [REDACTED]